

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

de férias

*Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway |
Vladimir Nabokov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio
Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge*

direcção: Luísa Costa Gomes | edição: Tinta Permanente

FORA DE SÉRIE

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

Fora de série

Julho 2001

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

Edição

Tinta Permanente
tintapermanente@mail.pt

Direcção

Luísa Costa Gomes
lcg@ip.pt

Orientação Gráfica

Jorge Silva

Revisão

José Lima

Impressão

Gráfica das Nove

Encadernação

Coingra

Distribuição

Sodilivros

Tiragem

2 500 exemplares

Depósito legal

166893/01

Administração

Empresa de Palavras
Edição de Livros
& Revistas, Ld^a

Sede

Av. Igreja, 9 - 3º Esq.
1700-230 Lisboa
Tel. 218 126 149
Fax 218 492 521

Delegação

Av. Inf. D. Henrique
47 - 3º Esq.
9500-150 P. Delgada
Tel. 296 628 135
Fax 296 284 790

Índice

Anton Tchekov <i>A senhora do cãozinho</i>	5
Manuel Teixeira Gomes <i>Agosto azul</i>	29
Ernest Hemingway <i>Montes como elefantes brancos</i>	43
Vladimir Nabokov <i>Nuvem, castelo, lago</i>	51
Flannery O'Connor <i>Os homens bons não são fáceis de encontrar</i>	65
John Cheever <i>O nadador</i>	89
Julio Cortázar <i>A ilha ao meio-dia</i>	107
Clarice Lispector <i>O grande passeio</i>	117
John Updike <i>A piscina órfã</i>	129
David Lodge <i>Hotel das mamas</i>	137

Anton Tchekov

A senhora do cãozinho

Tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra

Anton Tchekov (1860-1904) escreveu *A Senhora do Cãozinho em Ialta*, entre Agosto e Outubro de 1899. O conto foi publicado pela primeira vez no jornal radical *Russkaia mysl'* (Pensamento Russo) e Tchekov reviu-o e fez alterações para a edição das suas obras completas, três anos mais tarde. Depois de ler *A Senhora do Cãozinho*, Gorki escreveu a Tchekov dizendo que lhe parecia agora "grosseiro e escrito não com a caneta mas com um toro" tudo o que ele próprio, Gorki, escrevera até então. E acrescenta: "Estás a fazer uma grande coisa com as tuas histórias, estás a acordar nas pessoas um sentimento de repulsa pela sua existência dormente, meia-morta..." A história, que parece fazer a apologia do adultério, foi considerada chocante por Tolstoi. Mas a moda dos cãezinhos pegou esse ano, na promenade de Ialta.

I

Espalhou-se logo a notícia de que uma cara nova se passeava pela marginal: uma senhora com um cãozinho. Dmítri Dmítritch Gúrov, com duas semanas de Ialta, já se adaptara o bastante para também se interessar por quem chegava de novo. Sentado no café Vernet, viu a senhora a passar na marginal: uma loura jovem e nada alta, de boina; atrás dela corria um *spitz* branco.

Depois voltou a cruzar-se com ela, várias vezes ao dia, no jardim municipal e no parque. Sempre sozinha, a mesma boina, o *spitz* branco atrás; ninguém sabia quem era, diziam simplesmente: a senhora do cãozinho.

— Sozinha aqui, sem marido nem amigos — congemina Gúrov —, valia a pena conhecê-la.

Gúrov não chegara aos quarenta anos, mas já tinha uma filha de doze e dois rapazes no liceu. Haviam-no casado cedo, ainda no seu segundo ano da universidade, de maneira que a esposa, agora, parecia ter o dobro da idade dele. Era uma mulher alta, de sobrancelhas escuras, muito direita, solene, ar importante e, como dizia ela própria, amiga de pensar. Lia muito, nas cartas já não escrevia o «iáti»¹,

chamava ao marido Dimítri em vez de Dmítri, marido que por sua vez, achando-a de inteligência estreita, ideias curtas, deselegante como mulher, lhe tinha medo e não gostava de parar muito em casa. Como a enganava havia muito tempo, e com frequência, talvez por isso pensasse quase sempre mal das mulheres e, quando na sua presença se falava delas, caracterizava-as por:

— Raça inferior!

Achava-se com suficiente e amarga experiência para lhes chamar o que quisesse, mas nem dois dias podia passar sem a «raça inferior». Não se sentia bem na companhia dos homens, aborrecia-se, era frio, pouco loquaz; mas, entre as mulheres, ficava logo à vontade, com elas sabia como se portar, como falar, até como se calar. Na sua aparência, no seu feitio, em toda a sua natureza havia alguma coisa que atraía, lhe ganhava a simpatia das mulheres, que as seduzia; Gúrov sabia-o, e também uma força qualquer o puxava para elas.

A sua experiência vasta, e realmente amarga, ensinara-lhe havia muito que qualquer intimidade, de início uma coisa agradável para variar na vida, uma aventura fascinante mas ligeira entre duas pessoas decentes, se transformava inevitavelmente em problema dos mais complicados, sobretudo entre os moscovitas indolentes e irresolutos, e se volvia, ao fim e ao cabo, em situação penosa. A cada novo encontro com uma mulher interessante, porém, toda a experiência como que se lhe varria da memória, e tinha outra vez vontade de viver, e era tudo tão fácil, tão divertido.

Estava então uma vez, pelo entardecer, a almoçar no jardim e viu que a senhora da boina se aproximava sem pressas, com a intenção de ocupar a mesa perto da sua. A expressão, o andar, a roupa, o penteado, tudo lhe dizia que a mulher era da boa sociedade, casada, em Ialta pela primeira vez, e que se aborrecia. Nas histórias sobre a pouca-vergoonha dos hábitos locais havia muita mentira e Gúrov

desprezava-as, sabia que tais histórias eram inventadas por pessoas que se soubessem pecar também pecariam, mas, quando a senhora se sentou na mesa ao lado, a uns três passos dele, vieram-lhe à memória essas histórias de conquistas fáceis, de escapadelas para os montes, e a ideia sedutora de uma relação leve e passageira, a ideia de romance com a desconhecida de quem não sabia sequer o nome, dominou-o repentinamente.

Chamou o *spitz* com um gesto afável e, quando o cãozinho se aproximou, pôs-se a ameaçá-lo com o dedo. O *spitz* rosnou. Gúrov voltou a brandir o dedo para o cão.

A senhora olhou para ele e baixou logo os olhos.

— Não morde — disse ela, e corou.

— Posso dar-lhe um osso? — E, quando ela fez que sim com a cabeça, perguntou, simpático:

— Há muito que chegou a Ialta?

— Há cinco dias.

— Pois eu já me arrasto por cá vai para duas semanas.

Curto silêncio.

— O tempo corre depressa, e mesmo assim isto por aqui é tão aborrecido! — disse a senhora sem olhar para ele.

— Já é um chavão as pessoas dizerem que isto é aborrecido! Vivem num Beliov ou numa Jizdra quaisquer e não se aborrecem, mas mal chegam: «Ah, que seca! Ah, que poeirada!», como se acabassem de chegar de Granada.

Ela riu-se. Depois, cada qual começou a comer em silêncio, como dois desconhecidos; mas depois do almoço saíram juntos, conversando num tom leve e brincado, de pessoas livres, bem dispostas, a quem era indiferente para onde fossem, do que falassem. Passeavam e comentavam que o mar tinha uma luminosidade estranha; que a água estava cor-de-lilás, tão suave e tão quente; e que a lua traçava uma faixa dourada sobre o mar. E também que, depois de um dia de tanto calor, o ar estava abafado. Gúrov contou-lhe que era moscovita, fizera o curso de letras mas trabalhava num banco; que em tempos se preparara para cantar

na ópera privada mas desistira, que tinha duas casas próprias em Moscovo... E dela ficou a saber que crescera em Petersburgo mas casara na cidade de S. onde se instalara havia dois anos, que ia ficar em Ialta mais um mês e que o marido talvez se lhe viesse juntar, porque também precisava de descansar. Não conseguiu foi explicar cabalmente em que serviço estava o marido — se na administração provincial, se na rural —, o que de resto lhe pareceu, a ela, engraçadíssimo. Gúrov ficou também a saber que se chamava Anna Serguéevna.

Depois, chegado ao quarto, pôs-se a pensar nela, a pensar que no dia seguinte a voltaria, decerto, a encontrar. Tinha de ser. Quando já recolhia à cama ocorreu-lhe que não haveria assim tanto tempo que ela, como a filha, se sentava nos bancos do liceu, e lembrou-se da timidez, do acanhamento com que ria e falava a um homem desconhecido: pelos vistos, fora a primeira vez na vida que, sozinha, se achara naquela situação de andarem atrás dela, de olharem para ela, de falarem com ela com uma única e secreta intenção que ela não podia deixar de adivinhar. Lembrou-se do seu pescoço fino e frágil, dos seus olhos bonitos, cinzentos.

— Há qualquer coisa nela que faz pena — pensou e começou a pegar no sono.

II

Uma semana passou desde que se conheceram. Era um dia feriado. Dentro dos quartos o ar estava abafado, na rua a poeira voava em remoinhos, arrancava os chapéus. Passaram o dia todo com sede, e Gúrov entrava muitas vezes no café e oferecia a Anna Serguéevna ora refresco de xarope, ora gelado. As pessoas não sabiam onde meter-se.

Ao entardecer, quando o tempo acalmou um pouco, foram para o molhe ver a chegada do vapor. Havia muita gente de passeio pelos cais que se juntava em

grupos, com ramos de flores e à espera de alguém. Duas particularidades da multidão elegante de Ialta ressaltavam aqui: as senhoras idosas vestiam-se como as jovens, e havia muitos generais.

A tempestade no mar atrasara o vapor, que chegou já depois do sol-posto e, primeiro que atracasse, demorou muito nas manobras. Anna Serguéevna olhava pelo monóculo para o barco e os passageiros, como se esperasse a chegada de alguém conhecido, e de cada vez que se voltava para Gúrov ele bem via como os olhos dela brilhavam. Falava muito, não parava de martelar perguntas, esquecendo-se de imediato do que tinha perguntado; depois, no meio da barafunda, acabou por perder o monóculo.

Já dispersava a multidão elegante, já não se distinguíam os rostos, o vento amainara por completo mas Gúrov e Anna Serguéevna continuavam ali, como se esperassem que algum retardatário desembarcasse. Anna Serguéevna, agora, calava-se e cheirava as flores, sem olhar para Gúrov.

— O tempo, para a noite, melhorou — disse ele. — Aonde vamos agora? Não quer dar um passeio de coche?

Ela não respondeu.

Gúrov olhou para ela fixamente e, de repente, abraçou-a, beijou-a na boca, a humidade fragrante das flores jorrou-lhe para a cara, e logo se pôs a olhar à volta assustado: alguém viu?

— Vamos?... — propôs ele baixinho.

E foram-se juntos, avivando o passo.

O quarto dela estava abafadiço, impregnado do perfume que comprara numa loja japonesa. Gúrov, olhando para ela, pensava: «Que encontros não se dão na vida!» Do passado guardava a memória de mulheres desprendidas, complacentes, de amor alegre, gratas pela felicidade, mesmo breve, que ele lhes dava; e daquelas — como a mulher, por exemplo — que amavam sem sinceridade, com muita conversa a mais, affectadamente, com uma histeria e expressão

tais que aquilo não parecia amor, nem paixão, mas dava ares de alguma coisa mais colossal; e daquelas, duas ou três, muito belas, e frias, mas por cujos rostos passava subitamente um clarão predador, uma vontade teimosa de apanhar, de arrancar à vida mais do que a vida podia dar, e eram mulheres já nada jovens, caprichosas, frívolas, autoritárias, pouco inteligentes... e quando a paixão de Gúrov arrefecia ficava-lhes com ódio à beleza, as rendas da roupa interior delas lembravam-lhe escamas.

Mas, nesta, via o acanhamento da juventude ainda ingénuo, o embaraço; e a impressão de estar atrapalhada, como se alguém tivesse batido à porta. Anna Serguéevna, nada mais que a «senhora do cãozinho», afinal estava a levar a peito o sucedido, muito a sério, como se fosse a sua queda — assim parecia, e era estranho, e nada a propósito. Como que lhe murcharam, de flácidos, os traços do rosto, o cabelo comprido pendia-lhe tristemente ao longo das faces; quedava-se pensativa, numa pose de desalento, como pecadora de uma tela antiga.

— Está mal, isto — disse. — Agora vai ser o primeiro a perder-me o respeito.

Em cima da mesa estava uma melancia. Gúrov cortou uma talhada e começou a comer, sem pressas. Passou-se pelo menos uma meia-hora, em silêncio.

Anna Serguéevna estava comovente; irradiava dela a pureza de uma mulher decente, ingénuo, pouco vivida; uma vela solitária a arder em cima da mesa mal lhe alumiaava o rosto e mesmo assim deixava ver o peso que lhe ia na alma.

— Por que haveria eu de te perder o respeito? — perguntou Gúrov. — Não sabes o que dizes.

— Que Deus me perdoe! — disse ela, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. — É horrível.

— Parece que estás a desculpar-te.

— Como posso desculpar-me? Sou uma mulher desprezível, baixa, é a mim própria que desprezo e não

penso em fugir à culpa. Não foi ao meu marido que enganei, mas a mim. E não só agora, já vem de trás. Talvez o meu marido seja uma boa pessoa, uma pessoa honesta, mas é laçao. Não sei o que ele faz lá no serviço, mas sei que é laçao. Tinha vinte anos quando me casei com ele, e a curiosidade não me deixou sossegar mais, ansiava por alguma coisa melhor; porque tem de existir — dizia para mim própria — uma vida diferente. Queria viver! Viver, viver... A curiosidade queimava-me... pode não compreender, mas juro por Deus que já não me dominava, passava-se alguma coisa dentro de mim, era impossível conter-me, disse ao meu marido que estava doente e vim para cá... E tenho andado por aí como bêbada, como uma louca... e agora aqui estou eu, uma ordinária, uma mulher ruim que qualquer um tem o direito de desprezar.

Já Gúrov se aborrecia de a ouvir, irritava-o aquele lamento ingénuo, aquele arrependimento tão inesperado como descabido; se não fossem as lágrimas nos olhos dela poderia pensar-se que estava a brincar ou a fazer teatro.

— Não percebo — disse ele baixinho —, afinal o que queres?

Ela escondeu o rosto no seu peito e apertou-se contra ele.

— Acredite, acredite em mim, imploro-lhe... — dizia ela. — Gosto de uma vida honrada, pura, o pecado repugna-me, e agora isto, eu própria nem sei... O povo diz: trocou-me as voltas o diabo. Pois agora bem posso dizer de mim que o diabo me trocou as voltas.

— Deixa, deixa... — murmurava ele.

Olhava-a nos olhos parados, assustados, beijava-a, falava-lhe baixinho e com meiguice, e ela foi-se acalmando, a alegria voltou-lhe a pouco e pouco e, em breve, já riam os dois.

Quando saíram não se via ninguém na marginal, a cidade com os seus ciprestes parecia morta,

só o mar ainda marulhava e batia contra a costa; dentro de uma barcaça a baloiçar nas ondas tremeluzia, mortiça, uma lanterna.

Apanharam um coche e foram a Oreanda.

— Na recepção vi o teu apelido escrito no quadro: «von Dideritz» — disse Gúrov. — O teu marido é alemão?

— Não, o avô dele é que era alemão, ele é ortodoxo.

Em Oreanda, sentados num banco perto da igreja, olhavam em silêncio o mar, lá em baixo. Ialta mal se distinguia através do nevoeiro matinal, nos cumes dos montes quedavam-se imóveis as nuvens brancas. Nas árvores quietas nem uma folha mexia, só se ouvia a cega-rega das cigarras e, vindo de baixo, o ruído do mar, surdo e monótono, que falava do sossego, do sono eterno que nos espera. Assim marulhava lá em baixo o mar quando ainda não existiam Ialta nem Oreanda, assim marulha agora, e assim continuará, com a mesma indiferença e a mesma voz surda, quando já não estivermos neste mundo. E é nesta imutabilidade, na indiferença absoluta para com a vida e a morte de cada um de nós, que talvez resida o penhor da nossa salvação eterna, do movimento ininterrupto da vida na terra, do aperfeiçoamento ininterrupto.

Sentado ao lado da jovem, tão bonita no amanhecer, apaziguada e vencida pelo feitiço desta magia — o mar, os montes, as nuvens, o céu enorme —, Gúrov reflectia que, pensando bem, tudo neste mundo é muito belo, tudo menos o que nós próprios pensamos e fazemos quando nos esquecemos das finalidades superiores da existência, da nossa humana dignidade.

Aproximou-se um homem — pelos vistos um guarda — olhou para eles e foi-se. E até neste pormenor viram tanto mistério, tanta beleza. Viram um barco já com as luzes apagadas a chegar de Feodóssia, alumiado apenas pela aurora.

— A erva, toda cheia de orvalho — disse Anna Serguéevna, quebrando o silêncio.

14 — Sim. É melhor irmos.

Voltaram à cidade.

Depois, todos os dias se encontravam na marginal ao meio-dia, tomavam juntos o pequeno-almoço, juntos almoçavam, passeavam, iam admirar o mar. Ela queixava-se de insónias, de palpitações, fazia sempre as mesmas perguntas emocionadas, ora atormentada de ciúmes, ora com medo de que ele a não respeitasse. Muitas vezes, no parque ou no jardim, quando não havia ninguém por perto ele puxava-a de repente para si e beijava-a apaixonadamente. Aquela completa ociosidade, aqueles beijos arriscados à luz do dia, não fosse alguém ver, o calor, o cheiro da maresia, o constante e cintilante desfilar diante dos seus olhos de gente ociosa, farta, aperaltada — como que o metamorfosearam; estava sempre a dizer a Anna Serguéevna que linda, que sedutora ela era, sempre impaciente na sua paixão, nunca se arredava dela um passo; enquanto ela, muitas vezes, se quedava pensativa, o instava a que lhe dissesse, lhe confessasse que não a respeitava, que não a amava nem um bocadinho, que via nela apenas uma mulher ordinária. Quase todos os fins de tarde, já bem tarde, saíam de coche, algures para os arredores, para Oreanda, para as cataratas; eram sempre um êxito, estes passeios, as impressões eram, de cada vez, infalivelmente belas, majestosas.

Esperavam a chegada do marido de um momento para o outro. Mas o que chegou foi uma carta comunicando que tinha um problema nos olhos e pedia à mulher que voltasse para casa quanto antes. Anna Serguéevna apressou-se a fazer as malas.

— Ainda bem que vou embora — dizia a Gúrov. — É o próprio destino.

Partiu de coche, ele acompanhou-a. A viagem até à estação demorou um dia inteiro. Estava ela a entrar para a carruagem do comboio expresso e soava já o segundo apito de aviso quando ela disse:

— Deixe-me olhar para si mais um bocadinho... Vou olhar para si mais uma vez. Assim.

Não chorava, só estava triste, como que doente, tremia-lhe o rosto.

— Vou pensar em si... recordar — dizia. — Fique com Deus. Não me guarde rancor. Dizemos adeus para sempre, tem de ser, nem nos devíamos ter encontrado. Então... que Deus o guarde.

A partida foi rápida, as luzes do comboio desapareceram, um minuto depois já nem o barulho das rodas se ouvia, como se tudo fosse um conluio para acabar o mais depressa possível com aquele devaneio doce, aquela loucura. Sozinho na plataforma, perscrutando a escuridão longínqua, Gúrov ouvia o som estrídulo dos gafanhotos e o zumbir dos fios do telégrafo com o sentimento de quem acorda estremunhado. Pensava na aventura que acrescentara às andanças da sua vida, e que também esta aventura terminara, e que apenas ficava dela a recordação... Estava enternecido, triste, sentia um leve arrependimento; é que aquela mulher, tão jovem, que nunca mais veria, não fora feliz com ele; foi simpático com ela, sim, e cordial, mas mesmo assim, na maneira de a tratar, no tom que usava com ela, nos carinhos, despontava a sombra de um ligeiro gozo, a arrogância um tudo-nada grosseira do homem contente de si e, para além disso, quase com o dobro da idade dela. E ela, que o achava tão bom, sublime, único; pelos vistos nunca o vira como ele era na realidade, logo, sem querer, ele enganara-a...

Na estação cheirava a Outono, a noite estava fresca.

— Já é tempo de também eu voltar para o Norte — pensava Gúrov, abandonando a plataforma. — Já é tempo!

III

Em Moscovo, já se fazia vida de Inverno: aqueciam se os fogões, e quando os miúdos, de manhã, se preparavam para o liceu e tomavam chá, ainda estava

escuro e a ama acendia as luzes por um bocado. O frio começava a apertar. Quando cai a primeira neve e chega o primeiro dia de andar no trenó, é bom ver o manto branco da terra, os telhados brancos, respira-se leve, gostosamente, e há momentos em que sobem à memória os verdes anos. As tílias e as bétulas velhas, brancas de geada, têm uma expressão bondosa, estão-nos mais perto do coração que os ciprestes e as palmeiras, ao pé delas não apetece pensar nos montes nem no mar.

Gúrov era moscovita e regressara a Moscovo num claro e rijo dia de frio. Quando vestiu a peliça e as luvas quentes e deu uma volta pela Petrovka; e quando, no sábado à noite, ouviu os sinos a tocar, a recente viagem e os lugares que visitara tinham perdido todo o encanto. A pouco e pouco mergulhou na vida moscovita: já lia vorazmente três jornais por dia e proclamava que, por princípio, não lia os jornais de Moscovo. Já o atraíam os restaurantes, os clubes, os almoços de gala, os jubileus; já se sentia lisonjeado pelas visitas que lhe faziam advogados famosos e actores e por jogar às cartas no clube dos médicos com um académico. Já era capaz de se bater com uma dose completa de *selianka*² na frigideira...

Parecia-lhe que em menos de um mês Anna Serguéevna ficaria coberta na sua memória por uma névoa e só de vez em quando lhe apareceria nos sonhos com o seu sorriso comovente, como lhe apareciam em sonho as outras. Mas mais de um mês se passou, era já pleno Inverno, e tudo se mantinha nítido na sua memória, como se fosse na véspera que se despedira de Anna Serguéevna. Inflamavam-se-lhe cada vez mais as recordações. No silêncio do anoitecer, quando chegavam ao gabinete as vozes das crianças a prepararem as lições ou quando ouvia uma romança ou o realejo num restaurante, ou quando uivava a nevasca na chaminé da lareira, tudo lhe ressurgia de súbito na memória: como tinham estado no molhe, o neveiro nos montes ao amanhecer, o vapor a chegar de Feo-

dóssia, os beijos. Andava sem fim pelo quarto e recordava, e sorria, e depois as lembranças transformavam-se em sonhos e, na sua imaginação, o passado misturava-se com o que estava para vir. Anna Serguéevna não lhe aparecia em sonhos, antes andava atrás dele por todo o lado, como uma sombra, e olhava para ele. Bastava-lhe fechar os olhos para a ver, como em carne e osso, e parecia-lhe mais bonita, mais jovem, mais meiga; ele próprio se via melhor do que tinha sido naqueles dias, em Ialta. Quando caía a noite, ela olhava-o do armário dos livros, da lareira, de um canto, ouvia-a respirar, o terno roçar do seu vestido. Na rua, seguia as mulheres com os olhos, à procura de alguém que se parecesse com ela...

E já não o deixava em paz um desejo forte de partilhar com alguém as suas recordações. Ora, em casa era-lhe impossível falar de amor, fora de casa não havia com quem. Claro, não podia ser com os seus inquilinos ou no banco. E também, falar de quê? Será que a amava mesmo, naquela altura? Havia alguma coisa de belo, de poético, de edificante, ou simplesmente de interessante, nas suas relações com Anna Serguéevna? E assim se via obrigado a falar de um amor indefinido, das mulheres, sem ninguém adivinhar aonde queria chegar; apenas a esposa erguia as sobrancelhas escuras e dizia:

— Dimíttri, não te fica nada bem esse papel de dom-joão.

Uma vez à noite, ao sair do clube dos médicos com um parceiro, funcionário público, não se conteve e disse:

— Se soubesse que mulher encantadora eu conheci em Ialta!

O funcionário sentou-se no trenó e partiu, mas de repente virou-se e chamou:

— Dmíttri Dmítritch!

18 — O quê?

— Acho que tinha razão: o esturjão não estava fresco!

Estas palavras, tão corriqueiras, indignaram de repente Gúrov, pareceram-lhe humilhantes, porcas. Que hábitos bárbaros, que caras! Que noites sem sentido, que dias sem graça, vazios! O frenético jogo das cartas, a alarvice, a bebedeira, sempre as mesmas conversas à volta das mesmas coisas. A parte melhor do nosso tempo, as nossas melhores forças desperdiçadas nas coisas mais fúteis, na tagarelice sempre igual e, depois, resta-nos uma vida sem asas, acanhada, uma inutilidade sem sentido, e é impossível sairmos disto, fugirmos, como se estivéssemos num manicómio ou na cadeia!

Gúrov passou a noite acordado, a remoer a indignação, e andou todo o dia com dores de cabeça. Nas noites seguintes também dormiu mal, sentava-se na cama a pensar ou punha-se a andar de um canto para outro. Estava farto dos filhos, farto do Banco, não lhe apetecia ir a lado nenhum, falar de coisa nenhuma.

Em Dezembro, por altura das festas, preparou-se para viajar e disse à mulher que ia a Petersburgo tratar de uma recomendação para um jovem — e partiu para a cidade de S. Para quê? Nem ele próprio sabia muito bem. Queria ver Anna Serguéevna, falar com ela, arranjar um encontro com ela, se possível.

Chegou a S. de manhã e, no hotel, pediu o melhor quarto, um quarto de chão coberto com o pano cinzento das fardas dos soldados, um tinteiro em cima da mesa, empoeirado e encimado por uma figura equestre decapitada, segurando um chapéu na mão erguida. O porteiro deu-lhe as indicações necessárias: von Dideritz morava na Rua Staro-Gontchárnaia, em casa própria — muito perto do hotel, vivia bem, rico, tinha os seus próprios cavalos, toda a gente o conhecia na cidade. O porteiro pronunciava: Drídiritz.

Gúrov, sem se apressar, foi até à Staro-Gontchárnaia, localizou a casa. Em frente estendia-se uma vedação, cinzenta, comprida, eriçada de pregos.

— Desta vedação só apetece fugir — pensava Gúrov, olhando ora para as janelas, ora para a cerca.

Reflectia: hoje não é dia de expediente, portanto o marido deve estar em casa. De qualquer modo, seria indelicado entrar e colocá-la numa situação embaraçosa. Por outro lado, se lhe mandar um bilhete, pode cair nas mãos do marido e fica tudo estragado. O melhor é esperar pela ocasião. E Gúrov pôs-se a andar por ali, pela rua e ao longo da cerca, à espera da ocasião. Viu como um mendigo entrou pelo portão e foi atacado pelos cães, ouviu depois, passada uma hora, que tocavam piano lá dentro, e os sons que lhe chegavam eram fracos, indistintos. Devia ser Anna Serguéevna quem tocava. De repente abriu-se a porta principal e deixou sair uma velhota e, logo atrás, saiu a correr o seu conhecido *spitz* branco. Gúrov quis chamar o cão, mas o coração pôs-se-lhe a bater com força e, de tão excitado, não conseguiu lembrar-se do nome do *spitz*.

Sempre a andar e com um ódio cada vez mais forte àquela vedação, já pensava com despeito que Anna Serguéevna o devia ter esquecido, que já devia andar a divertir-se com outro, coisa natural para uma mulher jovem condenada a ver aquela maldita vedação de manhã à noite. Voltou ao seu quarto e deixou-se ficar sentado no sofá durante muito tempo, sem saber o que fazer. Depois almoçou, depois dormiu muito.

— Que estúpido e enervante é isto tudo — pensou ao acordar e ao olhar para as janelas escuras; era já noite. — Dormi tanto para quê? E agora, o que vou fazer toda a noite?

Sentado na cama, em cima do cobertor cinzento e barato, como o dos hospitais, troçava de si próprio, irritado:

— Toma lá a senhora do cãozinho... Toma lá a rica aventura... Aqui sentadinho e já vais com sorte.

Ainda de manhã lhe saltara à vista, na estação, um anúncio em letras garrafais: ia passar pela primeira vez na cidade a *Geisha*³. Lembrou-se disso e foi ao teatro.

— É muito possível que ela costume ir às estreias — pensava.

O teatro estava cheio. Como em todos os teatros de província em geral, também aqui pairava uma névoa por cima do lustre, havia uma movimentação ruidosa nas galerias; antes do início do espectáculo, os janotas locais exibiam-se de pé, com as mãos atrás das costas, em frente da primeira fila; no camarote do governador, estava bem à frente a filha deste, de estola, e por trás do reposteiro escondia-se modestamente o próprio governador, de quem só se viam as mãos; o pano oscilava, a orquestra afinava demoradamente os instrumentos. Enquanto o público entrava e ocupava os seus lugares, Gúrov esquadrihava avidamente a sala com os olhos.

Sim, Anna Serguéevna entrou. Sentou-se na terceira fila, e Gúrov, mal a viu, compreendeu claramente que não existia agora em todo o mundo pessoa que lhe fosse mais próxima, mais querida e importante; perdida entre a multidão provinciana, aquela mulher pequena, sem nada que a distinguisse, com um monóculo vulgaríssimo nas mãos, enchia agora toda a sua vida, era a sua mágoa e a sua alegria, a única felicidade por que ansiava; e ao som da má orquestra, dos péssimos violinos, pensava como era linda. Pensava e sonhava.

Na companhia de Anna Serguéevna entrou e sentou-se um senhor de suíças medianas, muito alto, curvado; ao andar, a cada passo meneava a cabeça, como se fizesse vénias. Era pelos vistos o marido, a quem ela, levada por um ressentimento amargo, chamara em Ialta de lacaio. E de facto, na figura comprida, nas suíças, na calva incipiente do homem havia qualquer coisa da modéstia de lacaio; tinha um sorriso melífluo, a insígnia universitária na lapela brilhava-lhe como a placa numerada de um criado.

No primeiro intervalo o marido saiu para fumar, ela ficou sentada. Gúrov, que estava também nos lugares da plateia, aproximou-se dela e disse com voz trémula e um sorriso forçado:

— Boa noite.

Ela olhou para ele e empalideceu, depois voltou a olhar, aterrorizada, sem acreditar nos seus olhos, apertou com força nas mãos o leque contra o monóculo, talvez lutando consigo própria para não desmaiar. Estavam ambos calados. Ela sentada, ele de pé, assustado com o embaraço dela e sem se atrever a sentar-se a seu lado. Soaram violinos e uma flauta que os músicos afinavam; ele e ela sentiram medo, como se estivessem a ser observados de todos os camarotes. Ela levantou-se e dirigiu-se rapidamente para a saída da sala; ele seguiu-a, e assim andaram sem sentido, por corredores, escadas, ora subindo, ora descendo, passando-lhes pela frente dos olhos uniformes de juizes, de professores do liceu, de funcionários da administração do tesouro da coroa, todos com insígnias; cruzando-se com senhoras, com peliças nos cabides, apanhando com o cheiro das pontas de cigarro trazido pelas correntes de ar. Gúrov, com o coração a bater violentamente, pensava:

— Meus Deus! Para quê isto tudo, esta gente, esta orquestra...

Neste instante lembrou-se subitamente de como, naquela noite na estação, depois de se ter despedido de Anna Serguéevna, dissera a si mesmo que tudo acabara e nunca mais se encontrariam. Mas ainda faltava muito até que tudo acabasse!

Numa escada estreita e sombria, onde estava a placa «Entrada para o anfiteatro», ela parou.

— Que susto me pregou! — disse, ofegante, ainda pálida, aturdida. — Oh, assustou-me tanto! Por pouco não morri. Por que veio? Para quê?

— Tente compreender, Anna, tente compreender... — disse ele a meia voz, precipitadamente. — Peço-lhe, tente compreender...

Anna Serguéevna olhava-o com medo, com súplica, com amor, olhava muito fixamente, queria gravar melhor na memória os traços dele.

— Estou a sofrer tanto! — continuou ela, sem o ouvir. — Sempre a pensar em si, só em si, vivo só destes pensamentos. Queria esquecer, esquecer-me, e agora, porquê, por que veio?

Um pouco acima, no patamar, dois rapazes do liceu fumavam e olhavam para baixo, mas para Gúrov era indiferente; puxou Anna Serguévna para si e pôs-se a beijar-lhe o rosto, as faces, as mãos.

— O que faz, mas o que está a fazer!?! — afastava-o de si, aterrorizada. — Estamos loucos. Vá-se embora hoje mesmo, agora mesmo... Rogo-lhe por todos os santos... Vem aí gente!

Em baixo, alguém começava a subir as escadas.

— Tem de se ir embora... — continuava Anna Serguévna num sussurro. — Está a ouvir, Dmítri Dmítritch? Eu depois vou vê-lo a Moscovo. Nunca fui feliz, agora sou infeliz e nunca, nunca serei feliz, nunca! Não me faça sofrer ainda mais! Juro, vou a Moscovo. Mas agora vamos separar-nos! Meu amigo, meu anjo, meu querido, vamos despedir-nos aqui!

Apertou-lhe a mão e pôs-se a descer rapidamente a escada, voltando-se a cada passo, e pelos olhos dela se via que realmente não era feliz. Gúrov deixou-se ficar mais um pouco, pôs-se à escuta e, quando tudo ficou silenciado, encontrou o seu cabide e saiu do teatro.

IV

A partir de então, Anna Serguévna começou a ir vê-lo a Moscovo. Uma vez em cada dois ou três meses partia de S. dizendo ao marido que ia consultar um especialista em doenças de senhoras — e o marido acreditava e não acreditava. Em Moscovo hospedava-se no hotel Slaviánski Bazar e logo avisava Gúrov mandando-lhe simplesmente um homem de chapéu vermelho. De maneira

que Gúrov ia visitá-la e ninguém em Moscovo ficava a saber de nada.

Preparava-se pois para ir vê-la, numa manhã de Inverno (de manhã porque o mensageiro, embora tivesse aparecido na véspera à noite, não o apanhara em casa). De caminho, acompanhava a filha até ao liceu. Nevava em farrapos grossos e húmidos.

— Estão três graus positivos, e no entanto neva — explicava Gúrov à filha. — Porque só está mais quente à superfície da terra e, nas camadas altas da atmosfera, a temperatura já é outra.

— Papá, por que não há trovoadas no Inverno?

Explicou-lho também. Ia falando e, ao mesmo tempo, pensando que se dirigia agora para um encontro amoroso e ninguém no mundo sabia disso nem, pelos vistos, viria a saber. Tinha duas vidas: uma pública, à vista de todos e conhecida por todos os que precisavam de a conhecer, uma vida cheia da verdade convencional e da mentira convencional, igualzinha à vida dos seus amigos e conhecidos, e tinha outra vida — a secreta. Então, em consequência de um jogo estranho de circunstâncias, talvez casual, tudo o que para ele era importante, interessante, necessário, o cerne da sua vida, passava-se às escondidas dos outros, e tudo o que era a mentira da sua vida, o invólucro onde se metia para não mostrar a verdade, como o serviço no banco, as discussões no clube, a «raça inferior», as idas com a mulher aos jubileus — estava à vista. Pela sua vida julgava a dos outros, pelo que nunca acreditava no que via, mas desconfiava sempre que toda e qualquer pessoa, sob o véu do segredo, sob a capa da noite, vivia uma vida verdadeira, a sua vida mais interessante. Cada existência pessoal assenta num segredo, e talvez seja por isso, pelo menos em parte, que o homem moderno se preocupa tanto e tão nervosamente em que o seu segredo pessoal seja respeitado.

24 Depois de deixar a filha no liceu Gúrov dirigiu-se

para o Slaviánski Bazar. Deixou a peliça em baixo, subiu as escadas e bateu com cautela à porta. Anna Serguéevna, no vestido cinzento preferido dele, estava ainda cansada da viagem e de ter esperado tanto desde o dia anterior; estava pálida, olhava para ele e não sorria mas, mal ele entrou, apertou-se-lhe contra o peito. O beijo foi longo, infinito, como se já não se beijassem há dois anos.

— Então, como vai a tua vida? — perguntou Gúrov.
— Novidades?

— Espera, já te conto... Não, não posso.

Não podia falar porque chorava. Virou-lhe as costas e apertou o lenço contra os olhos.

«Que chore, que desabafe, temos tempo» pensou ele e sentou-se na poltrona.

Tocou à campainha e pediu chá; já bebia o chá e ainda ela chorava, de pé, voltada para a janela... Chorava da emoção, da consciência amarga de a vida deles ter aquela triste sina; por se verem à socapa, se esconderem das pessoas como ladrões! Não era uma vida arruinada?

— Então, que é isso? — disse ele.

Era claro para ele que este amor não acabaria tão cedo, sabia-se lá quando acabaria. Anna Serguéevna afeiçoava-se-lhe cada vez mais, adorava-o, seria insuportável dizer-lhe que tudo tinha de acabar um dia; também, ela não ia acreditar.

Aproximou-se dela e pousou-lhe as mãos nos ombros, queria acarinhá-la, dizer-lhe um gracejo, e nesse instante viu-se no espelho.

Já tinha cabelos brancos. Parecia-lhe estranho que tivesse envelhecido tanto nos últimos anos, que estivesse a perder tão depressa tanto o seu ar de homem bem parecido. Os ombros onde deixara esquecidas as mãos estavam tépidos, tremiam. Sentiu compaixão por aquele ser, aquela criatura viva ainda tão quente e bonita que decerto não tardaria, como ele, a perder o viço, a murchar. Por que gosta tanto dele? Ele sempre pareceu às mulheres uma coisa

diferente do que era na realidade, elas nunca gostaram do que nele havia de si próprio, mas de um homem criado na imaginação delas, do homem que toda a vida procuraram ansiosamente; e depois, quando caíam em si e descobriam o engano, continuavam mesmo assim a amá-lo. Nenhuma fora feliz com ele. O tempo passava, conhecia novas, namorava-as, despedia-se, mas nenhuma vez ele amou; nele, pode ter havido tudo menos amor.

E só agora, com o cabelo a ficar grisalho, descobria o verdadeiro amor, um amor a sério — pela primeira vez na vida.

Anna Serguéevna e ele amavam-se como pessoas muito chegadas, íntimas, como marido e mulher, como ternos amigos; parecia que o destino os fizera um para o outro e era incompreensível que ambos estivessem casados com outras pessoas; como se fossem aves migratórias, macho e fêmea, apanhadas e obrigadas a viverem em gaiolas diferentes. Agora, perdoavam um ao outro aquilo que do passado lhes era vergonhoso, agora perdoavam-se tudo e sentiam que o amor os transformara a ambos.

Antes, nos momentos de tristeza, Gúrov acalmava-se com todo o género de raciocínios que lhe passavam pela cabeça, mas agora não estava para raciocinar, sentia, sentia uma profunda paixão, queria ser sincero, meigo...

— Deixa, queridinha — dizia. — Já choraste, já chega... Agora vamos falar, havemos de encontrar alguma coisa.

Depois conversavam longamente, pensavam na maneira de se livrarem daquela necessidade de se esconder, de mentirem, de viverem em cidades diferentes sem se poderem ver durante tanto tempo. Como ficarem livres daquela peia insuportável?

— Como? Como? — perguntava ele, levando as mãos à cabeça. — Como?

encontrar a solução e que, então, chegaria a hora de uma vida nova, maravilhosa; e era claro para ambos que o fim estava ainda muito longe e que o mais complicado e difícil mal começara.

¹Antiga letra do alfabeto russo correspondente a um som específico que acabou por se fundir com o «e». Em finais do século XIX debatia-se na imprensa russa a questão de eliminar a letra inútil. (Nota da Tradução.)

²Prato quente russo à base de carne, repolho, cebola e pepinos. (Nota da Tradução.)

³Opereta do compositor inglês S. Johnson. (Nota da Tradução.)

Manuel Teixeira Gomes

Agosto azul

Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), nascido em Portimão, fez aí os seus estudos até seguir para o seminário em Coimbra, onde se preparou para entrar em Medicina. Mas não completou o curso, voltando a Portimão e iniciando as suas viagens como representante da empresa de exportação da família - Norte da Europa, Mediterrâneo, África, Ásia. As viagens serviram a Teixeira Gomes para adquirir uma extensa cultura e experiência, invulgar nos homens do seu tempo em Portugal e que viria a projectar-se numa obra literária de difícil classificação e inovadora pela temática, pela perspectiva, pela vitalidade, pelo próprio tratamento heterodoxo dos géneros. Depois de uma passagem pela conturbada política dos anos 20, Presidente da República entre 1923 e 1925, Manuel Teixeira Gomes iniciou um outro período de viagens, acabando por se fixar em Bugia, na Argélia, em 1931, aí morrendo passados dez anos. Agosto azul, publicado em 1904, é um bom exemplo das narrativas coleantes, fluidas, abertas de Teixeira Gomes.

Vamos visitar a esquadra inglesa do Mediterrâneo, que ancorou ontem na baía de Lagos.

Chego ao cais muito antes de nascer o Sol, quando o crepúsculo se anuncia por súbitas opacidades que tismam o céu absorvendo momentaneamente o brilho das estrelas.

A água cuspinha nas pedras do embarcadiiro, sob a tenda de trevas que o encobre, e a meio do rio, ao sabor da sua corrente de tinta negra, serpeia uma oleosa, fugitiva esteira de luzentes reflexos.

Mas depressa bafeja a subtil aragem matutina...

Pelo azul nocturno do remotíssimo céu alargam-se claridades de vidro que um forro de pano escuro espelhasse...

O silêncio amodorra-se molemente perturbado pela respiração rítmica do mar, que mal soa distante, espaçada e funda...

Os barqueiros juntam-se calados e aprestam o bote sem trocar palavra; os baques secos dos pés descalços no oco dos paneiros retumbam singularmente cavos.

Já todos estão a postos e um deles exclama: «Pronto!» com o tom de voz longínqua e apagada.

Embarco.

Os quatro remos chapinham, em monótona cadência, na água ferida de fosforescências breves...

Seguimos contra a maré, cerce à linha curva do dique; gemem penosamente os remos nos toletes; mas os barqueiros remam rijo e em poucos minutos tocamos no *Convento* onde o meu companheiro de passeio aguarda. É um catalão agigantado cujo peso lastra convenientemente o bote.

Vogamos de novo.

À Ponta da Areia já reluzem mais trémulas as estrelas pelo céu que esfria; a leste a linha do horizonte alveja e endurece, entre sombras fofas, como o tubo polido de farta pluma cinzenta...

Logo as sombras ruborescem apertadas em rede prateada.

Aproamos à barra.

Os catraeiros remam silenciosos ou falam baixinho para não trilhar a paz sereníssima da manhã...

Já haurimos a frescura da amplidão salgada...

O mar marulha brandamente nas restingas da barra que nós transpomos sem ondulação sensível.

Vamos rente com a praia que não vemos, mas percebemos-lhe os recortes traçados na obscuridade pelas curvas sonoras da onda que se alastra preguiçosamente na areia inerte.

Por cima dos alcantis da costa progride a alvorada; cinge-se o céu de faixas de oiro cor de limão golpeadas a carmim e o mar dilata-se infinitamente quando rebenta a luz do Sol, jorrando fogo como se por detrás do céu tudo fosse metal fundido...

Dão-me no peito nu os primeiros raios de Sol, que eu esperava erguido à proa do bote, e atiro-me à água onde mergulho de olhos abertos, em voluptuoso torvelinho de prata lactescente. Tenho a ilusão de uma possível metamorfose, com arrancos de golfinho, pelo lençol da água esverdinhada onde todo o meu corpo se embebe de fresquidão...

Mas o sol aquece: os barqueiros já limpam as testas

32 que escorrem em bagas de suor.

Visto-me.

O casario de Lagos, ao fundo da baía, vai perdendo a sua líquida brancura de cal derramada e os navios de guerra, até ali meras sombras, surgem da água maciços, disformes, desarvorados, como leixões providos de artilharia.

Mais de perto, quando se evidencia, irrefragável, a sua estrutura flutuante e os vemos cheios de rígidos vultos negros, sugerem a ideia de um êxodo de gigantes convertidos em franciscanos, que aguardam imóveis, engolfados nos capuzes de ferro, o sinal do desembarque.

Mas a bordo dos couraçados não andam monges: é a aglomeração dos ventiladores colossais em volta das chaminés que nos excita a fantasia.

Aproximamo-nos.

É a hora do banho para a marinhagem que se apinha nos castelos da proa ou já se balouça em cachos de baralhadas formas nuas nas cordas suspensas dos paus de surriola.

Jogam-se à água, muitos com saltos de acrobatas, e uma chusma deles cerca-nos o bote lançando-lhe as mãos à borda como se o quisessem tomar de assalto.

É uma cena rara.

A um marujo ruivo, com o torneado arcabouço de pião, que assomara ao bote e ficou debruçado, a meio corpo, damos-lhe vinho pela borracha. Bebe sôfrego e sem jeito, com dois fios de púrpura a fugirem-lhe das comissuras dos lábios até encherem as conchas em que se lhe ajeita a carne no vão das clavículas.

Outros querem também beber.

Para despachar, o meu companheiro abre garrafas de cerveja e vai-os servindo a dois e dois, metendo-lhes os gargalos pelas bocas escancaradas.

Eu digo aos catraeiros que tirem fruta das canastras bem providas que levamos e lha dêem a comer.

O quadro toma tintas de exultante paganismo: aqueles corpos nus emergindo da água; as serpentes nodosas de tantos braços brancos agitando-se sobre as

bordas do bote e à altura daqueles rostos húmidos, de expressão risonha e gulosa, as nossas mãos cheias de frutas, com os figos brandos, os pendentos racimos de uvas, as peras louras e as rubras talhadas de melancia a desfazerem-se em sumo de encontro às faces imberbes...

Alguns abocam, arrepanhando brutalmente os frutos, com o jeito cómico de cães esfaimados; aquele chupa demoradamente uma laranja fumada; na testa doutro esborracha-se um figo inchario...

Mas todos agradecem com olhos de encanto o maná perfumado desta nossa terra de promessa...

Tanto se carrega o bote de gente que lhe começa a entrar água dentro; nós nem damos por tal, tão absortos e azafamados na divertida tarefa. Soa a bordo dos couraçados o toque de recolher a tempo de nos poupar ao forçado banho... Afasta-se a marujama em cardume, voltando de quando em quando as cabeças para clamar uníssona as derradeiras saudações...

É hora de almoço mas temos de renunciar ao abrigo relativamente fresco do nosso toldo branco para ir a terra refazer as provisões pouco menos de exaustas...

O calor aperta despropositadamente e quase nos fazem compaixão os soldados ingleses que encontramos pela cidade e cujas caras de baetão vermelho mal se diferenciam da cor das suas jaquetas.

Demoramo-nos até ao meio-dia e como nos avisem de que a bordo não recebem visitas antes das duas horas procuramos matar o tempo em terra.

Lembro-me de uma sesta dormida à sombra dos rochedos, na areia seca da praia, e saímos da cidade em busca de local apropriado.

A costa fragosa cava-se em série de calhetas cilíndricas que não comunicam entre si e formam bacias naturais aproveitadas pelos banhistas.

Àquela hora de folga tudo está repleto. Bandos ruidosos de operários, em cujos corpos macilentos a vida

encerrada das fábricas pôs o inconfundível selo, ocupam as primeiras angras; noutras, a seguir, os rapazes do campo, sólidos e lesto mas medrosos, lavam-se à babugem das ondas e vêm secar os corpos rolando-se na areia assoalhada para voltar de novo à água; alguns mais arrojados e destros nadam pelo mar fora soltando gritos agudos. Finalmente topamos numa enseada distante com dois escaleres da armada que dois marinheiros nus enchem de areia. São marujos malteses, de pele baça e modelados como hérules: os mesmos corpos de possantíssimos escravos que as gravuras antigas punham a remar nas galés do Grão Turco. Era placidamente heróico o espectáculo dos seus trigueiros corpos atléticos, que se bronzeavam à sombra, lavados nas quentes reverberações da luz, a moverem-se, leves, pela praia fora, insensíveis ao peso enorme das canastras de faia que transportavam à cabeça, coguladas de areia seca.

Passou a hora da sesta e é tempo de tornar ao bote e à esquadra.

Os fornecedores de bordo oferecem-se para nos conduzir ao *Revenge* mas ali recebem-nos de má vontade e pela escada de bombordo. Pergunto se o navio-almirante admite visitas e para lá me dirijo mau grado a resposta negativa que obtenho a bordo do *Revenge*.

Atracamos ao patamar inferior da escada de estibordo e grito à sentinela que preciso falar ao oficial de serviço.

Sem demora o oficial aparece, rosado e glabro, no seu imaculado uniforme de linho branco, inclinando-se cerimoniaicamente, a inquirir o que desejo.

— Desejo visitar o barco mas não subo pela escada de bombordo...

O oficial sorri e fixa-me com curiosidade. Vai consultar o seu superior. Volta. Podemos subir mas somente eu e o meu companheiro. À gente dos outros botes que nos seguiram é negado o acesso.

Surtiu o seu efeito a pequenina cena de snobismo a que a alma britânica é tão sensível. O oficial,

muito amável, dá-nos um marinheiro com olhos de «ingénua» para nos pilotar. A visita é tão monótona e aborrecida apesar do empenho que o guia mostra de nos entreter.

Os couraçados dão-me a uniforme impressão de uma vida exclusivamente mecânica, trabalhando por engrenagens de ferro, mas sem a alegria da fábrica cuja alma se apreende no movimento aéreo dos transmissores; a bordo dos couraçados escasseia o tempo e falta o ar à tripulação que até parece ali de mais, naquela clausura blindada. Tudo é brutal, hirto, cativo. Nem uma única inflexão de corda solta ao capricho do vento, nem a alegria duma vela que drapeje, nem a esperança duma tábuca de salvação na tragédia dos naufrágios.

Sente-se que um segundo bastará ao mar para engolir toda aquela mole metálica. A casca de noz do simples batel infunde-me mais confiança.

O nosso entendido e diligente guia mostra-nos o manejo dos canhões monstruosos, das peças de tiro rápido e dos torpedos feitos à feição de esqualos e pergunta-nos, baixando pudicamente os olhos, se as raparigas portuguesas são bonitas.

O primeiro sinal de vida palpitante a bordo do imane couraçado percebemo-lo nesta pergunta espremida a custo e à qual a timidez com que é feita dá um sentido ardente...

E não resta dúvida; afora o perpétuo grito da cruz escarlate na bandeira desfraldada, tudo, naquele recinto, se ressentido da impenetrabilidade do aço: miragens da existência livre e escumas da onda inquieta morrem desfeitas nas chapas inflexíveis que lhe revestem o costado...

De uma das pontes observamos os marinheiros que descansam no castelo da proa: ali mesmo a animação é nula. Conversam a meia voz. Reconhecemos alguns dos que regaláramos de manhã com fruta e vinho; agora olham-nos quase a medo.

Um deles, ajoelhado, acorda o companheiro que dorme, passando-lhe a mão pelo rosto e tocando-lhe

nos lábios com uma maçã. Desperta o outro; ambos comem da maçã e sorriem amorosamente. É o melancólico idílio das camaradagens marítimas: os dois coram como donzelas ao surpreender a curiosidade com que os espiamos...

Descemos ao bote e damos ordem para o regresso, recomendando aos catraeiros que remem devagar.

É tão activa a reverberação do sol na superfície da água que julgamos vogar entre sargaços de fogo.

O calor sufoca e dos corpos dos barqueiros escorre o suor em tal abundância que faz poços nos paneiros.

Nós abrasamos também, mesmo debaixo do toldo branco.

— Se houvesse aqui perto alguma praia com sombra, íamos para lá esperar o pôr do Sol... — digo eu já insofrido.

— Passados Os Três Irmãos de Alvor — são três leixões agudos que avistamos cerca — na Ponta de João de Ourém há umas praiazinhas, mas não valem nada ...; só na baixa-mar é que ficam a descoberto...

— Voltamos lá já...

A Ponta de João de Ourém é um montão de rochas a crescer pelo mar dentro e visível em toda a linha da costa desde a Ponta do Altar até à Ponta da Piedade.

Rochedos amontoados brutaemente dando um perfil tumultuoso e áspero, com luzernas de céu e mar a resplandecer pelos vãos dos penedos sobrepostos.

Ao pé, esses penedos separam-se em labirinto de leixões semeados no mar, a esmo, levando por sinuosos canais sombreados aos pequenos refúgios da costa. As rochas levantam-se desigualmente: algumas afloram ou assomam os tenebrosos cabeços vincados por paralelas de gumes, à mais leve ondulação do mar; outros abrem-se em arcos franjados de algas verdes ou aguçam-se em pontas carcomidas; finalmente, dois ou três muito altos e cilíndricos erguem-se da água transparente com a solidez e o arrojo de torres fortificadas, enegrecidas e húmidas até onde lhes bate a água, mas os remares, brunidos pelo vento e

amarelecidos ao sol, tão secos e lisos como se fossem de marfim.

O bote acolhe-se ao umbroso remanso de uma gruta baixa donde nós alcançamos terra saltando, descalços, ao lume de água sobre cachopos escorregadios.

Achamos praia de areia seca mas quase toda no perímetro dum fojo imenso cujo incessante esboroamento tornaria a nossa demora, ali, arriscada.

Resolvemos passar o resto da tarde dentro de água. O meu gigantesco e obeso companheiro despe-se e fica sentado numa pedra, com água pela cintura, a chapinhar as polpas do tronco que se ordenam em roscas vermelhas, todas subordinadas ao aninho do umbigo, como a animada estátua de um Buda de raça loira.

Eu nado à aventura por entre os rochedos, na afagosa sensação da fluidez que embala, explorando furnas lóbregas, onde a carne mal se esquivava ao contacto das pedras que anavallham, e mergulhando de olhos abertos para atravessar buracos de rochas submersas, cujas bocas oscilam, recuando ou adiantando-se, ora ampliadas ora sumidas, pelas glaucas profundezas da água agitada.

O corpo estremece-me no silêncio das sombras onde a água estagna gelada e cristalina e daí foge, arrepiado, coando-se pela água amornecida das passagens assoalhadas, com os membros laxos de quem flutua, inerte, ao sabor de uma preguiçosa corrente de frouxéis de arminhos.

Ando nisto duas horas ou mais quando enxergo, em cima de uma larga pedra rasa e rente com o mar, um pescador de cana que se esforça inutilmente por tirar a linha da água. O corpo dobra-se-lhe em arco perfeito, tal é a violência com que forceja por soltar a linha, e cai, assim dobrado, de costas, quando subitamente o peixe que a prendia salta da água e lhe vem bater no peito. É um grandíssimo congro a descrever

38 arabescos prateados por entre os membros do pescador que o tenta sujeitar com o peso do corpo. Mas

o peixe viscoso coleia, enfurecido, resvalando pela carne nua e ambos ficam a escabujar sobre a rocha limosa.

Com o meu auxílio doma-se o monstro e é então que eu reconheço a custo, na elegância da sua nudez de adolescente, o pescador, um garoto, grande traquinas, a quem por pedido dos pais eu diligenciara debalde meter na escola de marinheiros.

Ia-me ele contando as peripécias da sua pesca, mas de repente pára e aponta para uma furna distante, visível pelas frinchas que a perspectiva das rochas abre ao acaso: dentro estão duas mulheres sentadas, dobrando os xales com jeito de quem se vai despir.

O rapaz não as conhece e observa:

— Devem ser do campo e pensam que ninguém as vê...; a apostar que se vão despir e que a gente as vê nuzinhas...

— Deixa-as lá...

Despem-se com efeito, entre risos que mal ouvimos. Ambas são trigueiras, conquanto mostrem nos braços uma alvura que os rostos não faziam suspeitar. Diferem consideravelmente na idade. A uma delas alteia-se a camisa no peito com exuberâncias de amojó e na outra cai em pregas pelo grácil corpinho abaixo. Riem; riem muito, a porfiar qual delas há-de primeiro despir a camisa. É a mais nova que se decide: mostra no torneado tronco dois meios limões agudos onde a outra põe logo os lábios; depois esta abre também a camisa, soltando os túmidos seios maduros que a outra apalpa. Recrudescem os risos...

Mas esta cena dura apenas momentos porque elas logo enfiam as saias brancas pela cabeça, perscrutando medrosas com a vista, em redor, e, erguendo-se, desaparecem por detrás das rochas.

Reparo no pescador; vejo-o de braços estendidos e as mãos abertas na atitude de quem pede silêncio, os olhos chamejantes e o sexo arrebitado: é o fauno

púbere prestes a atirar-se à ninfa incauta que ele espreitou e quer violar...

Volto adonde o meu companheiro a quem encontro ainda na mesma postura, chapinhando o tronco já desafogueado e branco de cré.

Embarcamos.

O calor abateu com o declinar do Sol que desaparece precisamente quando aproamos à barra.

Como se extingue o braseiro no vasto disco de bronze amarelo assim se afogou o Sol em cinzas ao resvalar no polido oiro pálido do céu.

Descobre-se a curva inteira da baía; mas a atmosfera perde a sua jubilosa limpidez, satura-se de humidade que a repassa de tons cetíneos e esfuma-se a poente de puídas cambraias arroxadas.

A superfície do mar embebe-se de violeta, nas restingas da barra a água rola espumas de arco-íris.

O ar arrefece sem que bafeje o mais ténue sopro de aragem.

Passamos a barra.

À esquerda sombreia a duna extensa com o seu perfeito contorno de ciclóide desenhado num fio de lume sobre o fundo azul-verdoso dos campos.

A luz parece morrer numa atonia de pérola sem brilho; mas à revivescência do crepúsculo forra-se inesperadamente o horizonte de purpúreo damasco-escuro lavrado a fogo.

Nesse plano ardente as altas serras do Algarve, que fecham a bacia do rio, ampliam-se e endurecem tornadas em maciço vidro fosco.

A noite cresce do oriente com asas tenebrosas de morcego; esvai-se o crepúsculo e a escuridão cristaliza...

São águas vivas: a corrente do rio apertada na vazante entre a coroa de areia que o vai assoreando e a curva do dique é difícil de vencer; os catraeiros re-

mam trabalhosamente, com dolorosos rangidos nos toletes a que estremecem as tábuas do bote.

Já se avizinha a vila; o casario distingue-se mal, pardacento, aos laivos, feito a retalhos de papel furado por luzes cujos trémulos reflexos penetram profundamente no coração da água.

Suspiram as estrelas no cristal negro do céu...

É já noite cerrada quando atracamos ao cais e, ao baque do bote dando nas pedras do embarcadero, a mesma voz da manhã, soando longínqua e apagada, repetiu: «Pronto»...

Ernest Hemingway

Montes como elefantes brancos

Tradução de Luísa Costa Gomes

Ernest Miller Hemingway (1899-1961). *Hills Like White Elephants* faz parte da antologia *Men Without Women*, a segunda coleção de contos de Hemingway, publicada em 1927, sendo um marco importante na progressão literária do autor. Sobre ele escreve muito justamente Philip Young: “Homem supinamente contraditório, Hemingway teve a fama que poucos escritores do século XX, ou mesmo nenhum, ultrapassaram. A natureza viril da sua escrita, que tentava recriar exactamente sensações de que teve experiência na guerra, na caça grossa, nos touros, dissimulava de facto uma sensibilidade estética de grande delicadeza”.

Os montes para além do vale do Ebro eram compridos e brancos. Do lado de cá não havia sombra nem árvores e a estação ficava ao sol entre as duas linhas. Mesmo pegada à estação havia a sombra quente do edifício e uma cortina de contas de bambu, pendurada na porta aberta do bar, afastava as moscas.

— O que é que vamos beber ? — perguntou a rapariga. Tirara o chapéu e pusera-o em cima da mesa.

— Está bastante calor — disse o homem.

— Vamos beber cerveja.

— Dos cervezas — disse o homem para dentro da cortina.

— Grandes? — perguntou, da soleira, uma mulher.

— Sim. Duas grandes.

A mulher trouxe dois copos de cerveja e duas bases de feltro. Pôs as bases e os copos na mesa e olhou para o homem e para a rapariga. A rapariga estava a olhar para a linha dos montes. Ao sol, eram brancos e a região toda castanha e seca.

— Parecem elefantes brancos — disse ela.

— Nunca vi nenhum. — O homem bebeu a cerveja.

— Não, claro, nem podias.

— Até podia ter visto — disse o homem. — Lá porque dizes que não podia ter visto, não prova nada.

A rapariga olhou para a cortina de bambu.

— Pintaram ali qualquer coisa — disse ela. — O que é que diz?

— Anis del Toro. É uma bebida.

— Podemos provar?

O homem chamou «Olhe!», pela cortina.

A mulher saíu do bar.

— Quatro *reales*.

— Queremos dois Anis del Toro.

— Com água?

— Queres com água?

— Não sei — disse a rapariga. — É bom com água?

— Pode ser.

— Querem com água? — perguntou a mulher.

— Sim, com água.

— Sabe a alcaçuz — disse a rapariga e pousou o copo.

— É assim com tudo.

— É — disse a rapariga. — Sabe tudo a alcaçuz.

Principalmente as coisas por que esperámos tanto tempo, como o absinto.

— Oh, não comeces.

— Tu é que começaste — disse a rapariga. — Eu estava divertida. Estava a passar um bom bocado.

— Bem, então vamos tentar passar um bom bocado.

— Está bem. Eu estava a tentar. Disse que as montanhas pareciam elefantes brancos. Não foi inteligente?

— Essa foi inteligente.

— Quis provar esta bebida. É só o que fazemos, não é? — olhar para as coisas e experimentar novas bebidas.

— Acho que sim.

46 A rapariga olhou para os montes.

— São lindos, aqueles montes — disse. — Não se parecem bem com elefantes brancos. Só queria dizer a cor da pele deles através das árvores.

— Vamos beber outra?

— Está bem.

O vento quente atirou a cortina contra a mesa.

— A cerveja está bem gelada — disse o homem.

— Está ótima — disse a rapariga.

— A operação é realmente muito simples, Jig — disse o homem. — Nem é bem uma operação.

A rapariga olhou para o chão, onde assentavam as pernas da mesa.

— Sei que não te vais importar, Jig. É uma coisa de nada. É só para deixar entrar o ar.

A rapariga não disse nada.

— Vou contigo e fico contigo o tempo todo. Fazem com que o ar entre e depois fica tudo completamente natural.

— E o que é que fazemos depois?

— Depois ficamos bem. Como dantes.

— Que é que te leva a pensar isso?

— É a única coisa que nos preocupa. É a única coisa que nos tem feito infelizes.

A rapariga olhou para a cortina, estendeu a mão e agarrou duas fiadas de contas de bambu.

— E achas que depois ficamos bem e seremos felizes.

— Sei que seremos. Não tens de ter medo. Conheço montes de gente que já fez isso.

— Também eu — disse a rapariga. — E depois foram todos tão felizes.

— Bem — disse o homem — se não quiseres, não és obrigada. Nem eu queria que fizesses, se tu não quisesses. Mas sei que é simplicíssimo.

— E tu queres mesmo?

— Acho que é o melhor a fazer. Mas não quero que faças, se não quiseres mesmo.

— E se eu fizer, tu ficas feliz e as coisas voltam a ser como dantes e tu amas-me?

— Já te amo agora. Sabes bem que te amo.

— Eu sei. Mas se fizer a operação, vai ser outra vez bom eu dizer que as coisas são como elefantes brancos, e tu vais gostar de ouvir?

— Vou adorar. Já gosto, mas não consigo é pensar nisso. Já sabes como é que eu sou quando estou preocupado.

— Se eu fizer, nunca mais te preocupas?

— Não me vou preocupar com isso, porque é simplí-císsimo.

— Então faço. Porque não me importo comigo.

— Como assim?

— Não me importo comigo.

— Eu importo-me contigo.

— Sim, claro. Mas eu não me importo comigo. E faço-a e depois fica tudo bem.

— Não quero que faças, se sentes isso.

A rapariga levantou-se e andou até ao fim da estação. Do outro lado havia campos de trigo e árvores ao longo das margens do Ebro. Longe, para lá do rio, havia montanhas. A sombra de uma nuvem atravessou os campos de trigo e ela viu o rio por entre as árvores.

— E podíamos ter isto tudo — disse ela. — E podíamos ter tudo e cada dia que passa o tornamos mais impossível.

— Que é que disseste?

— Disse que podíamos ter tudo.

— Podemos ter tudo.

— Não, não podemos.

— Podemos ter o mundo todo.

— Não, não podemos.

— Podemos ir a todo o lado.

— Não, não podemos. Já não é nosso.

— É nosso.

— Não, não é. E depois de no-lo tirarem, já não o voltamos a ter.

— Mas não tiraram.

— Isso é o que vamos ver.

— Volta aqui para a sombra — disse ele. — Não fiques assim.

— Não fico de maneira nenhuma — disse a rapariga.

— Eu é que sei.

— Não quero que faças nada que não queiras fazer...

— Nem nada que não seja bom para mim — disse ela. — Eu sei. Podemos beber outra cerveja?

— Está bem. Mas tens de perceber...

— Percebo — disse a rapariga. — Será que podíamos parar de falar?

Ficaram sentados à mesa e a rapariga olhou para os montes do lado seco do vale e o homem olhou para ela e para a mesa.

— Tens de perceber — disse ele — que eu não quero que faças, se não quiseres. Passo de bom grado por tudo isso contigo, mas se isso tiver significado para ti.

— E para ti não significa nada? Podíamos chegar a um acordo.

— Mas é claro que significa. Só te quero a ti. Não quero mais ninguém. E sei que é perfeitamente simples.

— Sim, sabes que é perfeitamente simples.

— Diz o que quiseres, mas eu sei que é.

— Eras capaz de me fazer um favor?

— Faria tudo por ti.

— Eras capaz de por favor, por favor parares de falar?

Ele não disse nada mas olhou para as malas encostadas à parede da estação. Tinham etiquetas de todos os hotéis onde tinham passado noites.

— Mas não quero que faças — disse ele — quero lá saber disso!

— Eu grito — disse a rapariga.

A mulher saiu pela cortina com dois copos de cerveja e pousou-os nas bases de feltro molhadas.

— O comboio chega daqui a cinco minutos — disse ela.

— Que é que ela disse? — perguntou a rapariga.

— Que o comboio chega daqui a cinco minutos.

A rapariga fez um grande sorriso à mulher, para lhe agradecer.

— É melhor eu levar as malas para o outro lado da estação — disse o homem. Ela sorriu-lhe.

— Está bem. Depois volta, e acabamos a cerveja.

Ele pegou nas duas malas pesadas e carregou-as, dando a volta à estação, para a linha do outro lado. Regressando, atravessou o bar, onde bebiam as pessoas que esperavam pelo comboio. Bebeu um anis no bar e olhou para as pessoas. Todas esperavam, sensatas, pelo comboio. Saiu pela cortina de contas. Ela estava sentada à mesa e sorriu-lhe.

— Estás melhor? — perguntou ele.

— Estou ótima — disse ela. — Não tenho absolutamente nada. Estou ótima.

Vladimir Nabokov

Nuvem, castelo, lago

Tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra

Vladimir Nabokov (1899-1977) nasceu em São Petersburgo, primogénito duma família aristocrática e liberal. O pai foi membro do Governo e teve que fugir da Rússia depois da Revolução, primeiro para Londres e depois para Berlim. Nabokov juntou-se-lhes em 1922, acabados os estudos em Cambridge. Entre 1923 e 1940 publicou romances, contos, poemas, traduções e peças de teatro em russo. Em 1940 estabeleceu-se nos Estados Unidos, publicando um ano depois *The Real Life of Sebastian Knight*, o seu primeiro romance escrito em inglês. *Nuvem, Castelo, Lago* (*Oblako, ozero, bashnya*) foi originalmente escrito em russo e publicado na revista de emigrantes russos *Sovremennyya Zapiski* (Paris, 1937). Em 1958, já a viver na América, Nabokov incluiu uma tradução inglesa de *Peter Pertsov*, em colaboração com o autor, numa antologia que intitulou *Nabokov's Dozen* (dela constavam, caracteristicamente, treze histórias). *Nuvem, Castelo, Lago* pertence à série de contos de Nabokov em que paira a sombra do homicídio do pai por dois fanáticos, que ele presenciou, e das atrocidades totalitárias contra as quais sempre se bateu.

Um dos meus representantes, celibatário modesto, brando, excelente empregado, ganhou uma viagem de recreio num baile de beneficência organizado pelos emigrados russos. Embora o Verão berlinense corresse completamente alagado (já ia na segunda semana de humidade e frio, dava pena ver tudo o que verdejara em vão, só os pardais não desanimavam), não lhe apetecia ir a lado nenhum, mas quando, na Sociedade das Viagens de Recreio, tentou trocar o seu bilhete por dinheiro, disseram-lhe que era obrigatória uma autorização especial do Ministério dos Transportes; aqui, exigiam-lhe em primeiro lugar, via notário, um complexo requerimento em papel selado e, além disso, um papel da polícia dito «certificado de não abandono da cidade no período dos meses de Verão», pelo que, feitas as contas, as despesas disto tudo somavam um terço do preço do bilhete e ele ficava com a esperança de receber, alguns meses depois, um montante equivalente também à terça parte do bilhete. Suspirou, suspirou, e resolveu ir. Pediu emprestado a pessoas amigas um cantil de alumínio, mandou deitar meias-solas, comprou um cinto e uma camisa de corte informal, em flanela — uma dessas que esperam com impaciência pela lavagem para encolher. Aliás, era uma camisa de-

masiado grande para este homem simpático, baixinho, sempre de cabelo rigorosamente aparado, com olhos inteligentes e bondosos. Sou incapaz de lembrar-me agora do seu nome e patronímico. Vassíli Ivánovitch, parece.

Na véspera da partida dormiu mal. E porquê? Não só porque devia acordar insolitamente cedo de manhã e, como tal, tinha de levar consigo para o sono a carinha do relógio que tiquetaqueava na mesinha ao lado, mas também porque nessa própria noite começou a afigurar-se-lhe, assim sem mais, que tal viagem, que um destino de vestido decotado lhe impusera, viagem que ousara empreender contra vontade, lhe ofereceria subitamente uma felicidade divina, palpitante, de algum modo semelhante à sua infância e à emoção que lhe davam as melhores obras da poesia russa, àquele horizonte na hora do ocaso com que sonhara uma vez, e àquela mulher alheia que ele amava desesperadamente ia já no oitavo ano (mas uma felicidade ainda mais completa e mais significativa do que tudo isso). De mais a mais, a sua ideia era a de que a verdadeira vida, uma vida boa, tinha de estar virada para alguma coisa ou para alguém.

A manhã despontou nublada, mas tépida como o leite acabado de ordenhar, com o sol escondido mas presente, e era muito bom ir aos sacões do eléctrico para o ponto de encontro, numa gare longínqua: na excursão, infelizmente, participavam várias pessoas. E quem seriam esses companheiros de viagem, envoltos em sonolência, como o está sempre quem nos é ainda desconhecido? Viu-os ao lado da bilheteira número seis, eram sete da manhã, como indicado nas instruções anexas ao bilhete (já estavam à espera dele: afinal atrasara-se uns três minutos). De imediato se destacou um loiro esgrouviado em traje tirolês, queimado até à cor de crista-de-galo, enormes joelhos peludos laranja-dourados, nariz que parecia lacado. Era o guia designado pela Sociedade e, mal o recém-chegado se juntou ao grupo (quatro mulheres e o mesmo número de homens), levou os excursionistas para um comboio escondido por trás

de outros comboios, carregando às costas, com uma facilidade assustadora, a sua monstruosa mochila e batendo sonoramente no chão com os reforços das botas. Instalaram-se numa pequena carruagem vazia, terceira classe autêntica, e Vassíli Ivánovitch, arranjando um lugarzinho um pouco afastado e metendo à boca um rebuçado de menta, abriu um volume de Tiútchev que há muito queria reler («Somos muco. Há mentira pronunciada»¹, e mais o verso divino sobre uma exclamação corada); mas pediram-lhe que pusesse o livro de lado e se juntasse ao grupo. O funcionário dos correios de certa idade, de óculos e com o crânio, o queixo e o lábio superior cobertos de cerdas violetas, como se tivesse rapado para a viagem um cabelo e uns pêlos invulgarmente exuberantes, declarou de imediato que já fora à Rússia e sabia algumas palavras de russo, por exemplo «peijo» e, lembrando-se das suas traquinices em Tsarítsin, piscou o olho cá de um modo que a mulher dele, uma gorda, esboçou no ar uma valente bofetada. No geral, começava a reinar a balbúrdia. Quatro deles, ligados entre si por serem funcionários da mesma empresa de construção, trocavam chalaças pesadas — um homem mais velho, chamado Schulz, um mais novo, também Schulz, e duas raparigas com bocas enormes, nalgudas e inquietas. A viúva ruiva, de tipo um pouco bufão e saia desportiva, também sabia certas coisas da Rússia (ah, praias do Golfo de Riga). Havia ainda um moreno, jovem de olhos sem brilho, chamado Schramm, com algo de indefinido, de enjoativamente aveludado no físico e nas maneiras, e que não parava de desviar a conversa para estas ou aquelas facetas vantajosas da excursão e dava as deixas para que os outros exprimissem a sua admiração: era, como viria a saber-se mais tarde, um animador destacado especialmente pela agência.

A locomotiva, dando aos cotovelos com aplicação, corria pelo pinhal, e depois — aliviada — pelos campos, e Vassíli Ivánovitch, percebendo apenas vagamente todo o absurdo e horror da sua situação, e tentando talvez convencer-se de que era tudo muito simpático, ar-

ranjava maneira de se deliciar com as ofertas espontâneas do percurso. Realmente: que arrebatador tudo isto, que encanto ganha o mundo quando lhe deram corda e ele gira como um carrocel! Que coisas se descobrem! O sol incandescente esgueirava-se por um canto da janela e banhava de súbito o banco amarelo. A sombra mal engomada da carruagem voava a uma velocidade louca pelo declive relvado onde as flores se fundiam em linhas coloridas. Passagem-de-nível: um ciclista espera, apoiando um pé no chão. As árvores surgiam, em grupo e em separado, viravam-se com suavidade e indiferença, manequins passando novos modelos. Humidade azul de um barranco. Recordação do amor disfarçada de Prado. Cirros como galgos celestes. Sempre nos espantou, a mim e a ele, este anonimato de todas as partes da paisagem, assustador para a alma, a impossibilidade de alguma vez se saber — sendo tão sedutores esses confins desertos — aonde leva aquela vereda! A espaços, numa encosta longínqua ou num vão do meio da floresta aparece e imobiliza-se por um instante, como respiração presa, um lugarzinho de tanto encanto — clareira, socalco — uma expressão tão perfeita de beleza terna, benevolente, que quase dá vontade de fazer parar o comboio e... ir lá, para sempre, lá onde estás tu, meu amor... mas já correm, saltando loucamente, girando na fervilheira do sol, milhares de troncos de faias, e pronto, deixámos fugir outra vez a felicidade. Nas paragens, Vassíli Ivánovitch olhava às vezes para uma combinação de objectos completamente insignificantes — uma mancha na plataforma, um caroço de ginja, uma ponta de cigarro — e dizia para consigo que nunca, mas nunca, iria guardar na memória e lembrar mais tarde aquelas três coisinhas naquela disposição entre si, aquele ornamento que, no entanto, está a ver agora com uma tal nitidez que parece eterno; ou ainda, observando o grupo de crianças à espera do comboio, tentava com todas as forças entrever, pelo menos numa, um destino notável —

56 em forma de violino ou de coroa, de hélice ou de

lira — e chegava tão longe na sua observação que todo aquele bando de escolares de aldeia se lhe afigurava como numa fotografia antiga, reproduzida agora com uma cruzinha branca em cima do rosto do rapaz da ponta: a infância do herói.

Mas, olhar para a janela só era possível de tempos a tempos. Foram distribuídas a todos, por cuidado da agência, folhas com versos:

Despede-te dos cuidados vãos,
pega na tua bengala grossa
e marcha pelo caminho grande,
faz companhia à boa gente.

Pelas colinas da terra mãe,
faz companhia à boa gente,
a solidão para trás das costas,
e as dúvidas, diabo as leve.

Quilómetro a quilómetro vai,
cantando mi-ré-dó, dó-ré-mi,
na companhia de sol e vento
na companhia da boa gente.

Era preciso cantá-los em coro. Vassíli Ivánovitch, que não sabia cantar nem sequer pronunciar bem as palavras alemãs, aproveitou-se do atroar das vozes conjuntas para apenas abrir a boca e baloiçar levemente fingindo que cantava — mas o guia, a um sinal do insinuante Schramm, suspendeu bruscamente o canto e, franzindo com desconfiança os olhos na direcção de Vassíli Ivánovitch, exigiu que ele cantasse a solo. Vassíli Ivánovitch pigarreou, começou timidamente e, depois de um minuto de tortura solitária, entraram todos, já não se atrevendo ele a esquivar-se.

Tinha levado consigo: um adorado pepino da loja russa, um pão e três ovos. Quando entardeceu e o sol baixo e vermelho entrou por inteiro na carruagem enxovalhada, enjoada, ensurdecida pelo seu próprio barulho, foi sugerido a todos que juntassem as provisões para de-

pois serem redistribuídas em partes iguais — ainda por cima era fácil, porque todos, salvo Vassíli Ivánovitch, tinham levado a mesma coisa. O pepino fez rir toda a gente, foi considerado não comestível e atirado pela janela fora. Devido ao seu contributo insuficiente, Vassíli Ivánovitch recebeu uma dose mais pequena de chouriço.

Obrigavam-no a jogar ao *skat*², atenazavam-no, indagavam-no, verificavam se sabia mostrar no mapa o percurso da viagem — numa palavra, todos se ocupavam dele, de início com benevolência, depois com ameaça crescente, à medida que se aproximava a noite. Ambas as raparigas se chamavam Greta, a viúva ruiva tinha certas parecenças com o galo-guia; Schramm, Schulz e o outro Schulz, o funcionário dos correios e a mulher, todos eles se fundiam a pouco e pouco numa concreção, numa criatura compósita, mole, de muitas mãos, da qual não havia maneira de escapar. Amarinhava sobre ele de todos os lados. Mas, de repente, tudo se evacuou do comboio, e era já escuro, embora no ocidente ainda estivesse parada uma nuvem muitíssimo comprida, muitíssimo rosada, e um pouco mais adiante sobre a linha, como estrela trememente trespassando a alma, ardesse a lanterna através do fumo vagaroso do comboio, e nas trevas chilreassem os grilos, e viesse de algum lado o cheiro a jasmim e a feno, meu amor.

Pernoitaram numa estalagem cambada. Um percevejo inveterado é terrível, mas há uma certa graça no movimento do lepisma³ sedoso. O funcionário dos correios foi separado da mulher, ajuntada com a ruiva, e oferecido para a noite a Vassíli Ivánovitch. As camas ocupavam o quarto todo. Por cima o colchão de penas, por baixo o penico. O funcionário disse que não tinha sono e pôs-se a contar, com mais pormenores do que no comboio, as suas impressões russas. Era um monstro obstinado e minucioso, de ceroulas prisionais, com garras nacaradas nos pés sujos e pêlo ursino entre os seios gordos. Uma borboleta noctur-

na azafamava-se pelo tecto, brindando com a sua própria sombra.

— Em Tsarítsin — dizia o funcionário —, existem agora três escolas: alemã, checa e chinesa. Pelo menos é o que afirma o meu genro, que andou por lá a construir tractores.

No dia seguinte, desde manhã cedo até às cinco da tarde, levantaram poeira na estrada que atravessava preguiçosamente colina após colina, depois andaram por um caminho verde através de um bosque espesso. Vassíli Ivánovitch, como ia menos carregado, foi obrigado a transportar debaixo do sovaco um enorme pão redondo. Como te odeio, pão nosso de cada dia! Mesmo assim, os seus olhos preciosos, experientes, notavam coisas necessárias. No pano de fundo da escuridão dos abetos está pendurada verticalmente uma agulha seca numa teia de aranha invisível.

De novo se encatrafiam no comboio, a carruagem de novo pequena e vazia, sem divisórias. O outro Schulz começou a ensinar Vassíli Ivánovitch a tocar bandolim. Todos riam muito. Quando se fartaram, travaram uma linda brincadeira dirigida por Schramm; consistia no seguinte: as mulheres deitavam-se nos bancos que escolhiam, debaixo dos quais já estavam escondidos os homens, e então, quando de um ou outro banco assomava uma cabeça vermelha com suas orelhas ou uma manápula com os dedos a treparem para debaixo da saia (o que provocava um guincho), descobria-se quem fazia par com quem. Por três vezes Vassíli Ivánovitch se deitou na escuridão emporcalhada e por três vezes não estava ninguém em cima do banco quando rastejava para fora. Foi declarado vencido e obrigado a comer uma ponta de cigarro.

Passaram a noite em enxergões de palha num barracão qualquer, e de manhã cedo voltaram à caminhada. Abetos, despenhadeiros, riachos espumosos. Vassíli Ivánovitch, por causa do calor, das canções que era obrigatório berrar sem interrupção, ficou tão extenuado que ao meio-dia,

quando fizeram alto, adormeceu imediatamente e só acordou quando começaram a dar palmadas nos imaginários moscardos que lhe pousavam no corpo. Passada outra hora de marcha, entreabriu-se-lhe aquela felicidade em que pensara uma vez num meio devaneio.

Era um lago límpido e azul, o rosto da água era único. No meio reflectia-se por inteiro uma nuvem grande. Do outro lado, sobre uma colina densamente coberta do verde do arvoredado (tanto mais poético quanto mais escuro),⁴ erguia-se de chofre em verso dactílico uma torre antiga e negra. É evidente que paisagens destas, na Europa Central, há-as aos montes, mas esta, precisamente esta, pela concordância inexprimível e incomparável das suas três partes principais, pelo seu sorriso, por uma certa ingenuidade misteriosa — meu amor!, minha submissa! — era tão única, tão querido lar, e havia tanto tempo prometida, e compreendia tão bem o contemplador, que Vassíli Ivánovitch até deitou a mão ao coração a ver se estava no lugar, para entregá-lo.

A certa distância o Schramm, espetando o ar com o *alpenstock* do guia, chamava a atenção dos excursionistas sabe Deus para quê, estes acomodavam-se na relva em posições de amadores, enquanto o guia, sentado num tronco de costas para o lago, petiscava. Sorrateiro, escondendo-se atrás das próprias costas, Vassíli Ivánovitch foi indo ao longo da margem até desembocar numa estalagem onde, cosendo-se ao chão, rindo e dando freneticamente ao rabo, o saudava um cão ainda jovem. Entrou na companhia dele na casa, malhada, de dois pisos, com o olho franzido da janela de baixo da pálpebra proeminente das telhas, e deparou com o dono, um velho alto, com um aspecto que revelava o veterano inválido, e que se exprimia tão mal e tão suavemente em alemão que Vassíli Ivánovitch passou a falar russo, mas o homem compreendia-o como que enlevado em sono e continuava a responder na língua do seu quotidiano, da sua família. No andar de cima havia um quarto para

— Sabe uma coisa? Vou alugá-lo para toda a vida — disse e não disse Vassíli Ivánovitch, mal entrou no quarto.

Não tinha nada de especial — pelo contrário, era um quartito dos mais vulgares, chão vermelho, flores de camomila pintadas nas paredes brancas e um pequeno espelho, cheio até metade de infusão de camomila —, mas pela janela via-se claramente o lago com a nuvem e a torre, numa combinação imóvel e perfeita de felicidade. Sem reflectir, sem entrar em pormenores, entregando-se sem defesa à atracção cuja verdade estava na sua força, nunca antes experimentada, Vassíli Ivánovitch, num segundo ensolarado, compreendeu que aqui, neste quartinho com uma vista encantatória até às lágrimas, desta janela, a sua vida correria da maneira que sempre desejara. Como seria exactamente essa maneira, o que sucederia aqui — não sabia, claro, mas tudo em volta era amparo, promessa, alegria, logo, tinha de instalar-se mesmo aqui, disso não tinha dúvidas. Percebeu num ápice como levar a coisa avante, como fazer para não voltar a Berlim, como pedir que lhe mandassem os parques haveres — livros, fato azul, fotografia dela. Tudo tão fácil! Na minha empresa ele ganhava bastante bem para uma modesta vida russa.

— Meus amigos — gritou, descendo a correr para a clareira ribeirinha. — Meus amigos, adeus! Vou ficar para sempre naquela casa. A partir daqui, os nossos caminhos dividem-se. Não vou mais. Não vou para lado nenhum. Adeus!

— O que é isso de adeus? — proferiu numa voz estranha o guia, após uma pausa curta durante a qual o sorriso de Vassíli Ivánovitch foi desbotando lentamente, enquanto os sentados na erva se soerguiam e olhavam para ele com olhos de pedra.

— Mas porquê? — balbuciou ele. — Decidi ficar aqui...

— Caluda! — berrou de repente e com uma força terrível o funcionário dos correios. — Tem juízo, porco bêbado!

— Esperem, meus senhores — disse o guia — um momentinho — e, lambendo os lábios, dirigiu-se a Vassíli Ivánovitch: — O senhor, pelos vistos, embebedou-se mesmo — disse calmamente. — Ou enlouqueceu. O senhor está a fazer uma excursão de recreio connosco. Amanhã, seguindo o trajecto marcado — veja no seu bilhete — voltamos todos a Berlim. Que algum de nós — neste caso o senhor — se recuse a seguir viagem em grupo, nem é bom falar disso. Hoje cantámos uma canção: lembre-se do que dizia a canção. Agora, chega! Preparem-se, filhos, vamos seguir viagem.

— A cerveja está à nossa espera em Ewald — disse Schramm com meiguice. — Cinco horas de comboio. Passeio. Pavilhão de caça. Minas de carvão. Montões de curiosidades.

— Vou apresentar queixa — gritou Vassíli Ivánovitch. — Devolvam-me o meu saco. Tenho o direito de ficar onde me apetecer. Mas, isto é uma espécie de convite à execução — parece ter acrescentado quando o agarraram pelos braços.

— Se for preciso, arrastamo-lo atrás de nós — disse o guia — mas é pouco provável que vá gostar. Sou responsável por cada um de vós e tenho de levar de volta cada um de vós, vivo ou morto.

Arrastado, como num conto de fadas selvagem, pelo caminho do bosque, agarrado pelos pulsos torcidos, apertado, Vassíli Ivánovitch nem sequer podia virar a cabeça e apenas sentia que o resplendor ia ficando cada vez mais longe atrás das suas costas, esmigalhado pelas árvores, e que resplendor já não havia, só a floresta negra à volta a queixar-se passivamente. Mal entraram na carruagem e o comboio partiu, começaram a espancá-lo — bateram-lhe durante muito tempo e de maneira bastante sofisticada. Inventaram, entre outras coisas, furar-lhe com o saca-rolhas a palma da mão e, depois, a planta do pé. O funcionário dos correios, que visitara a Rússia, improvisou de um pau e de um cinto um chicote que

Os outros homens confiavam mais nos tacões das botas com reforços de ferro, as mulheres contentavam-se com beliscões e bofetadas. Divertidíssimo.

Chegado a Berlim, foi ter comigo. Mudara muito. Sentou-se em silêncio, pousou as mãos nos joelhos. Contou. Repetia sem fim que se via obrigado a demitir-se do trabalho, implorava que o deixasse sair, dizia que não podia mais, que já não tinha forças para continuar a ser homem. Deixei-o ir, evidentemente.

¹ Citação deturpada de uma poesia de Fiódor Tiútchev, baseada num jogo de palavras (correcto: «A ideia pronunciada é mentira»). (Nota da Tradução)

² Jogo de cartas. (Nota da Tradução)

³ Lepisma - insecto ortóptero que se encontra nos lugares húmidos das casas velhas e mal cuidadas. (Nota da Tradução)

⁴ “erguia-se, de dáctilo em dáctilo, uma torre antiga e negra” seria a tradução literal. A frase original é, ela mesma, escrita em dactílico (cada pé é constituído por uma longa e duas breves). (N.T.)

Flannery O'Connor

**Os homens bons não
são fáceis de encontrar**

Tradução de Clara Pinto Correia

Flannery O'Connor (1925-1964). Natural da pequena povoação de Milledgeville, no estado sulista da Georgia, Flannery O'Connor estudou escrita criativa na Universidade de Iowa e publicou um primeiro romance em 1952. Em 1955 saía *A Good Man is Hard to Find* (contos). Publicando apenas mais um romance, *The Violent Bear it Away* (*O Mundo é dos Violentos*), O'Connor morreu de lupus, de que sofrera durante dez anos. Em 1965, saiu postumamente mais uma colecção de contos *Everything That Rises Must Converge*. A tradução que incluímos é de Clara Pinto Correia (in *Antologia Indispensável, Publicações Dom Quixote*, 1996).

A avó não queria ir para a Florida. Queria visitar alguns dos seus conhecidos no Tennessee Ocidental, e andava a aproveitar todas as oportunidades para tentar conseguir que Bailey mudasse de ideias. Bailey era o filho com quem vivia, o seu único rapaz. Estava sentado à mesa na beirinha da cadeira, inclinado sobre as páginas cor de laranja da secção desportiva do jornal. «Mas ouve lá, Bailey», disse ela, «olha para aqui, lê isto», e pôs-se em pé com uma mão sobre a anca magra e a outra estendida, brandindo o jornal em direcção à careca dele. «Aqui está este tipo que se chama a si mesmo O Inadaptado e que anda à solta, fugido da prisão federal, e parece que vai em direcção à Florida e aqui diz tudo o que fez às pessoas. Lê. Lê, ao menos. Eu não levaria os meus filhos para um sítio onde um criminoso destes anda à solta. Se o fizesse, nunca me sentiria em paz com a minha consciência».

Bailey não levantou a cabeça da secção desportiva e por isso a avó olhou em volta e encarou a mãe das crianças, uma mulher jovem de calças elegantes, cuja face era tão larga e inocente como uma couve, rodeada por um lenço verde com as duas pontas atadas no alto da cabeça, como as orelhas de um coelho. Estava sentada num sofá, a

dar ao bebé papa de alperces de um boião. «As crianças já estiveram na Florida antes», disse a mulher idosa. «Deviam levá-las a outros sítios, para elas verem outras partes do mundo e expandirem os conhecimentos. Elas nunca foram ao Tennessee Ocidental».

A mãe das crianças pareceu não ter ouvido, mas o rapaz de oito anos, John Wesley, um miúdo forte de óculos, disse:

— Se não queres ir à Florida porque é que não ficas em casa? — Ele e a rapariga mais nova, June Star, estavam a ler banda desenhada no chão.

— Ela não ficaria em casa nem para ser rainha por um dia — disse June Star sem levantar a cabeça loira.

— Ah sim? — perguntou a avó. — Então e se este tipo, o Inadaptado, vos apanhasse?

— Dava-lhe cabo do focinho — disse John Wesley.

— Ela não ficava em casa nem por um milhão de dólares — disse June Star. — Havia de ter medo de perder qualquer coisa excitante. Tem sempre que ir connosco onde quer que vamos.

— Muito bem, menina —, disse a avó. — Lembra-te do que disseste da próxima vez que quiseres que eu te faça caracóis no cabelo.

June Star disse que tinha o cabelo naturalmente encaracolado.

Na manhã seguinte a avó foi a primeira a entrar para o carro, pronta para partir. Tinha a grande mala que parecia a cabeça de um hipopótamo colocada num canto, e debaixo dela escondera um cesto com Pitty Sing, o gato. Não fazia tenções de deixar o animal três dias sozinho em casa porque ele sentiria demasiado a sua falta e além disso tinha medo que acidentalmente esbarrasse num dos bicos de gás do fogão e morresse asfocado. Bailey, o filho, não gostava de chegar aos motéis com gatos.

A avó estava no meio do banco de trás com John Wesley e June Star sentados um de cada lado. Bailey,

a mãe das crianças e o bebé sentaram-se no banco da frente e deixaram Atlanta às oito e quarenta e cinco. A quilometragem do carro era 55 890. A avó tomou nota disto porque pensou que seria interessante dizer quantos quilómetros tinham percorrido quando regressassem. Demoraram cerca de vinte minutos a atingir o perímetro exterior da cidade.

A mulher idosa instalou-se confortavelmente, tirando as suas luvas brancas de algodão e colocando-as com a bolsa no espaço junto ao vidro de trás. A mãe das crianças continuava de calças e continuava com o lenço verde amarrado à volta da cabeça, mas a avó pusera um chapéu de palha azul-escuro com um ramo de violetas brancas na aba e escolhera um vestido azul-escuro com pequenas pintas brancas. O colarinho e os punhos eram de organdi branco rematado por rendas e junto ao pescoço tinha pregado um alfinete de violetas roxas com um saquinho aromático. Em caso de acidente, qualquer pessoa que a encontrasse morta na auto-estrada saberia que estava ali uma verdadeira senhora.

Disse que ia ser um dia bom para viajar de automóvel, não muito quente nem muito frio, e avisou Bailey de que o limite de velocidade era cem quilómetros por hora e que as patrulhas da polícia se escondiam atrás dos cartazes e das árvores e vinham a acelerar atrás dos motoristas apanhados em infracção antes que estes pudessem vê-los e abrandar. Apontou detalhes interessantes na paisagem: Stone Mountain; o granito azul que nalguns casos aflorava junto das bermas da auto-estrada, de ambos os lados; as faixas brilhantes de argila vermelha ligeiramente eivadas de púrpura; e as várias culturas que desenhavam bordados verdes junto ao solo. As árvores estavam cheias de luz de um branco prateado, e algumas cintilavam. As crianças iam a ler revistas de quadrinhos e a mãe voltara a adormecer.

— Vamos atravessar a Georgia depressa que é para não termos que olhar demais para ela — disse John Wesley.

— Se eu fosse um rapazinho — disse a avó — nunca falaria do meu estado natal dessa maneira. Tennessee tem as montanhas e a Georgia tem as colinas.

— Tennessee é só um apeadeiro de toscos — disse John Wesley — e a Georgia também é um estado que não presta para nada.

— Nem mais — disse June Star.

— No meu tempo — disse a avó entrecruzando os dedos sulcados de pequenas veias — as crianças tinham mais respeito pelos seus estados natais, e pelos seus pais, e por muitas outras coisas. Oh, olhem, que pretinho tão amoroso! — disse ela apontando para uma criança preta diante da porta de uma cabana. — Não dava um belo quadro? — perguntou ela, e todos se viraram e olharam para o pretinho através da janela de trás. Ele acenou-lhes.

— Estava sem calças — disse June Star.

— Provavelmente não tem nenhuma — explicou a avó. — Os pretinhos do campo não têm muitas das coisas que nós temos. Se eu soubesse pintar, pintava aquela cena campestre.

As crianças trocaram livros de quadradinhos entre si.

A avó ofereceu-se para segurar no bebé e a mãe passou-lho do banco da frente. A avó sentou-o sobre o joelho e inclinou-o para a janela e foi-lhe descrevendo as coisas interessantes que iam passando na paisagem. Rolou os olhos e espremeu a boca e encostou a sua cara rugosa à cara lisa e inexpressiva dele. De vez em quando ele fazia-lhe um sorriso distante. Atravessaram um grande campo de algodão com cinco ou seis túmulos no meio rodeados por uma cerca, como uma pequena ilha.

— Olhem para o cemitério — disse a avó, apontando para ele. — Era o local de enterro de uma família. Pertenciam à plantação.

— Onde é que está a plantação? — perguntou John

— E tudo o vento levou — disse a avó. — Ah ah!

Quando as crianças acabaram de ler todos os livros de quadrinhos que tinham trazido, abriram o almoço e comeram-no. A avó comeu uma sanduíche de manteiga de amendoim e uma azeitona e não deixou as crianças atirarem os guardanapos e a caixa pela janela. Quando já não tinham mais nada que fazer jogaram a um jogo em que um deles escolhia uma nuvem e os outros dois tinham que adivinhar qual era a forma que a nuvem sugeria. John Wesley escolheu uma em forma de vaca e June Star disse que era uma vaca e ele disse que não, era um automóvel, e ela disse que ele estava a fazer batota, e começaram a dar estaladas uma ao outro diante da avó.

A avó disse que lhes contava uma história se ficassem sossegados. Quando ela contava histórias, rolava os olhos e agitava a cabeça e era muito histriónica. Disse-lhes que há muito tempo, quando era uma donzela, fora cortejada por um Sr. Edgar Atkins Teagarden, de Jasper, Georgia. Disse que era um homem muito bem-parecido e um cavalheiro e que lhe trazia todos os sábados uma melancia com as suas iniciais gravadas na casca, E.A.T. Bem, um certo sábado, disse ela, o Sr. Teagarden chegou com a melancia e não estava ninguém em casa e ele deixou-a no alpendre e voltou no seu breque para Jasper, mas ela nunca chegou a ver a melancia porque houve um rapaz preto que a encontrou no alpendre e a comeu porque leu as iniciais na casca, «EAT»¹ ! A história mexeu com o sentido de humor de John Wesley e ele desfez-se em risadas, mas June Star achou que não prestava. Ela nunca se casaria com um homem que se limitasse a trazer-lhe melancias aos sábados. A avó disse que teria sido esperta se se tivesse casado com o Sr. Teagarden porque era um cavalheiro e comprara acções da Coca-Cola quando apareceram no mercado pela primeira vez e quando morrera, o que aliás acontecera recentemente, era um homem muito rico.

Pararam no The Tower para comerem sanduíches de churrasco. O The Tower era uma estação

de gasolina e salão de baile, feito de estuque e de madeira que ficava numa clareira depois de Timothy.

Era gerido por um homem gordo chamado Red Sammy Butts e existiam sinais pregados aqui e ali no edifício, e à beira da estrada por vários quilómetros nos dois sentidos, que diziam EXPERIMENTE O FAMOSO CHURRASCO DO RED SAMMY. NÃO HÁ OUTRO CHURRASCO COMO O DO RED SAMMY! RED SAM! ORAPA ZGORDO COM UM SORRISO FELIZ! RED SAMMY É O VOSSO HOMEM!

Red Sammy estava deitado no chão diante do The Tower, com a cabeça debaixo de um camião, enquanto um macaco cinzento de cerca de vinte centímetros de altura, amarrado com uma corrente a um arbusto próximo, garrulava por ali. O macaco pulou para cima do arbusto e empoleirou-se no galho mais alto assim que viu as crianças saírem do carro e correrem na sua direcção.

Lá dentro, o The Tower era uma divisão espaçosa e sombria, com um balcão de um lado, mesas e cadeiras do outro, e a pista de dança no meio. Sentaram-se todos numa mesa junto à juke box e a esposa de Red Sam, uma mulher alta e muito bronzada com os cabelos e os olhos mais claros que a pele, veio perguntar-lhes o que é que queriam. A mãe das crianças pôs uma moeda na juke box que começou a tocar o «The Tennessee Waltz» e a avó disse que aquela música lhe dava sempre vontade de dançar. Perguntou a Bailey se queria dançar mas ele mal olhou para ela. Não tinha um feitiço naturalmente radioso, como a avó, e as viagens faziam-lhe nervos. Os olhos castanhos da avó estavam muito brilhantes. Começou a abanar a cabeça de um lado para o outro, fazendo de conta que estava a dançar na cadeira. June Star pediu que tocassem qualquer música que desse para fazer sapateado e a mãe pôs outra moeda na máquina que tocou uma peça mais rápida e June Star saltou para a pista de dança e executou o seu número habitual de sapateado.

72 — Não é gira, a miúda? — disse a mulher de Red

Sam, inclinando-se sobre o balcão. — Queres ser minha filha?

— Claro que não — disse June Star. — Nunca viveria num lugar abandonado destes, nem por um milhão de dólares — e correu de volta para a mesa.

— Não é tão querida? — repetiu a mulher, esticando os lábios num sorriso bem-educado.

— Não tens vergonha? — silvou a avó.

Red Sam entrou e disse à mulher que se deixasse de conversas ao balcão e se despachasse a ir preparar o que os clientes tinham pedido. As calças de caqui só lhe chegavam às ilhargas e a barriga pendia sobre elas como um grande saco de comida, balançando de um lado para o outro debaixo da camisa. Sentou-se numa mesa próxima e deixou escapar um assobio misturado com um suspiro.

— Não há maneira — disse ele. — Não há maneira — e limpou o suor do rosto afogueado com um lenço cinzento. — Nos tempos que correm nunca sabemos em que é que podemos confiar — disse ele. — Não é verdade?

— As pessoas são muito menos simpáticas do que o que costumavam ser — disse a avó.

— Vieram cá dois tipos a semana passada — disse Red Sam. — Num Red Chrysler. Era um carro velho e batido mas o motor era bom e os rapazes pareciam de confiança. Disseram que trabalhavam na fábrica e então não é que lhes vendi a gasolina a crédito? Agora, porque é que eu fiz isto?

— Porque é um homem bom — disse a avó imediatamente.

— Pois, devo ser — disse Red Sam como se tivesse ficado surpreendido com a resposta.

A mulher trouxe a comida, carregando cinco pratos de uma vez sem usar tabuleiro, dois em cada mão e um equilibrado no braço.

— Não há viva alma neste mundo de Deus em que se possa confiar — disse ela. — E não estou a excluir ninguém, nem uma única pessoa — repetiu, olhando para Red Sammy.

— Leram aquilo sobre o criminoso, o Inadaptado, que se escapou? — perguntou a avó.

— Não ficava espantada se ele atacasse esta casa, nem um bocadinho — disse a mulher. — Se ouvir dizer que isto aqui está não ficava nada espantada. Se ele ouvir dizer que só temos dois cêntimos na caixa também não me espantava nada que...

— Já chega — disse Red Sam. — Vai buscar as Coca-Colas para os clientes — e a mulher saiu para ir buscar o resto das coisas.

— Os homens bons não são fáceis de encontrar — disse Red Sammy. — Está tudo a ficar horrível. Ainda me lembro dos dias em que se saía de casa e se deixava a porta da frente aberta. Acabou-se.

Ele e a avó discutiram melhores tempos. A senhora idosa disse que na sua opinião a Europa era culpada de tudo o que estava a passar-se. Disse que da maneira como a Europa se comportava até parecia que nós aqui éramos todos feitos de dinheiro e Red Sam disse que nem valia a pena dizer mais nada, ela tinha toda a razão. As crianças correram para fora, para a luz branca do sol, e puseram-se a olhar para o macaco no alto do arbusto. Estava ocupado a catar as pulgas e a morder cada uma delas com os dentes como se fossem um petisco.

Voltaram a entrar no carro e começaram a guiar através do calor da tarde. A avó fez sextas curtas das quais acordava ao fim de alguns minutos com o som do seu próprio ressonar. Quando passaram em Toombsboro acordou e lembrou-se da velha plantação que tinha visitado naquelas paragens quando era nova. Disse que a casa tinha seis colunas diante da fachada e que havia uma alameda de carvalhos até à porta e dois caramanchões cobertos de trepadeiras de cada lado onde uma pessoa podia sentar-se com o seu pretendente depois de um passeio pelos jardins. Lembrava-se exactamente da estrada em que era preciso virar para se chegar lá.

74 Sabia que Bailey não tinha a mínima vontade de

perder tempo para ir visitar uma casa velha, mas quanto mais falava nisso mais vontade tinha de lá ir e ver se os dois caramanchões ainda estavam no sítio.

— Havia um compartimento secreto nessa casa — disse ela ardidamente, sem ser verdade mas desejando que fosse — e dizem que a família escondeu lá todas as suas pratas quando Sherman aqui chegou mas que ele nunca conseguiu encontrar o tesouro...

— Oh! — disse John Wesley. — Vamos ver a plantação! Havemos de encontrar o compartimento secreto! Quem é que lá vive? Onde é que se vira para se chegar lá? Pai, não podemos ir lá?

— Nunca vimos uma casa com um compartimento secreto — exclamou June Star. — Vamos ver a casa com o compartimento secreto. Oh pai, não podemos ir ver a casa com o compartimento secreto?

— Não é longe daqui, eu sei — disse a avó. — Não levava mais de vinte minutos.

Bailey olhava em frente. Os seus maxilares estavam rígidos como uma ferradura.

— Não — disse ele.

As crianças começaram a gritar e a chorar e a dizer que queriam ir ver a casa com o compartimento secreto. John Wesley deu pontapés nas costas do banco da frente e June Star inclinou-se sobre o ombro da mãe e começou a resmungar que nunca se divertiam nada, nem mesmo nas férias e que nunca podiam fazer o que ELES queriam fazer. O bebé desatou a chorar e John Wesley pontapeou o banco com tanta força que o pai sentiu os pés dele nos rins.

— Muito bem! — gritou e parou o carro na berma da estrada. — Calem-se todos, se fazem favor. Calem-se por um segundo, imediatamente. Se não se calarem, não vamos a lado nenhum.

— Seria muito didáctico para eles — murmurou a avó.

— Muito bem — disse Bailey — mas atenção: é a única vez em que nos desviamos do caminho por causa de uma coisa destas. É a primeira vez, e a última.

— A estrada de terra onde tens que virar fica um quilómetro lá para trás — indicou a avó. — Tomei nota quando passámos.

— Uma estrada de terra — resmungou Bailey.

Depois de terem dado a volta e irem a caminho da estrada de terra, a avó recordou outros aspectos notáveis da casa, o vidro trabalhado da porta da frente e o grande candela-bro da entrada. John Wesley disse que provavelmente o compartimento secreto ficava dentro da lareira.

— Não podemos entrar na casa — disse Bailey. — Não sabemos quem é que lá vive.

— Enquanto vocês falam com as pessoas que vierem abrir eu corro pelo lado de trás e entro por uma janela — sugeriu John Wesley.

— Ficamos dentro do carro — disse a mãe dele.

Viraram na estrada de terra e o carro começou a avançar com dificuldade entre uma nuvem de poeira rósea. Parecia que não passava por ali ninguém há séculos. A avó recordou os tempos em que não existiam estradas asfaltadas e cinquenta quilómetros eram um dia de viagem. A estrada era estreita e ondulada, com curvas apertadas, poças de água inesperadas e ravinas perigosas. Tão depressa estavam no cimo de uma colina, contemplando o topo azul das árvores que se estendiam a perder de vista, como iam parar a uma depressão avermelhada com as árvores empoeiradas por cima deles.

— É melhor esse lugar aparecer dentro de um minuto — disse Bailey — ou dou a volta.

— Não falta muito — disse a avó, e no momento em que disse aquilo teve uma recordação terrível. Era um pensamento tão embaraçoso que ficou com o rosto completamente vermelho e com os olhos dilatados, e os pés deram um salto, desequilibrando a mala no canto. Assim

que a mala se deslocou, a cobertura de jornal que tinha posto em cima do cesto ergueu-se com um miado e Pitty Sing, o gato, saltou para o ombro de Bailey.

As crianças foram atiradas ao chão, e a mãe delas, agarrada ao bebé, foi cuspidada para fora da porta e rolou pelo chão. A senhora idosa caiu sobre o banco da frente. O carro rodou sobre si próprio pela ravina abaixo e imobilizou-se virado sobre o lado direito numa depressão poeirenta por baixo da estrada. Bailey ficou no lugar do condutor com o gato — às riscas brancas e cinzentas, com o focinho branco e o nariz alaranjado — agarrado ao pescoço como uma lagarta.

Assim que as crianças constataram que podiam mover as pernas e os braços correram para fora do carro gritando «Tivemos um DESASTRE!» A avó acabara agachada debaixo do tablier, esperando estar de tal maneira ferida que Bailey não descarregasse toda a sua fúria sobre ela de uma só vez. Tinha-se lembrado de que a casa de que se recordava tão nitidamente ficava no Tennessee, e não na Georgia.

Bailey arrancou o gato do pescoço com as duas mãos e atirou-o para fora da janela contra um pinheiro. Depois saiu, e começou a procurar a mãe das crianças. Estava sentada contra a barreira vermelha por onde o carro resvalara, agarrando o bebé que berrava, mas só tinha um corte na cara e um ombro partido. «Tivemos um DESASTRE!», gritavam as crianças num delírio de excitação.

— Mas ninguém morreu — disse June Star com algum desapontamento enquanto a avó rastejava para fora do carro, com o chapéu ainda pregado à cabeça mas com a aba partida levantada num ângulo provocante completamente absurdo e com o raminho de violetas pendurado fora do sítio. Sentaram-se na barreira, excepto as crianças, para se refazerem do choque. Estavam todos a tremer.

— Talvez passe um carro — disse a mãe das crianças em voz rouca.

— Acho que tenho um órgão ferido — disse a avó, agarrando um dos lados do corpo, mas nin-

guém lhe respondeu. Os dentes de Bailey entrechocavam-se. Trazia uma camisa amarela com papagaios de um azul brilhante desenhados e a cara estava tão amarela como a camisa. A avó decidiu que era melhor não esclarecer que a casa ficava no Tennessee.

A estrada aparecia cerca de dois metros acima deles, e só conseguiam ver os topos das árvores do outro lado. Por trás do enclave onde estavam sentados estendiam-se mais árvores, formando uma mata alta e escura e profunda. Daí a uns minutos viram um carro aparecer à distância no alto da colina, aproximando-se devagar, como se os ocupantes estivessem a observá-los. A avó levantou-se e agitou dramaticamente os dois braços para lhes chamar a atenção. O carro continuou a aproximar-se devagar, desapareceu atrás de uma elevação e apareceu outra vez, avançando cada vez mais devagar, no alto da colina onde eles tinham capotado. Era um automóvel negro e antigo, semelhante a um vagão fune-rário. Vinham três homens lá dentro.

Parou mesmo por cima deles, e, durante alguns minutos, o condutor ficou a olhá-los com uma expressão fixa e vazia, e não falou. Depois virou a cabeça e murmurou qualquer coisa para os outros dois, que saíram do carro. Um era um rapaz gordo com calças pretas e uma camisola vermelha com um cavalo prateado desenhado em relevo na parte da frente. Deslocou-se para o lado direito deles e ficou parado a olhar, com a boca meio aberta numa espécie de sorriso vago. O outro tinha calças de caqui, um casaco às riscas azuis e um chapéu cinzento puxado para baixo, escondendo quase toda a cara. Aproximou-se devagar pelo lado esquerdo. Nenhum falou.

O condutor saiu do carro e ficou parado ao seu lado, contemplando a família. Era mais velho que os outros dois. O cabelo começava a branquear e usava óculos de aros prateados que lhe davam um ar académico. Tinha uma face longa e vincada e não trazia camisa nem camisola interior. Usava uns jeans demasiado apertados e

segurava um chapéu preto e uma pistola. Os rapazes também tinham pistolas.

— Tivemos um DESASTRE! — gritaram as crianças.

A avó experimentou a sensação peculiar de saber quem era o homem dos óculos. O seu rosto era-lhe familiar como se o tivesse conhecido toda a vida, mas não conseguia lembrar-se de onde. O homem afastou-se do carro e começou a descer a barreira, colocando cuidadosamente os pés para não escorregar. Tinha sapatos brancos sem meias, e os tornozelos eram vermelhos e finos. «Boa tarde», disse ele. «Estou a ver que tiveram um problema».

— Capotámos duas vezes! — disse a avó.

— Uma vez — corrigiu ele. — Nós vimos. Liga o carro deles e vê se trabalha, Hiram — disse calmamente para o rapaz do chapéu cinzento.

— Para que é que tens uma pistola? — perguntou John Wesley. — O que é que vais fazer com essa pistola?

— Minha senhora — disse o homem para a mãe das crianças — importa-se de chamar as crianças e mandá-las sentarem-se ao pé de si? As crianças fazem-me nervos. Quero-vos todos sentados aí onde estão.

— Estás a dizer-NOS o que é que havemos de fazer? — perguntou June Star.

Atrás deles a floresta abria-se como uma boca escura.

— Sentem-se aqui — disse a mãe das crianças.

— Escutem — disse Bailey subitamente — estamos com um grande problema. Estamos...

A avó estremeceu. Pôs-de de pé num salto e olhou fixamente para o homem mais velho.

— Você é O Inadaptado! — disse ela. — Reconheci-o imediatamente!

— Sim, minha senhora — disse o homem, sorrindo ligeiramente como se mesmo contra a sua vontade lhe agradasse ser reconhecido — mas teria sido melhor para todos vocês, minha senhora, se não soubesse quem eu era.

Bailey virou a cabeça abruptamente e disse uma coisa à mãe que chocou até as crianças. A senhora idosa começou a chorar e o Inadaptado enrubesceu.

— Minha senhora — disse ele — não fique tão rala-da. Às vezes um homem tem que dizer coisas que não queria dizer. Tenho a certeza de que ele não pensa o que disse.

— Você não mataria uma senhora, pois não? — perguntou a avó e retirou um lenço branco da manga e começou a enxugar os olhos com ele.

O Inadaptado apontou a biqueira do sapato para o chão e fez um pequeno buraco e depois voltou a cobri-lo.

— Não gostaria nada de ter de fazer isso — disse ele.

— Oiça — quase gritou a avó — eu sei que você é um homem bom. Não tem nada ar de ter sangue comum. Eu sei que deve vir de boas famílias.

— Sim minha senhora — disse ele. — As melhores pessoas do mundo — quando sorriu mostrou uma fiada de dentes fortes e brancos. — Deus nunca fez uma mulher melhor que a minha mãe e o coração do meu pai era de ouro puro. O rapaz da camisola vermelha aproximou-se deles e ficou parado com a pistola na cintura. O Inadaptado agachou-se no chão. — Vigia-me essas crianças, Bobby Lee — disse ele. — Já sabes que as crianças me fazem nervos —. Olhou para os seis familiares encostados uns aos outros à sua frente e pareceu embaraçado, como se não encontrasse nada para dizer. — Não há uma nuvem no céu — comentou, levantando os olhos. — Não se vê o sol mas também não se vê uma nuvem.

— Sim, está um dia lindo — disse a avó. — Ouça — disse ela — você não devia chamar a si mesmo O Inadaptado porque tenho a certeza de que no fundo do seu coração você é um homem bom. Basta-me olhar para si para ter a certeza.

— Basta! — gritou Bailey. — Basta! Calem-se todos e deixem-me tratar disto! — Estava agachado na posição de um atleta pronto a iniciar uma corrida mas não se movia.

— Eu tentei avisá-la, minha senhora — disse O Inadaptado, e fez um pequeno círculo no chão com a coronha da sua pistola.

— Preciso para aí de uma hora para consertar este carro — avisou Hiram, erguendo a cabeça acima da capota levantada.

— Bem, primeiro tu e o Bobby Lee levam-no a ele e àquele miúdo para além — disse O Inadaptado apontando para Bailey e Bobby Lee. — Os rapazes querem perguntar-lhe uma coisa — disse ele a Bailey. — Importa-se de ir com eles até à floresta?

— Escute — começou Bailey. — Estamos com um problema terrível. Ninguém percebe... — e a voz falhou-lhe. Os seus olhos estavam tão azuis e tão intensos como os papagaios da camisa e mantinha-se absolutamente imóvel.

A avó começou a ajustar a aba do chapéu como se fosse para a floresta com ele mas a aba partiu-se-lhe na mão. Ficou por momentos a olhar para ela e depois deixou-a cair no chão. Hiram puxou Bailey pelo braço como se estivesse a ajudar um velho. Wesley agarrou a mão do pai e Bobby Lee seguiu-os. Dirigiram-se para a floresta e no momento em que iam entrar na sua boca escura Bailey virou-se para trás apoiando-se no tronco nu e cinzento de um pinheiro e gritou: — Volto daqui a um minuto, mãezinha, espere por mim!

— Volta para aqui imediatamente — gritou a mãe dele mas desapareceram os quatro entre as árvores.

— Baileyzinho! — chamou a avó em voz trágica mas depois percebeu que estava a olhar para O Inadaptado, agachado no chão à sua frente. — Eu sei que você é um bom homem — disse ela com desespero. — Você não faz parte da gente vulgar!

— Não, não sou um homem bom — disse O Inadaptado ao fim de um segundo, como se tivesse estado a pensar cuidadosamente na resposta. — Mas também não sou o pior de todos. O meu pai dizia que era um cão de uma raça diferente da dos meus irmãos e irmãs. Sa-

bem, dizia o meu pai, há uns que vivem a vida inteira sem nunca perguntarem nada e outros que têm que saber porque é que as coisas são como são, e este rapaz é um desses. Há-de meter-se em tudo! — Pôs o chapéu preto e olhou subitamente para cima e depois desviou o olhar para a floresta como se estivesse outra vez embaraçado. — Peço desculpa por estar sem camisa diante das senhoras — disse ele, encurvando ligeiramente os ombros. — Enterrámos as roupas que tínhamos vestidas quando nos escapámos e estamos só a aguentar-nos até as coisas melhorarem. Pedimos estas emprestadas a umas pessoas que encontrámos — explicou ele.

— Não há problema nenhum — disse a avó. — Talvez o Bailey tenha uma camisa na mala que possa dispensar.

— Eu depois vejo — disse O Inadaptado.

— Para onde é que estão a levá-lo? — gritou a mãe das crianças.

— O meu pai também era um caso — disse O Inadaptado. — Ninguém conseguia obrigá-lo a fazer nada que ele não quisesse. E nunca teve problemas com as autoridades. Tinha um jeito especial para lidar com eles.

— Você podia ser honesto, se tentasse — disse a avó. — Pense só que bom seria acalmar e viver uma vida confortável e não ter sempre que estar a pensar em ter alguém a perseguir-lo.

O Inadaptado continuou a esgravatar o chão com a coronha da pistola como se estivesse a pensar nisso. «É verdade, minha senhora, anda sempre alguém a perseguir-me», murmurou ele.

A avó notou como as omoplatas do homem eram magras abaixo da linha do chapéu preto porque estava de pé, a vê-lo de cima. «Você reza?», perguntou ela.

Ele abanou a cabeça. Tudo o que ela viu foi o chapéu preto mover-se em sinal negativo entre as suas omoplatas. «Não», disse ele.

Da floresta veio o som de um disparo, seguido imediatamente de outro. Depois fez-se silêncio. A

cabeça da senhora idosa moveu-se rapidamente em várias direcções. Conseguia ouvir o vento soprar entre as copas das árvores como uma inspiração de ar longa e satisfeita.

— Baileyzinho! — chamou ela.

— Ainda cantei Gospel durante uns tempos — disse o Inadaptado. — Já fui quase tudo. Já estive nas forças armadas, em terra e no mar, estive cá e estive noutros países, casei-me duas vezes, trabalhei numa casa funerária, trabalhei para os caminhos-de-ferro, revolvi a Mãe Terra com um arado, fui apanhado por um tornado, uma vez vi um homem ser queimado vivo — e olhou para a mãe das crianças e para a filha que estavam sentadas muito juntas, as faces pálidas e os rostos petrificados. — Vi uma mulher ser morta à pedrada — disse ele.

— Reze, reze — começou a avó. — Reze, reze...

— Nunca fui um mau rapaz, que eu me lembre — disse O Inadaptado com uma voz quase sonhadora — mas a certa altura no meio do caminho houve uma coisa qualquer que correu mal e mandaram-me para a prisão. Enterraram-me vivo — e voltou a olhar para cima e depois manteve a atenção dela presa nele com um olhar longo e fixo.

— Nessa altura é que devia ter começado a rezar — disse ela. — Porque é que o mandaram para a prisão pela primeira vez?

— Virei-me para a direita e vi uma parede — disse O Inadaptado, levantando outra vez os olhos para o céu sem nuvens. — Virei-me para a esquerda e vi uma parede. Virei-me para cima e vi o tecto. Virei-me para baixo e vi o chão. Já me esqueci do que fiz, minha senhora. Sentei-me ali, tentando lembrar-me do que é que tinha feito, e até hoje ainda nunca consegui lembrar-me. De vez em quando achei que estava quase a lembrar-me, mas nunca consegui.

— Talvez o tenham prendido por engano — disse a senhora idosa, vagamente.

— Não — disse ele. — Não foi nenhum erro.

Tinham documentos sobre mim.

— Deve ter roubado alguma coisa — disse ela.

O Inadaptado fez um esgar indecifrável. «Ninguém tinha nada que eu quisesse», disse ele. «Havia um médico da cabeça na prisão que disse que eu tinha morto o meu pai, mas sempre achei que era mentira. O meu pai morreu em 1919 com a epidemia de gripe e eu nunca tive nada a ver com isso. Foi enterrado no cemitério da igreja baptista Mount Hopewell e a senhora pode ir lá e ver com os seus próprios olhos».

— Se você rezasse — disse a velha senhora — Jesus ajudava-o.

— É verdade — disse O Inadaptado.

— Então pronto, porque é que não reza? — perguntou ela, estremeando subitamente de prazer.

— Não quero ajuda nenhuma — disse ele. — Tenho-me governando bem sozinho.

Bobby Lee e Hiram voltaram devagar da floresta. Bobby Lee arrastava uma camisa amarela com papagaios azuis desenhados.

— Atira-me essa camisa, Bobby Lee — disse O Inadaptado. A camisa voou na sua direcção e aterrou-lhe no ombro e ele vestiu-a. A avó não conseguia lembrar-se o que é que a camisa lhe recordava. — Não, minha senhora — disse O Inadaptado enquanto abotoava a camisa. — Descobri que o crime não importa. Pode fazer uma coisa ou pode fazer outra coisa qualquer, pode matar um homem ou tirar um pneu do carro dele, que mais cedo ou mais tarde há-de esquecer-se do que fez e apenas ser castigada por isso.

A mãe das crianças tinha começado a fazer ruídos guturais, como se não conseguisse respirar. — Minha senhora — disse ele — a senhora e essa rapariguinha quererão ir com o Hiram e o Bobby Lee à floresta e juntar-se ao seu marido?

— Sim, muito obrigado — disse a mãe num fio de voz. O braço esquerdo agitou-se frouxamente e agarrava o bebé, que tinha adormecido, com o outro braço. —

84 Ajuda a senhora a levantar-se, Hiram — disse O

Inadaptado enquanto ela se esforçava por descer da barreira — e tu, Bobby Lee, agarra-me na mão dessa rapariguinha.

— Não quero agarrar na mão dele — disse June Star. — Parece um porco.

O rapaz gordo corou e riu, agarrou-a pelo braço e puxou-a para a floresta atrás de Hiram e da mãe.

Sozinha com O Inadaptado, a avó descobriu que tinha perdido a voz. Não havia uma nuvem no céu, e também não havia sol. Não havia nada à volta dela, a não ser a floresta. Queria dizer-lhe que ele devia rezar. Abriu e fechou a boca várias vezes antes de conseguir que saísse algum som. Finalmente deu por si a dizer «Jesus, Jesus», tentando dizer que Jesus ia ajudá-lo, mas da maneira como falava parecia antes que estava a praguejar.

— Sim minha senhora — disse O Inadaptado como se concordasse. — Jesus desequilibrou tudo. Passou-se com Ele o mesmo que se passou comigo, com a diferença de que Ele não cometeu nenhum crime que pudesse provar-se, enquanto que eu cometi um que eles podiam provar porque tinham documentos. Claro — disse. — Eles nunca me mostraram esses documentos. É por isso que agora assino tudo o que faço. Disse a mim mesmo já há muito tempo, arranja uma assinatura que seja só tua e assina tudo o que fizeres, e guarda uma cópia. Assim podes saber tudo o que fizeste e comparar o crime ao castigo e ver se estão bem um para o outro e no fim terás qualquer coisa para provar que não foste tratado com justiça. Chamo a mim mesmo O Inadaptado — disse ele — porque não consigo entender como é que tudo o que fiz mal feito corresponde a tudo o que passei com os castigos.

Veio um grito agudo da floresta, imediatamente seguido do disparo de uma pistola. — Não lhe parece errado, minha senhora, que uns sejam castigados e outros não sofram castigo nenhum?

— Jesus! — gritou a senhora idosa. — Você tem sangue bom! Eu sei que não mataria uma senhora! Eu sei que vem de boas famílias! Reze! Jesus, você

não pode matar uma senhora. Eu dou-lhe todo o dinheiro que tenho!

— Minha senhora — disse O Inadaptado olhando para além dela e em direcção à floresta — nunca houve um cadáver que desse uma gorjeta ao cangalheiro.

Ouviram-se mais dois disparos de pistola e a avó levantou a cabeça como uma perua encarquilhada a pedir água e gritou: «Baileyzinho, Baileyzinho!» como se se lhe despediasse o coração.

— Jesus foi o único que alguma vez ressuscitou os mortos — continuou O Inadaptado — e não devia tê-lo feito. Desequilibrado tudo. Se Ele fez o que dizem que fez, então não nos restaria mais nada senão largarmos tudo para O seguirmos, e se não fez, então não há nada que possamos fazer senão apreciar os momentos que nos restam da melhor maneira possível — matando uma pessoa ou incendiando-lhe a casa ou fazendo qualquer coisa má. Sem prazer mas com maldade — disse ele, e a sua voz tornou-se quase um rosnido.

— Talvez Ele não tenha ressuscitado os mortos — murmurou a senhora idosa, sem saber o que estava a dizer e sentindo-se tão atordoada que se deixou cair sobre a barreira, com as pernas dobradas debaixo do corpo.

— Eu não estava lá, para poder dizer o que Ele fez — disse O Inadaptado. — Bem gostava de lá ter estado — disse ele, desferindo um murro contra o chão. — Não está certo que não tenha lá estado, porque se lá tivesse estado, agora saberia. Oiça minha senhora — disse ele num tom muito agudo — se tivesse lá estado eu saberia, e não seria como sou agora.

A voz parecia prestes a falhar e a cabeça da avó clareou por um segundo. Viu a face enrugada do homem perto da sua, como se ele fosse começar a chorar, e murmurou: «Tu és um dos meus meninos. És um dos meus filhos». Debruçou-se e tocou-lhe no ombro. O Inadaptado saltou para trás como se uma cobra o tivesse mordido e baleou-a três vezes no peito. Depois pôs a pistola no chão, tirou os óculos e começou a limpá-los.

Hiram e Bobby Lee voltaram da floresta e pararam sobre a barreira, contemplando de cima a avó que estava meio sentada meio deitada numa poça de sangue com as pernas cruzadas debaixo do corpo como as de uma criança e com a face sorrindo para o céu sem nuvens.

Sem os óculos, os olhos d'O Inadaptado mostravam as córneas avermelhadas e eram pálidos e tinham uma expressão indefesa.

— Tirem-na daqui e atirem-na para onde atiraram os outros — disse ele agarrando no gato que estava a esfregar-se contra as suas pernas.

— Era uma grande faladora, não era? — perguntou Bobby Lee escorregando ao longo da barreira com um grito de cowboy.

— Teria sido uma boa mulher — disse O Inadaptado — se tivesse estado lá alguém para a matar em cada minuto da vida dela.

— Grande programa! — disse Bobby Lee.

— Cala-te Bobby Lee — disse O Inadaptado. — Não há verdadeiros prazeres na vida.

¹ «EAT» - «COME», em inglês (N.T)

John Cheever

O nadador

Tradução de José Lima

John Cheever (1912-1982) passou a maior parte da sua vida em Nova Iorque ou em cidades suburbanas, cujos ambientes muitas vezes retratou nas suas histórias. Expulso da Thayer Academy aos 17 anos por, segundo diz, ser "conflituoso, intratável e péssimo estudante" (e por ter sido apanhado a fumar, como relata na sua primeira história "Expelled"), levou uma dessas vidas "místicas" de escritor, vivendo numa "cela", à base de pão e soro de leite, e escrevendo histórias para ganhar a vida. Adoptado pelo *The New Yorker*, Cheever publicou aí muitas das suas histórias. *The Swimmer*, incluído na coleção *The Brigadier and the Golf Widow* (1964) é um dos seus contos mais conhecidos, de que se fez um filme escrito por Eleanor Perry. A tradução de José Lima é da antologia da Ballantine, *The Stories of John Cheever* (1978), que nesse ano ganhou o Pulitzer e o National Book Critics Circle Award.

Era um daqueles domingos de Verão em que toda a gente fica sentada a dizer: «Ontem à noite bebi *demais*». Podiam-se ouvir os fiéis a sussurrá-lo ao sair da igreja, ou da boca do próprio padre, a tentar livrar-se da sotaina na sacristia, podia-se ouvir no golfe e no *court* de ténis, ou na reserva natural onde o chefe do grupo de Amigos da Natureza curtia uma tremenda ressaca. «Bebi *demais*», disse Donald Westerhazy. «Todos bebemos *demais*», disse Lucinda Merrill. «Deve ter sido o vinho», disse Helen Westerhazy. «Bebi *demais* daquele clarete».

Passava-se isto na borda da piscina dos Westerhazy. A piscina, alimentada por um poço artesiano com alto teor de ferro, era de um verde pálido. Estava um dia magnífico. A Oeste havia uma densa formação de cúmulos tão parecida com uma cidade vista de longe — da proa de um barco que se aproximasse — que podia ter um nome. Lisboa. Hackensack. O sol estava quente. Neddy Merrill estava sentado junto da água verde, uma mão lá dentro, outra à volta de um copo de gin. Era um homem esguio — parecia ter a elegância particular da juventude — e embora estivesse longe de ser novo, nessa manhã descera a escorregar pelo corrimão e dera um piparote nas costas de bronze da Afrodite de cima da

mesa da entrada, enquanto trotava em direcção ao cheiro do café na sala de jantar. Poderia ser comparado a um dia de Verão, mais precisamente às últimas horas da tarde, e apesar de não trazer uma raquete de ténis nem um saco de vela, a impressão que dava era decididamente de juventude, de desporto e de tempo ameno. Tinha estado a nadar e agora respirava profundamente, arquejante como se pudesse engolir pelos pulmões os elementos desse momento, o calor do sol, a intensidade do prazer que sentia. Parecia fluir-lhe tudo para o peito. A casa dele ficava em Bullet Park, cerca de treze quilómetros para Sul, onde as suas quatro lindas filhas teriam já almoçado e deviam estar a jogar ténis. Ocorreu-lhe então que se fizesse um desvio para Sudoeste podia ir a nadar para casa.

A vida dele não era uma prisão, e o prazer que esta observação lhe deu não se podia explicar pela evasão que sugeria. Parecia estar a ver, com olho de cartógrafo, a enfiada de piscinas, aquele ribeiro quase subterrâneo que traçava uma curva através da região. Tinha feito uma descoberta, uma contribuição para a geografia moderna; iria dar ao ribeiro o nome de Lucinda, como a mulher. Não era pessoa dada a brincadeiras nem era parvo nenhum, mas era decididamente original e tinha uma vaga e modesta ideia de si próprio como uma figura lendária. O dia estava bonito e pareceu-lhe que nadar uma grande distância podia aumentar e comemorar essa beleza.

Tirou a camisola que tinha pelos ombros e mergulhou. Sentia um desprezo inexplicável pelos homens que não se atiravam para as piscinas. Nadou num crawl sacudido, respirando ora a cada braçada, ora à quarta braçada e contando, algures no fundo da consciência, o um-dois, um-dois, da batida dos pés. Não era a braçada indicada para longas distâncias, mas a domesticação da natação tinha imposto ao desporto a sela de alguns costumes e nesta parte do mundo o crawl era um costume. Ser abraçado e sustentado pela água verde-clara era menos um prazer, dava a impressão, do que o reassumir de uma condição natural, e teria gostado de nadar sem calções, mas isso não era possível, considerando o seu projecto.

Içou-se para a borda no canto oposto — nunca usava a escada — e afastou-se pelo relvado. Quando Lucinda perguntou onde ia, disse que ia para casa a nado.

Os únicos mapas e roteiros que tinha de seguir eram de memória ou imaginários, mas suficientemente claros. Primeiro havia os Grahams, os Hammers, os Lears, os Howlands, e os Crosscups. Atravessava Ditmar Street para os Bunkers e seguia, depois de uma curta portagem, para os Levys, os Welchers, e a piscina pública de Lancaster. Depois havia os Hallorans, os Sachses, os Biswangers, Shirley Adams, os Gilmartins, e os Clydes. O dia estava magnífico, e viver num mundo tão generosamente fornecido de água parecia-lhe uma verdadeira mercê, uma dádiva. Sentia o coração ligeiro e atravessou a relva a correr. Voltar a casa por uma rota desacostumada fazia-o sentir-se um peregrino, um explorador, um homem com um destino, e sabia que iria encontrar amigos ao longo de todo o caminho; as margens do Rio Lucinda estariam cobertas de amigos.

Atravessou uma sebe que separava o terreno dos Westerhazy do dos Grahams, passou debaixo de umas macieiras em flor, seguiu até à arrecadação onde estava a bomba e o filtro e foi dar à piscina dos Grahams. «Olha o Neddy», disse a sr.^a Graham, «que bela surpresa. Passei a manhã ao telefone a ver se te apanhava. Vá, deixa-me arranjar-te uma bebida». Percebeu então, como qualquer explorador, que os costumes e tradições de hospitalidade dos nativos tinham de ser tratados com diplomacia se realmente quisesse chegar ao seu destino. Não queria deixar confusos os Grahams nem parecer indelicado, mas não tinha tempo para se demorar ali. Nadou a piscina de uma ponta à outra e foi ter com eles ao sol, sendo salvo, minutos depois, pela chegada de dois carros cheios de amigos de Connecticut. No meio do alarido do encontro conseguiu escapar-se. Desceu pela frente da casa dos Grahams, passou por cima de uma sebe com espinhos e atravessou um terreno vago para os Hammers. A sr.^a Hammer, levantando os olhos das roseiras, viu-o passar a nado embora não percebesse muito bem quem era. Os Lears ouviram-no passar a

espadanar pelas janelas abertas da sala de estar. Os Howlands e os Crosscups estavam fora. Depois de sair dos Howlands atravessou Ditmar Street e dirigiu-se aos Bunkers, onde podia ouvir, mesmo àquela distância, o ruído de uma festa.

A água refractava o som das vozes e dos risos e parecia deixá-lo suspenso no ar. A piscina dos Bunkers ficava numa elevação e teve de subir umas escadas até um terraço onde uns vinte e cinco ou trinta homens e mulheres estavam a beber. A única pessoa na água era Rusty Towers, que estava a boiar num colchão de borracha. Oh, quão bonanças e verdejantes eram as margens do Rio Lucinda! Homens e mulheres prósperos reunidos junto às águas cor de safira, enquanto empregados de casaco branco lhes serviam gin gelado. Nos ares, uma avioneta De Haviland dava voltas e voltas no céu com o que parecia a alegria de uma criança num baloiço. Ned sentiu uma afeição passageira pela cena, um enternecimento por aquele convívio, como se fosse uma coisa que pudesse tocar. Ao longe ouviu um trovão. Assim que Enid Bunker o viu desatou a berrar: «Oh, olha quem aqui está! Mas que bela surpresa! Quando a Lucinda me disse que não podias vir fiquei para *morrer*». Abriu caminho até ele pelo meio do grupo, e depois de trocarem um beijo levou-o até ao bar, um percurso interrompido por ter de parar a beijar outras oito ou dez mulheres e apertar a mão a outros tantos homens. Um *barman* sorridente que tinha visto numas cem festas serviu-lhe um gin com água tónica e Ned deixou-se ficar uns momentos junto ao bar, ansioso por não se deixar prender em alguma conversa que lhe pudesse atrasar a travessia. Quando parecia estar prestes a ficar cercado, deu um mergulho e nadou junto à borda para evitar colidir com o colchão de Rusty. Na ponta oposta da piscina passou pelos Tomlisons com um grande sorriso e seguiu em passo de corrida pelo carreiro do jardim acima. A gravilha cortava-lhe os pés, mas era a única coisa desagradável. A festa estava confinada à piscina, e à medida que avançava em direcção à casa ouvia o som vivo e aquático das vozes mais apagado, ouvia o ruído de um rádio na cozinha dos Bunkers, onde alguém escu-

tava um jogo de beisebol. Domingo à tarde. Esgueirou-se pelo meio dos carros estacionados e desceu pela berma relvada até Alewives Lane. Não queria que o vissem na estrada de calções de banho, mas não havia trânsito e percorreu a curta distância que o separava do caminho de entrada dos Levys, assinalado com uma tabuleta de PROPRIEDADE PRIVADA e um tubo verde para o *New York Times*. Todas as portas e janelas da casa enorme estavam abertas mas não havia sinais de vida; nem sequer um cão a ladrar. Deu a volta à casa até à piscina e viu que os Levys não tinham saído há muito tempo. Havia copos, garrafas e pratos de nozes em cima de uma mesa junto ao lado fundo da piscina, onde havia um vestiário ou um pavilhão, decorado com lanternas japonesas. Depois de ter nadado uma piscina, pegou num copo e serviu-se de uma bebida. Era a sua quarta ou quinta bebida e nadara cerca de metade do comprimento do Rio Lucinda. Sentia-se cansado, limpo, e contente nesse momento por estar só; contente com tudo.

Ia haver tempestade. A formação de cúmulos — a tal cidade — subira e estava mais escura, e enquanto estava ali sentado voltou a ouvir a percussão do trovão. A avioneta De Haviland girava ainda nos ares e Ned teve a impressão de que quase podia ouvir o piloto a rir de prazer na tarde; mas quando se ouviu um novo ribombar do trovão largou para casa. Soou o apito de um comboio e perguntou-se que horas seriam. Quatro? Cinco? Imaginou o apeadeiro àquela hora, onde um empregado de mesa, o smoking tapado por um impermeável, um anão com um ramo de flores embrulhado em jornal, uma mulher que tinha estado a chorar, estariam à espera do comboio suburbano. De repente começou a escurecer; foi nesse momento que os pássaros minúsculos deram a impressão de mudar o seu canto para um qualquer agudo e reconhecível anúncio da aproximação da tempestade. Ouviu então o ténue ruído de água a cair da copa de um carvalho atrás dele, como se alguém tivesse aberto uma torneira. E então um ruído de fontes chegou-lhe das copas de todas as árvores altas. Porque gostaria de tempestades, que significado teria a sua excitação quando as

portas se escancaravam e os ventos da chuva irrompiam violentamente pelas escadas acima, porque lhe teria a simples tarefa de fechar as janelas de uma casa antiga parecido necessária e urgente, porque tinham para ele as primeiras notas líquidas de uma tempestade o som inconfundível das boas notícias, das novas festivas e alegres? Depois houve uma explosão, um cheiro a cordite, e a chuva fustigou as lanternas japonesas que a sr^a Levy tinha comprado em Quioto há dois anos, ou fora ainda no ano antes desse?

Deixou-se ficar no pavilhão dos Levys até passar a tempestade. A chuva arrefecera o ar e Ned estremeceu. A força do vento tinha despido um plátano das folhas vermelhas e amarelas, espalhando-as pela relva e a água. Estava-se em fins de Junho, pelo que a árvore devia estar com míldio, no entanto sentiu uma tristeza estranha com este sinal do Outono. Retesou os ombros, esvaziou o copo, e encaminhou-se para a piscina dos Welchers. Isto significava atravessar o picadeiro dos Lindleys e ficou admirado ao vê-lo cheio de ervas e todos os obstáculos desmontados. Perguntou-se se os Lindleys teriam vendido os cavalos ou se teriam ido passar fora o Verão e deixado os animais em pensão. Pareceu-lhe lembrar-se de ter ouvido qualquer coisa sobre os Lindleys e os cavalos, mas a lembrança era confusa. Prosseguiu então, descalço pela relva molhada, para os Welchers, onde descobriu que a piscina estava seca.

Esta quebra na sua corrente de água desapontou-o de um modo absurdo, e sentiu-se como um explorador que procura uma nascente torrencial e encontra um regato morto. Sentia-se desapontado e ludibriado. Era bastante comum ir para fora no Verão, mas nunca ninguém esvaziava a piscina. Os Welchers tinham claramente ido embora. Os apetrechos da piscina estavam dobrados, empilhados e cobertos com uma lona. O vestiário estava fechado à chave. Todas as janelas da casa estavam fechadas, e quando deu a volta até à entrada viu uma tabuleta de VENDE-SE pregada numa árvore. Quando fora a última vez que ouvira falar nos Welchers — ou melhor, quando fora a última vez que ele e Lucinda se tinham escu-

sado a um convite deles para jantar? Parecia ter sido apenas há uma semana ou à volta disso. Será que a memória lhe começava a falhar ou será que a tinha disciplinado de tal modo na representação dos factos desagradáveis que acabara por lhe atingir o sentido da verdade? E então ouviu ao longe o som de um jogo de ténis. Isto animou-o, apagou todas as suas apreensões, permitindo-lhe olhar o céu carregado e o frio do ar com indiferença. Este era o dia em que Neddy Merrill tinha atravessado a região. Grande dia! Encaminhou-se então para a sua passagem mais difícil.

Quem tivesse ido dar uma volta de carro nessa tarde de domingo, tê-lo-ia visto, praticamente nu, especado na berma da Estrada 424, à espera de uma oportunidade para atravessar. Poderiam ficar a pensar se teria sido vítima de alguma brincadeira de mau gosto, se o carro teria avariado, ou se era simplesmente algum pateta. Ali postado, descalço no meio dos detritos da auto-estrada — latas de cerveja, papéis e remendos de borracha — exposto ao ridículo, tinha um ar patético. Sabia desde o começo que isto fazia parte da travessia — figurava nos seus mapas — mas confrontado com as filas de trânsito, contorcendo-se na luz estival, percebeu não estar preparado. Riam-se dele, faziam chacota, atiraram-lhe uma lata de cerveja, e sentia-se sem dignidade nem disposição para enfrentar a situação. Podia ter voltado para trás, para os Westerhazys, onde Lucinda ainda devia estar sentada ao sol. Não tinha assinado nada, prometido nada, nem feito qualquer juramento, nem sequer a si próprio. Acreditando como acreditava que toda a teimosia humana era sensível ao bom-senso, porque era incapaz de voltar para trás? Porque estava ele determinado a completar a travessia mesmo que isso significasse pôr a vida em perigo? A partir de que altura esta brincadeira, esta piada, esta criancice, se tinha tomado numa coisa séria? Não podia voltar para trás, não conseguia sequer lembrar-se com clareza da água verde dos Westerhazys, do sentimento de inalar os elementos do dia, as vozes amigas e calmas dizendo que tinham bebido *demais*. No espaço de uma hora, mais ou menos, tinha coberto uma distância que tornara o regresso impossível.

Um homem de idade, rodando pela auto-estrada a vinte e tal à hora, permitiu-lhe atingir o meio da estrada, onde havia um separador relvado. Ficava agora exposto à zombaria do trânsito que seguia para Norte, mas ao fim de dez ou quinze minutos conseguiu atravessar. Daqui não tinha de caminhar muito para chegar ao Centro Recreativo no limite da aldeia de Lancaster, onde havia alguns campos de andebol e uma piscina pública.

O efeito da água nas vozes, a ilusão de brilho e de suspense, era o mesmo que nos Bunkers, mas os sons aqui eram mais altos, ásperos, e havia mais guinchos, e assim que entrou no recinto apinhado deparou com o regulamento. “**TODOS OS UTENTES DEVEM TOMAR UM DUCHE ANTES DE ENTRAR NA PISCINA. TODOS OS UTENTES DEVEM PASSAR PELO LAVA-PÉS. TODOS OS UTENTES DEVEM USAR AS PLACAS DE IDENTIFICAÇÃO.**” Tomou um duche, lavou os pés numa solução turva e acre, e abriu caminho até à borda da piscina. Tresandava a cloro e dava-lhe a impressão de um tanque. Dois nadadores-salvadores em duas torres, a intervalos que pareciam regulares, sopravam apitos de polícia e descompunham os banhistas através da instalação sonora. Neddy lembrou-se com saudade da água cor de safira dos Bunkers e pensou que se calhar ia ficar contaminado — arriscando a prosperidade e o encanto — ao nadar naquele caldo, mas lembrou-se que era um explorador, um peregrino, e que isto não passava de uma curva estagnada no Rio Lucinda. Mergulhou, com um franzir desgostado, no cloro e viu-se obrigado a nadar com a cabeça fora da água para evitar colisões, mas mesmo assim não deixaram de esbarrar nele, de o salpicar, de o empurrar. Quando atingiu a parte baixa, ambos os guardas estavam aos berros: «Eh! Você, você sem placa de identificação, saia já da piscina». Obedeceu, mas não tinham maneira de o perseguir e ele continuou, pelo meio do cheirete a bronzeador e a cloro, pela vedação de rede e passou os campos de andebol. Atravessando a estrada entrou na parte arborizada da propriedade dos Hallorans. A

difícil até chegar ao relvado e à sebe aparada de faia que rodeava a piscina.

Os Hallorans eram amigos, um casal idoso com uma fortuna enorme que parecia deliciar-se com a suspeita de que pudessem ser comunistas. Eram devotados reformistas, mas não eram comunistas, e no entanto, sempre que os acusavam, como por vezes acontecia, de subversão, dava a impressão de que isso lhes agradava e os entusiasmava. A sebe de faia estava amarela e Ned pensou que deveria estar com mildio, tal como o plátano dos Levys. Gritou olá, olá, para avisar os Hallorans da sua chegada, para atenuar a invasão da sua privacidade. Os Hallorans, por razões que nunca lhe tinham sido explicadas, não usavam fato de banho. Nem havia, de facto, explicações a dar. O nudismo era um aspecto do seu inflexível zelo reformista e Ned tirou educadamente os calções antes de passar pela abertura na sebe.

A sr^a Halloran, uma mulher corpulenta de cabelos brancos e rosto sereno, estava a ler o *Times*. O sr. Halloran estava a retirar folhas da piscina com um apanhador. Não pareciam surpreendidos ou desagradados por o verem. A piscina deles era talvez a mais antiga da região, um rectângulo em alvenaria, alimentada por um riacho. Não tinha filtro nem bomba e a água era do dourado opaco da torrente.

— Estou a atravessar o condado a nadar — disse Ned.

— Ai sim? Não sabia que era possível — exclamou a sr^a Halloran.

— Bem, já consegui vir desde os Westerhazys — disse Ned. — Devem ser uns seis quilómetros e tal.

Deixou os calções junto ao lado fundo da piscina, dirigiu-se à parte baixa e fez a distância a nado. Quando estava a sair da água ouviu a sr^a Halloran dizer:

— Ficámos *imensamente* tristes com todas as tuas desgraças, Neddy.

— As minhas desgraças? — perguntou Ned.

— Não sei de que é que está a falar.

— Então, mas ouvimos dizer que vendeste a casa e que as tuas pobres filhas...

— Não me lembro de ter vendido a casa — disse Ned — e as meninas estão em casa.

— Pois — suspirou a sr^a. Halloran — Pois é... — A voz dela enchia o ar de uma melancolia inesperada e Ned respondeu com vivacidade:

— Obrigado pelo mergulho.

— Então, bom passeio — disse a sr^a Halloran.

Passando a sebe, vestiu os calções e apertou-os. Estavam largos e Ned perguntou-se se, no espaço de uma tarde, poderia ter perdido algum peso. Estava com frio e cansado e os Hallorans nus e a água escura deles tinham-no deprimido. Tanto tempo a nadar era demasiado para as suas forças, mas como poderia tê-lo adivinhado, ao escorregar pelo corrimão abaixo nessa manhã ou sentado ao sol em casa dos Westerhazys? Sentia os braços sem forças. As pernas pareciam de borracha e doíam-lhe nas articulações. O pior era o frio nos ossos e o pressentimento de que não voltariam a aquecer. As folhas caíam à sua volta e sentiu o cheiro de fumo de lenha no vento. Quem estaria a fazer fogueiras nesta altura do ano?

Precisava de uma bebida. Um *whiskey* havia de o aquecer, de lhe levantar o moral, aguentá-lo durante a última parte da jornada, renovando-lhe o sentimento de que era original e valoroso atravessar a região a nado. Os nadadores do Canal bebiam *brandy*. Precisava de um estimulante. Atravessou o relvado em frente da casa dos Hallorans e foi por uma vereda que descia até onde eles tinham construído uma casa para a filha única, Helen, e o marido, Eric Sachs. A piscina dos Sachs era pequena e Ned encontrou lá Helen e o marido.

— Oh, *Neddy* — disse Helen — Almoçaste em casa da mãe?

— Não foi bem isso — disse Ned. — Passei a ver os teus pais. — Pareceu-lhe ser uma explicação suficiente — Lamento imenso uma intrusão destas, mas apanhei frio e pensei que talvez me desses uma bebida.

— Pois, teria muito prazer — disse Helen — mas nesta casa nunca mais houve nada que se bebesse desde a operação do Eric. Já lá vão três anos.

Será que estava a perder a memória, será que a sua capacidade para ignorar factos penosos fizera com que se esquecesse de que tinha vendido a casa, que as filhas estavam com problemas, e que o amigo tinha estado doente? Os olhos desviaram-se do rosto de Eric para o seu abdómen, onde viu três cicatrizes apagadas, suturadas, duas delas com pelo menos trinta centímetros de comprimento. O umbigo tinha desaparecido, e como seria, pensou Neddy, quando a mão tateante que às três da manhã avalia o que recebemos da natureza encontrasse uma barriga sem umbigo, sem nenhuma ligação ao nascimento, uma tal quebra na sucessão?

— Tenho a certeza de que arranjas uma bebida nos Biswangers — disse Helen. — Há lá uma festa enorme. Ouve-se daqui. Escuta!

Helen levantou a cabeça e do outro lado da estrada, dos relvados, dos jardins, do arvoredo, dos campos, Ned ouviu de novo o animado som das vozes por cima da água. «Bem, vou-me molhar», disse ele, continuando a sentir que não tinha liberdade de escolha quanto aos seus meios de viajar. Mergulhou na água fria dos Sachs e, arquejante, quase a afogar-se, atravessou a piscina de uma ponta à outra. «Lucinda e eu queremos *imenso* vê-los», disse ele por cima do ombro, o rosto voltado para casa dos Biswangers. «Lamentamos ter deixado passar tanto tempo e vamos telefonar *muito* em breve».

Atravessou alguns campos até chegar a casa dos Biswangers e aos ruídos de farras que de lá vinham. Haviã de sentir que era uma honra dar-lhe uma bebida, seria um prazer darem-lhe uma bebida. Os Biswangers convidavam-no para jantar, a ele e Lucinda, quatro vezes por ano, com seis semanas de antecedência. Eram sempre rejeitados e mesmo assim continuavam a mandar-lhes convites, sem querer compreender as rígidas e pouco democráticas realidades da sua sociedade. Eram o tipo de pessoas que discutem o

preço das coisas nas recepções, que trocam dicas sobre a Bolsa durante o jantar, e que depois do jantar contam anedotas porcas sem olhar a quem está. Não pertenciam ao círculo de Ned — nem sequer estavam na lista de cartões de Natal de Lucinda. Dirigiu-se à piscina deles com um sentimento de indiferença, de benevolência, e alguma inquietação, uma vez que parecia estar a ficar escuro, embora estes fossem os dias mais compridos do ano. A festa, quando entrou, estava animada e com muita gente. Grace Biswanger era o género de anfitriã que convidava o oculista, o veterinário, o agente imobiliário, e o dentista. Não havia ninguém a nadar e o crepúsculo, reflectindo-se na água da piscina, tinha uma claridade inverniça. Havia um bar e Ned dirigiu-se aí. Quando Grace Biswanger o avistou veio ter com ele, não amistosamente como tinha todo o direito de esperar, mas sim com ar belicoso.

— Olha, nesta festa há de tudo — disse ela em voz alta — até mesmo penetras.

Não é que lhe pudesse fazer mozza — tal hipótese estava fora de questão e por isso não se encolheu. «E como penetra», perguntou delicadamente, «tenho direito a bebida?»

— Faça como entender — disse ela. — Não me parece que ligue muito a convites.

Virou-lhe as costas indo ter com um grupo de convidados, e Ned dirigiu-se ao bar e pediu um *whiskey*. O *barman* serviu-o, mas serviu-o com maus modos. Ned pertencia a um universo onde os empregados respeitavam os escalões sociais e ser enxovalhado por um tipo que era *barman* a meio-tempo significava que tinha sofrido alguma perda de estima social. Ou talvez o homem fosse novo e mal informado. E então ouviu Grace dizer nas suas costas: «Perderam tudo de um dia para o outro — ficaram só com o ordenado — e ele apareceu aqui bêbado um domingo e pediu-nos cinco mil dólares emprestados...» Aquela estava sempre a falar de dinheiro. Pior do que comer ervilhas com a faca. Mergulhou na piscina, nadou de uma ponta à outra e foi-se embora.

A piscina seguinte na lista, a antepenúltima, era a da sua antiga amante, Shirley Adams. Se em casa dos Biswangers sofrera algumas feridas, seriam saradas aqui. O amor — o desbragamento sexual, na verdade — era o supremo elixir, o analgésico, a pastilha de cores alegres capaz de trazer de novo a Primavera à sua vida, a alegria de viver ao seu coração. Tinham tido um caso a semana passada, o mês passado, o ano passado. Não conseguia lembrar-se. Tinha sido ele a romper, ele é que saíra por cima, e transpôs a cancela do muro que rodeava a piscina sem sequer lhe aflorar alguma sombra à sua autoconfiança. Parecia-lhe de certo modo ser a sua própria piscina, pois que o amante, especialmente o amante ilícito, dispõe dos bens da amante com uma autoridade que o sagrado matrimónio desconhece. Shirley estava lá, o cabelo cor de cobre, mas a sua figura, na borda da água luminosa, cerúlea, não despertou nele nenhuma lembranças profundas. Tinha sido, pensou, um caso ligeiro, embora ela tivesse chorado quando ele rompeu. Pareceu-lhe ficar confusa ao vê-lo e Ned perguntou-se se ainda estaria magoada. Será que ela, Deus queira que não, iria chorar outra vez?

— Que é que queres? — perguntou ela.

— Estou a atravessar o condado a nado.

— Meu Deus. Será que nunca mais cresces?

— Que é que se passa?

— Se vieste cá pedir dinheiro — disse ela — não te dou nem mais um centavo.

— Podias dar-me uma bebida.

— Podia, mas não dou. Não estou só.

— Bem, então vou andando.

Mergulhou e atravessou a piscina a nado, mas quando tentou içar-se para a borda apercebeu-se que ficara sem força nos braços e nos ombros e esbracejou até às escadas, subindo-as para sair. Olhando por cima do ombro viu, no vestiário iluminado, um homem novo. Ao sair para a relva escura chegou-lhe o cheiro dos crisântemos ou malmequeres — um desses teimosos aromas outonais — no ar da noite, forte como um gás. **103**

Levantando os olhos, viu que as estrelas já tinham aparecido, mas porque tinha a impressão de estar a ver Andrómeda, Cefeu e a Cassiopeia? Que era feito das constelações de Junho? Começou a chorar.

Era provavelmente a primeira vez na sua vida de adulto que chorava, e seguramente a primeira vez na vida que se tinha sentido tão perdido, enregelado, cansado e confuso. Não conseguia entender a grosseria do *barman* ou a brusquidão de uma amante que tivera ajoelhada aos seus pés e lhe molhara de lágrimas as calças. Tinha nadado demais, tinha estado imerso demasiado tempo, e o nariz e a garganta doíam-lhe por causa da água. Estava a precisar era de uma bebida, de um pouco de companhia, e algumas roupas lavadas e secas, e embora pudesse atalhar directamente pela estrada para sua casa, prosseguiu em direcção à piscina dos Gilmartins. Aqui, pela primeira vez na sua vida, não mergulhou, descendo antes a escada para as águas gélidas e nadou de lado, sem jeito, uma coisa que devia ter aprendido em rapaz. Cambaleava de fadiga ao caminhar para casa dos Clydes e esbracejou a todo o comprimento da piscina deles, detendo-se várias vezes com a mão na borda para descansar. Subiu pela escada e perguntou a si próprio se teria forças para chegar a casa. Tinha feito o que queria, tinha atravessado o condado a nadar, mas estava tão aturdido de cansaço que o triunfo lhe surgia vago. Curvado, segurando-se às estacas da cerca como apoio, subiu o caminho da sua própria casa.

Estava tudo às escuras. Seria assim tão tarde que estavam já todos deitados? Será que Lucinda tinha ficado em casa dos Westerhazys para jantar? E que as miúdas tinham ido ter com ela ou tinham ido a qualquer outro sítio? Então não tinham combinado, como faziam todos os domingos, não aceitar nenhum convite e ficar em casa? Experimentou as portas da garagem para ver que carros lá estavam, mas as portas estavam fechadas à chave e as mãos ficaram-lhe cheias da ferrugem dos puxadores. Dirigindo-se a casa, viu que a violência da tempestade tinha desprendido um dos algerozes. Pendia agora
104 por cima da porta de entrada como uma vareta de guar-

da-chuva, mas podia repará-lo na manhã seguinte. A casa estava fechada, e Ned pensou que o estúpido do cozinheiro ou a estúpida da empregada deviam ter fechado tudo à chave até que se lembrou que há muito tempo que não tinham cozinheiro nem empregada. Gritou, bateu à porta, tentou forçá-la com o ombro, e então, espreitando pela janela, viu que a casa estava vazia.

Nota do tradutor: Embora não seja indispensável para a compreensão do texto, mas por uma questão de rigor, deverá assinalar-se que o “grupo de amigos da natureza” mencionado no início do texto é, no original, o “Grupo Audobon”. Fundado em 1905, este movimento, que recebeu o nome de John James Audubon (1785-1851), famoso ornitologista americano, conta actualmente com mais de quinhentos mil membros e tem como objectivos a conservação dos ecossistemas naturais, com uma incidência particular no estudo e observação das aves.

Importará também, talvez, explicar a opção pela tradução de “county” por “condado”. O “county” (do inglês antigo, designando os domínios de um condado; e depois uma circunscrição britânica) designa actualmente a maior divisão administrativa nos EUA e, por extensão, o território por ele abrangido, em especial as zonas rurais. Não existindo entre nós nenhuma divisão administrativa que lhe possa corresponder, quer pela delimitação, quer pelas atribuições, preferiu-se uma tradução literal, com um grau de estranheza que não deve ser inferior ao que sentiria um americano dos nossos dias ao se aperceber da etimologia da palavra.

Julio Cortázar

A ilha ao meio-dia

Tradução de Carlos Barata

Julio Cortázar (1914-1984). Argentino nascido em Bruxelas, Cortázar cresceu porém em Buenos Aires, onde foi professor e tradutor, até 1951, ano em que, anti-peronista convicto, se mudou definitivamente para Paris. Em 1981, naturalizou-se francês, mantendo no entanto a dupla nacionalidade. Iniciou a publicação de contos com *Bestiario* (1951). A ilha ao meio-dia é um exemplo bem característico do universo de Cortázar e faz parte da coleção de contos *Todos os fogos o fogo* (1966). A tradução que incluímos nesta edição de FICÇÕES é de Carlos Barata (in *Todos os fogos o fogo*, ed. Estampa, 1971).

A primeira vez que Marini viu a ilha, estava delicadamente reclinado sobre o banco da esquerda, a arranjar a mesa de plástico antes de colocar a bandeja do pequeno almoço. A passageira olhara-o várias vezes enquanto ele ia e vinha com revistas ou copos de *whisky*; Marini demorava-se a arranjar a mesa perguntando-se se valeria a pena responder ao olhar insistente da passageira, uma americana, como tantas outras, quando no oval azul da janela surgiu o litoral da ilha, a franja doirada da praia, as colinas que subiam até ao planalto nu. Corrigindo a posição do copo de cerveja, Marini sorriu para a passageira. «As ilhas gregas», disse. «Oh, yes, Greece», fez a americana com interesse fingido. Soava uma campainha e o comissário lá foi sem que o sorriso profissional desaparecesse da sua boca de lábios finos. Começou por atender um casal sírio que pedia sumo de tomate, porém quando chegou ao fim do corredor ficou uns segundos a olhar uma vez mais para baixo; a ilha era pequena e solitária, e o Egeu rodeava-a com um intenso azul que fazia ressaltar a orla costeira de um branco deslumbrante, petrificado; lá em baixo era espuma a desfazer-se nos recifes ou nas enseadas. Marini viu que as praias desertas se estendiam para Norte e para Oeste; o resto era montanha entrando a

pique no mar. Uma ilha rochosa e deserta, embora a mancha cor de chumbo junto da praia, ao Norte, pudesse ser uma casa, talvez um grupo de casas velhas. Começou a abrir a lata de sumo, e ao deslocar-se a ilha desapareceu da pequena janela; ficou apenas o mar, um verde horizonte interminável. Olhou o relógio de pulso sem saber porquê; era exactamente meio-dia.

Marini estava satisfeito por o terem escolhido para a carreira Roma-Teerão; a viagem era menos triste que as carreiras do Norte e as raparigas pareciam sempre felizes por irem ao Oriente ou conhecerem a Itália. Quatro dias depois, quando ajudava uma criança que deixara cair a colher e mostrava com ar triste o prato da sobremesa, descobriu de novo a costa da ilha. Havia uma diferença de oito minutos mas quando se debruçou a uma janela da cauda não lhe ficaram dúvidas; a ilha tinha uma forma inconfundível, como uma tartaruga que apenas pusesse as patas fora de água. Ficou a olhar para ela até que o chamaram, desta vez com a certeza de que a mancha cor de chumbo era um grupo de casas; conseguiu distinguir o desenho de alguns cultivados que se estendiam até à praia. Durante a escala em Beirute viu o atlas do comissariado, e perguntou-se se a ilha não seria a de Horos. O rádio-telegrafista, um francês indiferente, surpreendeu-se com o seu interesse. «Todas essas ilhas se parecem umas com as outras, há dois anos que faço a carreira e nunca me interessaram, com certeza, mostre-ma da próxima vez». Não era Horos mas sim Xiros, uma das muitas ilhas à margem dos circuitos turísticos. «Não durará nem cinco anos», disse a hospedeira enquanto bebiam um copo em Roma. «Apressa-te se pensas lá ir, as hordas estarão lá dentro em pouco, Gengis Cook vela». Mas Marini continuou a pensar na ilha, olhando-a quando se lembrava ou havia uma janela próximo, acabando quase sempre por encolher os ombros. Nada disto tinha sentido, voar três vezes por semana ao meio-dia sobre Xiros.

Tudo estava falseado na visão inútil e recorrente;
110 salvo, talvez, o desejo de repeti-la, a consulta do

relógio de pulso antes do meio-dia, o breve, pungente contacto com a deslumbrante franja branca à volta de um azul quase negro, e as casas de onde os pescadores apenas levantariam os olhos para seguir a passagem dessa outra irrealidade.

Oito ou nove semanas depois, quando lhe propuseram a carreira de Nova Iorque com todas as suas vantagens, Marini disse para si que era a oportunidade de acabar com essa mania inocente e fastidiosa. Tinha no bolso o livro onde um geógrafo qualquer de nome levantino dava acerca de Xiros mais pormenores do que era habitual nos guias. Respondeu que não, a sua voz estava como que longe e depois de livrar-se da surpresa escandalizada de um chefe e duas secretárias foi comer à cantina da companhia onde Carla não o inquietou; a costa sul de Xiros era inabitável mas para oeste havia sinais de uma colónia lídia ou talvez crato-micénia, o professor Goldmann encontrara duas pedras talhadas com hieroglifos que os pescadores usavam como pilares no pequeno molhe. Carla estava com dor de cabeça e pouco depois saiu; os polvos constituíam o principal recurso da meia dúzia de habitantes; de cinco em cinco dias vinha um barco para carregar a pescaria e deixar provisões e géneros. Na agência de viagens disseram-lhe que tinha de fretar um barco especial a partir de Rynos, ou talvez pudesse viajar na falua que recolhia os polvos, mas isto só o saberia em Rynos, onde a agência não tinha correspondente. De qualquer maneira a ideia de passar uns dias na ilha não passava de um plano para as férias de Junho; nas semanas que se seguiram teve que substituir White na carreira de Tunes, e depois veio uma folga e Carla foi para casa das irmãs em Palermo. Marini hospedou-se num hotel próximo de Piazza Navona, onde havia alguns alfarrabistas; entretinha-se preguiçosamente a procurar livros sobre a Grécia, folheava uma vez por outra um manual de conversação. Achou graça à palavra *Kalimera* e experimentou-a num cabaré com uma rapariga ruiva, foi com ela para a cama, ela falou-lhe do avô que vivia em Odos e de umas inexplicáveis dores de garganta. Em III

Roma já começara a chover, em Beirute esperava-o Tania e havia outras histórias, os parentes, dores aqui e ali; um dia voltou à carreira de Teerão, à ilha ao meio-dia. Marini ficou tanto tempo colado à janela que a hospedeira lhe chamou mau colega e lhe lembrou a quantidade de bandejas que já tinha servido. Nessa noite Marini convidou a hospedeira para jantar no *Firouz* e não lhe custou fazer-se perdoar. Lúcia aconselhou-o a cortar o cabelo à americana e ele falou-lhe de Xiros, mas compreendeu que ela preferia o *vodka-lime* do *Hilton*. O tempo passou-se em coisas deste género, em infinitas bandejas de comida, cada uma com o sorriso a que o passageiro tinha direito. Nas viagens de regresso o avião sobrevoava Xiros às oito da manhã; o sol batia contra as janelas da esquerda e deixava apenas entrever a tartaruga doirada; Marini preferia esperar pelos meios-dias da viagem de ida, sabendo que então permaneceria um longo minuto contra a janela enquanto Lúcia (e depois Felisa) faziam um pouco ironicamente o trabalho. Uma vez tirou uma fotografia de Xiros mas saiu-lhe desfocada; já sabia algumas coisas acerca da ilha, tinha sublinhado as raras referências em certos livros. Felisa contou-lhe que os pilotos lhe chamavam o doido da ilha, e não se ofendeu. Carla acabava de escrever-lhe dizendo que decidira não ter o filho e Marini enviou-lhe o ordenado e pensou que o restante não lhe chegaria para as férias. Carla aceitou o dinheiro e disse-lhe por intermédio de uma amiga que provavelmente casava com o dentista de Treviso. Tudo tinha tão pouca importância ao meio-dia, às segundas, às quintas-feiras, aos sábados (duas vezes por mês, o domingo).

Com o tempo apercebeu-se de que Felisa era a única que o compreendia; havia um acordo tácito para que ela se ocupasse dos passageiros ao meio-dia, logo que ele se instalava junto da janela de trás. A ilha era visível durante alguns minutos, mas o ar estava sempre tão límpido e o mar recortava-a com uma crueldade tão precisa que os

112 mais pequenos pormenores se iam juntando im-

placavelmente à recordação da passagem anterior: a mancha verde do promontório do norte, as casas cor de chumbo, as redes a secar na areia. Quando não havia redes Marini sentia isso como um empobrecimento, quase um insulto. Pensou em filmar a passagem pela ilha, para repetir a imagem no hotel, mas preferiu economizar o dinheiro da máquina já que só faltava um mês para as férias. Não se preocupava muito com o tempo; às vezes era Tania em Beirute, às vezes Felisa em Teerão, quase sempre o irmão em Roma, tudo um pouco apagado, delicadamente fácil e cordial como substituindo outra coisa, preenchendo as horas antes e depois do voo, e durante o voo tudo era também apagado e fácil e estúpido até à hora de se debruçar sobre a janela da cauda, sentir o cristal frio como um limite do aquário onde lentamente se movia a tartaruga doirada no espesso azul.

Nesse dia as redes desenhavam-se na areia, e Marini teria jurado que o ponto negro à esquerda, à beira do mar, era um pescador que devia estar a olhar o avião. «Kalimera», pensou absurdamente. Já não tinha sentido esperar mais tempo, Mário Merolis emprestava-lhe o dinheiro que faltava para a viagem e em menos de três dias estaria em Xiros. Com os lábios colados ao vidro, sorriu pensando que ia trepar até à mancha verde, e entrava nu pelo mar das enseadas do norte, pescar polvos com os homens, entendendo-se por sinais e risos. Nada era difícil uma vez decidido, o comboio nocturno, um primeiro barco, outro barco velho e sujo, a escala em Rynos, a interminável negociação com o capitão da falua, a noite na ponte, pegado às estrelas, o sabor do anis e do carneiro, o amanhecer entre as ilhas. Desembarcou com as primeiras luzes, o capitão apresentou-o a um velho que devia ser o patriarca. Klaios segurou-lhe na mão esquerda e falou lentamente, olhando-o nos olhos. Chegaram dois rapazes e Marini percebeu que eram os filhos de Klaios. O capitão da falua esgotava o seu inglês: vinte habitantes, polvos, cinco casas, visitante italiano, alojamento Klaios. Os rapazes riam quando Klaios discutia dracmas; também

Marini, já amigo dos jovens, riu vendo romper o sol por entre um mar menos escuro que quando visto do ar, um quarto pobre e limpo, um jarro de água, odor a salva e a pele curtida.

Deixaram-no só para irem carregar a falua, e depois de tirar a roupa da viagem e enfiar uns calções de banho e sandálias, começou a andar pela ilha. Não se via ninguém, o sol ganhava lentamente força e dos matagais crescia um odor subtil, um pouco ácido, misturado com o iodo do vento. Deviam ser dez horas quando chegou ao promontório norte e viu a maior das enseadas. Preferia estar só embora tivesse gostado de tomar banho na praia de areia; a ilha invadia-o e inebriava-o com uma tão grande intimidade que não era capaz de pensar ou escolher. A pele ardia-lhe de sol e de vento quando se despiu para lançar-se ao mar do cimo de um rochedo; a água estava fria e fez-lhe bem, deixou-se levar por correntes insidiosas até à entrada aceitou tudo num só acto de conciliação que era também um nome para o futuro. Soube sem ter a menor dúvida que nunca sairia da ilha; que de qualquer forma ia ficar para sempre ali. Conseguiu imaginar o irmão, Felisa, as suas caras quando soubessem que ficava a viver da pesca num penhasco solitário. E já os tinha esquecido quando rodou sobre si próprio para nadar até à costa.

O sol, secou-o rapidamente, depois desceu às casas onde as mulheres o olhavam assombradas antes de correrem a fechar-se por dentro. Fez uma saudação para o nada e desceu até às redes. Um dos filhos de Klaios esperava-o na praia, e Marini indicou-lhe o mar, convidando. O rapaz hesitou, mostrando as suas calças de pano grosso e a camisa vermelha. Depois correu a uma das casas, e voltou quase nu; lançaram-se a um mar tépido, deslumbrante sob o sol das onze.

Secando-se na areia, Ionas começou a falar. «Kalimera», disse Marini, e o rapaz riu-se até dobrar-se em dois. Depois Marini repetiu outras palavras e ensinou palavras italianas a Ionas. Quase já na linha do horizonte,
114 a falua ia desaparecendo; Marini sentiu que agora

estava realmente só na ilha com Klaios e os seus. Deixaria passar uns dias, pagava o seu quarto e aprendia a pescar; uma tarde, quando o conhecessem bem, falaria em ficar a trabalhar com eles. Levantando-se, estendeu a mão a Ionas e começou a andar lentamente em direcção à colina. A encosta era escarpada e trepou saboreando cada paragem, voltando-se de vez em quando para olhar as redes na praia, os vultos das mulheres que falavam animadamente com Ionas e com Klaios e o olharam de soslaio, a rir. Quando chegou à mancha verde entrou num mundo onde o cheiro a tomilho e a salva formavam uma mesma substância com o calor do sol e a brisa. Marini olhou o relógio, depois com um gesto de impaciência arrancou-o do pulso e meteu-o no bolso do calção de banho. Não seria fácil matar o homem outro que havia nele, mas ali no alto tenso do sol e de espaço sentiu que era possível. Estava em Xiros, estava ali onde tantas vezes duvidara pudesse chegar um dia. Deixou-se cair de costas por entre as pedras quentes, aguentou as arestas e as saliências de fogo e olhou verticalmente para o céu: à distância chegou-lhe um zumbido de motores.

Fechando os olhos disse para si que não ia olhar para o avião, que não se deixava contaminar pelo pior de si próprio que uma vez mais ia passar sobre a ilha. Porém na penumbra das pálpebras imaginou Felisa com as bandejas, e o seu substituto, talvez Giorgio ou algum de outra carreira qualquer que também estaria sorrindo enquanto distribuía as garrafas de vinho ou o café. Incapaz de lutar contra tanta recordação abriu os olhos e levantou-se, nesse mesmo instante viu a asa direita do avião quase sobre a cabeça, a inclinar-se inexplicavelmente, uma mudança de som das turbinas e a queda quase vertical no mar. Desceu a correr pela colina, ferindo-se nos rochedos e dilacerando um braço nos espinhos. A ilha ocultava-lhe o lugar da queda, mas desviou-se antes de chegar à praia e por um atalho adivinhado atravessou a primeira passagem e correu para a praia mais pequena.

A cauda do avião afundava-se a uns cem metros, num **115**

silêncio total. Marini tomou impulso e lançou-se à água esperando que o avião voltasse a flutuar; mas não se via mais que a branda linha das ondas, uma caixa de cartão oscilando absurdamente e por fim, quando já não tinha sentido continuar, uma mão fora de água, apenas um instante, o tempo para que Marini mudasse de rumo e mergulhasse até segurar pelo cabelo o homem que lutou para agarrar-se a ele e tragou ruidosamente o ar que Marini sem se aproximar demasiado deixava respirar. Pouco a pouco trouxe-o até à praia, segurou o corpo vestido de branco, e estendendo-o na areia olhou a cara cheia de espuma onde a morte já estava instalada, sangrando por uma ferida da garganta. De que serviria a respiração artificial se a cada convulsão a ferida parecia abrir-se um pouco mais e era como uma boca repugnante que chamava Marini, o arrancava à sua pequena felicidade de tão poucas horas na ilha, lhe gritava aos arranços algo que ele já não era capaz de ouvir. A toda a pressa chegavam os filhos de Klaios e mais atrás as mulheres. Quando Klaios chegou, os rapazes rodeavam o corpo estendido na areia, sem compreender como tivera forças para nadar até à praia e arrastar-se sangrando até ali. «Fechem-lhe os olhos», pediu chorando uma das mulheres. Klaios olhou para o mar, procurando algum outro sobrevivente. Mas como sempre, estavam sós na ilha; e o cadáver de olhos abertos era a única coisa nova entre eles e o mar.

Clarice Lispector

O grande passeio

Clarice Lispector (1925-1977) nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, mas cresceu no Brasil, formando-se em Direito no Rio de Janeiro. Casada com um diplomata, viveu muitos anos no estrangeiro. *Laços de Família*, uma antologia de treze contos publicada no Brasil em 1960, inclui textos como *Amor* ou *Feliz Aniversário*, dois exemplos maiores da arte de Clarice Lispector. Convidada desde 1967 para escrever semanalmente no *Jornal do Brasil*, aí publicou contos-crônicas-textos, que não se integravam, o mais das vezes, em género nenhum. Outro livro de contos, *Felicidade Clandestina* (1971) colige muitos dos textos escritos nessa época e inclui este *O Grande Passeio*, espécie de “estorinha de fadas” bastante negra, em que uma “velha sequinha, doce e obstinada” é “mandada passear”.

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro. Quando lhe perguntavam o nome, dizia com a voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação:

— Mocinha.

As pessoas sorriam. Contentes pelo interesse despertado, explicava:

— Nome, nome mesmo, é Margarida.

O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara. Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido. Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um ténue veludo branco. Quando lhe davam alguma esmola davam-lhe pouca, pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito. Quando lhe davam cama para dormir davam-

lhe estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume. Ela também não agradecia muito: sorria e balançava a cabeça.

Dormia agora, não se sabia mais por que motivo, no quarto dos fundos de uma casa grande, numa rua larga cheia de árvores, em Botafogo. A família achava graça em Mocinha mas esquecia-se dela a maior parte do tempo. É que também se tratava de uma velha misteriosa. Levantava-se de madrugada, arrumava sua cama de anão e disparava lépida como se a casa estivesse pegando fogo. Ninguém sabia por onde andava. Um dia uma das moças da casa perguntou-lhe o que andava fazendo. Respondeu com um sorriso gentil:

— Passeando.

Acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear. Mas era verdade. Mocinha nascera no Maranhão, onde sempre vivera. Viera para o Rio não há muito, com uma senhora muito boa que pretendia interná-la num asilo, mas depois não pudera ser: a senhora viajara para Minas e dera algum dinheiro para Mocinha se arrumar no Rio. E a velha passeava para ficar conhecendo a cidade. Bastava aliás uma pessoa sentar-se num banco de uma praça e já via o Rio de Janeiro.

Sua vida corria assim sem atropelos, quando a família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais. De algum modo tinham razão. Todos lá eram muito ocupados, de vez em quando surgiam casamentos, festas, noivados, visitas. E quando passavam atarefados pela velha, ficavam surpreendidos como se fossem interrompidos, abordados com uma pancadinha no ombro: «olha»! Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo. Sobretudo o sorriso permanente, embora a moça compreendesse tratar-se de um ricto inofensivo. Talvez por falta

de tempo, ninguém falou no assunto. Mas logo que

120 alguém cogitou de mandá-la morar em Petrópolis,

na casa da cunhada alemã, houve uma adesão mais animada do que uma velha poderia provocar.

Quando, pois, o filho da casa foi com a namorada e as duas irmãs passar um fim-de-semana em Petrópolis, levou a velha no carro.

Por que Mocinha não dormiu na noite anterior? À ideia de uma viagem, no corpo endurecido o coração se desenferujava todo seco e descompassado, como se ela tivesse engolido uma pílula grande sem água. Em certos momentos nem podia respirar. Passou a noite falando, às vezes alto. A excitação do passeio prometido e a mudança de vida, de repente aclaravam-lhe algumas idéias. Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão — se ele tivesse vivido no tráfego do Rio de Janeiro, aí mesmo é que morria atropelado. Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido. Só relembrava o marido em mangas de camisa. Mas não era possível, estava certa de que ele ia à repartição com o uniforme de contínuo, ia a festas de paletó, sem falar que não poderia ter ido ao enterro do filho e da filha em mangas de camisa. A procura do paletó do marido ainda mais cansou a velha que se virava com leveza na cama. De repente descobriu que a cama era dura.

— Que cama dura — disse bem alto no meio da noite.

É que se sensibilizara toda. Partes do corpo de que não tinha consciência há longo tempo reclamavam agora a sua atenção. E de súbito — mas que fome furiosa! Alucinada, levantou-se, desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardava secretamente há dois dias. Comeu o pão como um rato, arranhando até o sangue os lugares da boca onde só havia gengiva. E com a comida, cada vez mais se reanimava. Conseguiu, embora fugazmente, ter a visão do marido se despedindo

para ir ao trabalho. Só depois que a lembrança se desvaneceu, viu que esquecera de observar se ele estava ou não em mangas de camisa. Deitou-se de novo, coçando-se toda ardente. Passou o resto da noite nesse jogo de ver por um instante e depois não conseguir ver mais. De madrugada adormeceu.

E pela primeira vez foi preciso acordá-la. Ainda no escuro, a moça veio chamá-la, de lenço amarrado na cabeça e já de maleta na mão. Inesperadamente Mocinha pediu uns instantes para pentear os cabelos. As mãos trêmulas seguravam o pente quebrado. Ela se penteava. Nunca fora mulher de ir passear sem antes pentear bem os cabelos.

Quando enfim se aproximou do automóvel, o rapaz e as moças se surpreenderam com seu ar alegre e com os passos rápidos. «Tem mais saúde do que eu!», brincou o rapaz. À moça da casa ocorreu: «E eu que até tinha pena dela».

Mocinha sentou-se junto da janela do carro, um pouco apertada pelas duas irmãs acomodadas no mesmo banco. Nada dizia, sorria. Mas quando o automóvel deu a primeira arrancada, jogando-a para trás, sentiu dor no peito. Não era só por alegria, era um dilaceramento. O rapaz virou-se para trás:

— Não vá enjoar, vovó!

As moças riram, principalmente a que se sentara na frente, a que de vez em quando encostava a cabeça no ombro do rapaz. Por cortesia, a velha quis responder, mas não pôde. Quis sorrir, não conseguiu. Olhou para todos, com olhos lacrimajantes, o que os outros já sabiam que não significava chorar. Qualquer coisa em seu rosto amorteceu um pouco a alegria da moça da casa e deu-lhe um ar obstinado.

A viagem foi muito bonita.

As moças estavam contentes, Mocinha agora já começara a sorrir. E, embora o coração batesse muito, tudo estava melhor. Passaram por um cemitério, passaram por um armazém, árvore, duas mulheres, um soldado, gato!
122 letras — tudo engolido pela velocidade.

Quando Mocinha acordou não sabia mais onde estava. A estrada já havia amanhecido totalmente: era estreita e perigosa. A boca da velha ardia, os pés e as mãos distanciavam-se gelados do resto do corpo. As moças falavam, a da frente apoiara a cabeça no ombro do rapaz. Os embrulhos despencavam a todo instante.

Então a cabeça de Mocinha começou a trabalhar. O marido apareceu-lhe de paletó — achei, achei! o paletó estava pendurado o tempo todo no cabide. Lembrou-se do nome da amiga de Maria Rosa, daquela que morava defronte: Elvira, e a mãe de Elvira até era aleijada. As lembranças quase lhe arrancavam uma exclamação. Então ela movia os lábios devagar e dizia baixo algumas palavras.

As moças falavam:

— Ah, obrigada, um presente desses eu rejeito!

Foi quando Mocinha começou finalmente a não entender. Que fazia ela no carro? como conhecera seu marido e onde? como é que mãe de Maria Rosa e Rafael, a própria mãe deles, estava no automóvel com aquela gente? Logo depois acostumou-se de novo.

O rapaz disse para as irmãs:

— Acho melhor não pararmos defronte, para evitar histórias. Ela salta do carro, a gente ensina aonde é, ela vai sozinha e dá o recado de que é para ficar.

Uma das moças da casa perturbou-se: receava que o irmão, com uma incompreensão típica de homem, falasse demais diante da namorada. Eles não visitavam mais o irmão de Petrópolis, e muito menos a cunhada.

— É sim, interrompeu-o a tempo antes que ele falasse demais. Olha, Mocinha, você entra por aquele beco e não há como errar: na casa de tijolo vermelho, você pergunta por Arnaldo, meu irmão, ouviu? Arnaldo. Diz que lá em casa você não podia mais ficar, diz que na casa de Arnaldo tem lugar e que você até pode vigiar um pouco o garoto, viu...

Mocinha desceu do automóvel, e durante um tempo ainda ficou de pé mas pairando entontecida sobre rodas. O vento fresco soprava-lhe a saia comprida por entre as pernas.

Arnaldo não estava. Mocinha entrou na saleta onde a dona de casa, com um pano contra pó amarrado na cabeça, tomava café. Um menino louro — decerto aquele que Mocinha deveria vigiar — estava sentado diante de um prato de tomates e cebolas e comia sonolento, enquanto as pernas brancas e sardentas balançavam-se sob a mesa. A alemã encheu-lhe o prato de mingau de aveia, empurrou-lhe na mesa pão torrado com manteiga. As moscas zuniam. Mocinha estava fraca. Se bebesse um pouco de café quente talvez passasse o frio no corpo.

A mulher alemã examinava-a de vez em quando em silêncio: não acreditara na história da recomendação da cunhada, embora «de lá» tudo fosse de se esperar. Mas talvez a velha tivesse ouvido de alguém o endereço, até num bonde, por acaso, isso às vezes acontecia, bastava abrir um jornal e ver que acontecia. É que aquela história não estava nada bem contada, e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-la sozinha na saleta, com o armário cheio de louça nova.

— Preciso antes tomar café — disse-lhe. — Depois que meu marido chegar, veremos o que se pode fazer.

Mocinha não entendeu muito bem, pois ela falava como gringa. Mas entendeu que era para continuar sentada. O cheiro de café dava-lhe vontade, e uma vertigem que escurecia a sala toda. Os lábios ardiam secos e o coração batia todo independente. A seus pés o cachorro mordida a própria pata, rosnando. A empregada, também meio gringa, alta, de pescoço muito fino e seios grandes, a empregada trouxe um prato de queijo branco e mole. Sem uma palavra, a mãe esmagou bastante queijo no pão torrado e empurrou-o para o lado do filho. O menino comeu tudo e, com a

124 barriga grande, agarrou um palito e levantou-se:

— Mãe, cem cruzeiros.

— Não. Para quê?

— Chocolate.

— Não. Amanhã é que é domingo.

Uma pequena luz iluminou Mocinha: domingo? que fazia naquela casa em vésperas de domingo? Nunca saberia dizer. Mas bem que gostaria de tomar conta daquele menino. Sempre gostara de criança loura: todo menino louro se parecia com o Menino Jesus. O que fazia naquela casa? Mandavam-na à toa de um lado para outro, mas ela contaria tudo, iam ver. Sorriu encabulada: não contaria era nada, pois o que queria mesmo era café.

A dona da casa gritou para dentro, e a empregada indiferente trouxe um prato fundo, cheio de papa escura. Gringos comiam muito de manhã, isso Mocinha vira mesmo no Maranhão. A dona da casa, com seu ar sem brincadeiras porque gringo em Petrópolis era tão sério como no Maranhão, a dona da casa tirou uma colherada de queijo branco, triturou-o com o garfo e misturou-o à papa. Para dizer verdade, porcaria mesmo de gringo. Pôs-se então a comer, absorta, com o mesmo ar de fastio que os gringos do Maranhão têm. Mocinha olhava. O cachorro rosnava às pulgas.

Afinal Arnaldo apareceu em pleno sol, a cristaleira brilhando. Ele não era louro. Falou em voz baixa com a mulher, e depois de demorada confabulação, informou firme e curioso para Mocinha:

— Não pode ser não, aqui não tem lugar não.

E como a velha não protestasse e continuasse a sorrir, ele falou mais alto:

— Não tem lugar não, ouviu?

Mas Mocinha continuava sentada. Arnaldo ensaiou um gesto. Olhou para as duas mulheres na sala e vagamente sentiu o cômico do contraste. A esposa esticada e vermelha. E mais adiante a velha murcha e escura, com uma sucessão de peles secas penduradas nos ombros. Diante do sorriso malicioso da velha, ele se impacientou:

— E agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? volta para a casa de minha mãe, chega lá e diz: casa de Arnaldo não é asilo, viu? aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu!

Mocinha pegou no dinheiro e dirigiu-se à porta. Quando Arnaldo já ia se sentar para comer, Mocinha reapareceu:

— Obrigada, Deus lhe ajude.

Na rua, de novo pensou em Maria Rosa, Rafael, o marido. Não sentiu a menor saudade. Mas lembrava-se. Dirigiu-se para a estrada, afastando-se cada vez mais da estação. Sorriu como se pregasse uma peça a alguém: em vez de voltar logo, ia antes passear um pouco. Um homem passou. Então uma coisa muito curiosa, e sem nenhum interesse, foi iluminada: quando ela era ainda uma mulher, os homens. Não conseguia ter uma imagem precisa das figuras dos homens, mas viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos. A sede voltou-lhe, queimando a garganta. O sol ardia, faiscava em cada seixo branco. A estrada de Petrópolis é muito bonita.

No chafariz de pedra negra e molhada, em plena estrada, uma preta descalça enchia uma lata de água.

Mocinha ficou parada, espreitando. Viu depois a preta reunir as mãos em concha e beber.

Quando a estrada ficou de novo vazia, Mocinha adiantou-se como se saísse de um esconderijo e aproximou-se sorradeira do chafariz. Os fios de água escorreram geladíssimos por dentro das mangas até os cotovelos, pequenas gotas brilharam suspensas nos cabelos.

Saciada, espantada, continuou a passear com os olhos mais abertos, em atenção às voltas violentas que a água pesada dava no estômago, acordando pequenos reflexos pelo resto do corpo como luzes.

A estrada subia muito. A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito. Mocinha sentou-se

126 numa pedra que havia junto de uma árvore, para

poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.

John Updike

A piscina órfã

Tradução de Luísa Costa Gomes

John Updike (1932) nasceu na Pennsylvania e estudou em Harvard e na Ruskin School of Drawing and Fine Art, em Oxford. Trabalhou no The New Yorker nos anos cinquenta, onde publicou poemas, contos, ensaios e resenhas. Autor profícuo e proficiente, continua a escrever e a publicar com regularidade. *The Orphaned Swimming Pool* faz parte da coleção *Museums and Women* (1972) e foi depois integrado em *Forty Stories*, coligidas e reorganizadas para a Penguin em 1987 pelo próprio Updike.

Os casamentos, como as uniões químicas, ao dissolverem-se, libertam cargas da energia que encerraram na sua ligação. Há o piano que ninguém quer, o *cocker spaniel* de quem ninguém quer tomar conta. Há as estantes de livros que de repente se revelam opressivamente datados e com muito pouca probabilidade de virem a ser relidos; é até difícil lembrar quem é que alguma vez os terá lido. E os esquis no sótão? Ou a casa de bonecas à espera de ser consertada na cave? O piano desafina, o cão enlouquece. No Verão em que os Turners se divorciaram, a piscina deles não tinha dono nem dona, embora o sol lhe batesse dia após dia, e fosse declarado o estado de seca no Connecticut.

Era uma piscina jovem, só com dois anos, frágil, daquelas que se moldam pondo um plástico a forrar um buraco cuidadosamente escavado no chão. O quintal lateral dos Turners parecera infernal enquanto se fazia o buraco; um dos *bulldozers* afundou-se na lama e teve de ser puxado por outro. Mas em pleno Verão já a relva nova deitava rebentos, estavam assentes as lajes em redor, o plástico azul tingia a água de um azul celestial e teve de se admitir que os Turners contavam com mais uma vitória. Estavam sempre um pouco adiantados em relação aos amigos. Ele era

um homem alto, de costas peludas e braços compridos, o nariz espalmado pelo rãguebi, e um ar amuado de ter sangue a mais; ela era uma loura de ossos finos, secos olhos azuis e lábios normalmente abertos e gretados, como se sempre à beira de fazerem uma pergunta preocupante ou caprichosa. Nunca tinham parecido tão felizes, ou o casamento deles tão saudável, como nesses dois verões. Ficaram morenos e ágeis e com a pele macia de tanto nadarem. Ted começava o dia com um mergulho, antes de se vestir para apanhar o comboio e Linda mantinha a sua corte todo o dia entre multidões de matronas molhadas e de crianças, Ted voltava do trabalho para encontrar uma festa com *cocktails* na piscina, e o casal acabava o dia à meia-noite, quando os amigos se tinham enfim ido embora, nadando nus, antes de irem para a cama. Que êxtase! No escuro, a água ficava macia como leite e leve como hélio, e os nadadores tornavam-se gigantes, deslizando de um lado ao outro numa só braçada lânguida.

Em Maio do ano seguinte, encheu-se a piscina como de costume e como de costume reuniram-se depois da escola os bandos de mães e de crianças, mas Linda, contra o costume, não saía de casa. Ouviam-na lá dentro a andar de quarto em quarto, mas já não emergia, como noutros verões, com a alegre bandeja de gelo e um par de garrafas, e *Triscuits* e limonada para as crianças. Os amigos já não se sentiam tão à vontade para aparecerem ao fim-de-semana, de toalha na mão, em casa dos Turners. Embora Linda estivesse mais magra e elegante e Ted fosse opressivamente jovial, exalavam o vago aroma insone de um casal com problemas, que deixava os outros pouco à vontade. Depois, no dia a seguir a acabarem as aulas, Linda fugiu com as crianças para casa dos pais no Ohio. Ted passava as noites na cidade e a piscina ficou abandonada. E embora a bomba que fazia a água passar no filtro continuasse a resmonear entre os lilases, a piscina cerúlea tornou-se enevoada. Varejeiras e vespas mortas pontilhavam a superfície parada. Uma bola de plástico às pintinhas foi à deriva até ao canto ao

lado da prancha e por lá ficou. A relva entre as lajes ficou calcada. Na mesa de tampo de vidro, uma lata de insecticida *Off!* perdera já a pressão e num copo de *gin* tónico havia uma folha murcha de hortelã. A piscina tinha um ar desolado e assombrado, como uma fonte de água estagnada na selva; parecia venenosa e envergonhada. O carteiro, atulhando a caixa de avisos fora de prazo e solicitações pornográficas, desviava educadamente os olhos do quintal.

Nalguns fins-de-semana de Junho, Ted escapava-se da cidade. As famílias que passavam de carro a caminho da Igreja vislumbravam-no a polvilhar a piscina, com ar lúgubre, de substâncias químicas. Estava pálido e magro. Instruiu Roscoe Chace, o vizinho da esquerda, a ligar a bomba e a mudar o filtro, e a saber quanto cloro e Algitrol devia acrescentar todas as semanas. Explicou que era capaz de não poder vir todos os fins-de-semana — como se a distância que ele, durante anos, fizera duas vezes por dia, indo e vindo de Nova Iorque, se tivesse tornado numa escalada impossívelmente íngreme para o passado. Linda, confessou ele vagamente, já não estava com os pais em Akron e visitava a irmã no Minneapolis. À medida que se ia mitigando o choque do desaparecimento conjunto dos Turners, a piscina parecia já menos assombrada e ameaçadora. Os meninos Murtaugh — os Murtaughs, uma família ruidosa e numerosa eram os vizinhos da direita — começaram a usá-la, sem vigilância. E os antigos amigos de Linda começaram também a aparecer com os filhos deles, “para evitar que os Murtaughs se afoguem uns aos outros”. Porque se acontecesse alguma coisa a um Murtaugh, os pobres dos Turners (o adjectivo tinha-se tornado automático) haviam de ser processados para lhes levarem tudo o que tinham, e logo na altura em que estavam com menos dinheiro. Tornou-se, assim, uma espécie de dever, uma prova de lealdade, usar a piscina.

Julho foi o mais quente desde há vinte e sete anos. As pessoas traziam os seus acessórios de jardim em carrinhas e instalavam-nas. Estabeleceram-se filhos

adolescentes e *au pairs* suíças como nadadores-salvadores. Uma corda de *nylon* com flutuadores, que devia dividir a parte mais baixa, da caixa de saltos da piscina, foi encontrada enrolada na garagem e instalada de novo. Agnes Kleefield doou um frigorífico velho, que se ligou a uma tomada por cima da bancada de trabalho na cave do Ted e onde se armazenou gelo, água tónica e refrigerantes. A seu lado apareceu uma caixa de sapatos cheia de trocos que servia um sistema baseado na confiança; materializou-se nas escadas laterais dos Turners uma pequena secção de perdidos-e-achados — um estendal de óculos de sol esquecidos, barbatanas, toalhas, cremes, jornais, camisas, até roupa interior. Quando, nesse mês de Julho, as pessoas diziam: «Encontramo-nos na piscina», não se referiam à piscina pública para lá do centro comercial, ou à piscina do clube de campo ao lado do golfe. Referiam-se à dos Turners. Era difícil aplicar com algum tacto restrições ao direito de admissão. Um bispo metodista de visita à cidade, dois economistas de Taiwan, uma equipa completa de *softball* feminino de Darien, um eminente poeta canadiano, o campeão de tiro-ao-arco de Hartford, os seis elementos de uma banda de roqueiros negros chamada *The Good Intentions*, uma ex-amante do Ali Khan, a sogra de cabelo cor de alface de um conselheiro de Nixon não exactamente de casta ministerial, um bebé de seis semanas, um homem que foi morto no dia seguinte na Merritt Parkway, um filipino que conseguia ficar oitenta segundos no fundo da piscina, dois texanos que se mantinham de charuto na boca e chapéu na cabeça, três homens que instalavam linhas telefónicas, quatro expatriados checos, um maoísta estudante de Wesleyan e o carteiro, todos nadaram, como convidados, na piscina dos Turners, embora não ao mesmo tempo. Depois de vazar a gente do dia, a caixa de sapatos ser outra vez posta dentro do frigorífico, e a última *au pair* ter levado para o jantar, tremendo, a última criança enrugada e com pele-de-galinha, havia uma onda de actividade nocturna, encontramos, (a senhora Kleefield e o filho dos Nicholson foi

o caso mais escandaloso) e o que alguns chamaram, com excessivo dramatismo, orgias. É verdade que mergulhos noite alta e gargalhadas excitadas mantinham muitas vezes acordada a senhora Chace, e os filhos dos Murtaugh passavam horas à janela do sótão com os binóculos. E havia o testemunho da roupa interior perdida.

Um sábado em princípios de Agosto, os que chegavam de manhã deram com um carro desconhecido, com matrícula de Nova Iorque, estacionado na garagem. Mas era tão vulgar haver toda a espécie de carros — o emaranhado do estacionamento às vezes ia pela rua fora — que não se fez muito caso, mesmo depois de alguém ter notado que as janelas do andar de cima estavam abertas. E não se passou nada, a não ser que à volta da hora do jantar, naquele momento de calma antes do grupo da noite começar a aparecer em força, Ted e uma mulher desconhecida, com o mesmo tipo físico de Linda, mas em moreno, saíram rapidamente da porta da cozinha, entraram no carro, e foram outra vez para Nova Iorque. As poucas *babysitters* e seus moços que por ali estavam ainda, tiveram, sem querer, um vislumbre da raiz do divórcio. Os dois amantes tinham ficado encurralados dentro de casa o dia todo; Ted tinha medo das consequências legais de serem vistos por alguém que pudesse escrever a contar a Linda. O acordo estava numa fase melindrosa; só o terror dos advogados de Linda podia ter levado Ted a conter a indignação ao ver, por trás da persiana, a sua piscina particular transformada em carnaval público. Por muito tempo ainda, embora tivesse acabado por não casar com essa mulher, se lembrou desse dia em que viveram juntos como fugitivos numa gruta, alimentando-se de amor e água gelada, andando descalços em bicos de pés até aos armários vazios que eles, ao chegarem já tarde na noite anterior, tinham pretendido encher na manhã seguinte, não prevendo aquela invasão de intrusos que os havia de pregar ali. O cabelo dela, lembrava-se, fizera-lhe cócegas nos ombros quando se debruçara por trás dele à janela e através do bater furioso do seu próprio sangue sen-

tira o magro corpo dela sufocado na tentativa de não se pôr aos risinhos.

Entrou Agosto, com dias enevoados. As crianças fartaram-se da piscina. Roscoe Chace foi de férias para Itália; a bomba estragou-se e ninguém a consertou. Acumulavam-se à superfície da piscina libelinhas mortas. Pequenos sapos iludidos saltavam lá para dentro e nadavam por ali às voltas sem grandes saídas. Finalmente, Linda voltou. Fora de Minneapolis para o Idaho durante seis semanas, para se divorciar. Ela e as crianças traziam as caras queimadas das cavalgadas e das caminhadas; os lábios dela estavam mais secos e intrigados do que nunca, buscando ainda enquadrar a tal pergunta inquietante. Ficava à janela, na casa a que já parecia faltar a mobília, na mesma janela lateral a que os amantes tinham assomado e contemplado a piscina abandonada. A relva que a cercava estava verde dos salpicos, menos no sítio onde uma toalha que ali ficara muito tempo amachucara um rectângulo, deixando-a castanha. Móveis de alumínio que ela não reconhecia jaziam espalhados e partidos. Contou uma dúzia de garrafas por baixo da mesa de tampo de vidro. A divisória de *nylon* partira-se e cada uma das metades flutuava para seu lado. O plástico azul por baixo da água incolor tentava fazer uma afirmação jovial e transcendente, mas Linda viu que na verdade a piscina não tinha fundo, era perda sem fundo, uma imensa lágrima azul. Graças a Deus, ninguém se afogara. Só ela. Viu que nunca mais poderia ali viver. Em Setembro a casa foi vendida a uma família com meninos muito pequenos e, por segurança, não só esvaziaram a piscina como a selaram por cima com tubos de ferro e uma rede pesada e puseram a toda a volta sinais de aviso, como à volta de um cão acorrentado.

David Lodge

Hotel das mamas

Tradução de Vitor Silva Mota

David Lodge nasceu em Londres em 1935. Autor de ensaios, contos, romances e peças de teatro, Lodge foi estabelecendo uma espécie de copyright da comédia de costumes (vertente academias e universidades), embora a sua obra não se limite a esse universo. *Hotel das Mamas* (*Hotel des Boobs* no original, num trocadilho intransponível, já que "boobs" é simultaneamente "mamas" e "argoladas") foi traduzido por Vitor Silva Mota para as Edições Asa em 1998. O conto saiu originalmente em 1986 e Lodge relembra as duas circunstâncias que o despoletaram: uma viagem de férias com a mulher pelos hotéis e praias do Sul de França, motivo destas "lucubrações sobre o código de conduta paradoxal e tacitamente estabelecido que rege o desnudamento de seios femininos em tais cenários" e um cômico incidente com um manuscrito levado pelo vento.

— Hôtel des Pins! — disse Harry. — Mais parece o Hotel das Mamas¹.

— Sai dessa janela — disse Brenda. — Deixa de te comportar como um mirone.

— Mirone, como? — disse Harry, continuando a olhar furtivamente por entre as lâminas do estore do quarto para a zona da piscina, em baixo. — Um mirone é alguém que interfere com a privacidade dos outros.

— E isto é um hotel privado.

— Hotel das Tetas. Hotel dos Melões. Olha, não está mal! — Voltou a cabeça, lançando pelo quarto um sorriso cintilante. — Hotel dos Melões. ‘Tás a perceber?’

Se Brenda percebeu, não ficou impressionada. Harry retomou a sua observação.

— Não estou a interferir com a privacidade de ninguém — disse ele. — Se elas não querem que se lhes olhe para as tetas, porque é que não as tapam?

— Então olha. Não espreites. Vai lá abaixo à piscina e dá uma boa vista de olhos. — Brenda mostrou-se zangada enquanto passava um pente pelo cabelo. Faz uma inspecção.

— Vais ter que te pôr em *topless* antes do fim das férias, sabes Brenda?

Brenda suspirou ironicamente.

— Porque não? Não tens nada de que te envergonhar. — Voltou de novo a cabeça e lançou-lhe um olhar encorajador. — Ainda tens um belo par.

— Muito obrigada, isso sei eu — disse Brenda. — Mas pretendo mantê-las tapadas como de costume.

— Em Roma... — disse Harry.

— Não estamos em Roma. Estamos na Côte d'Azur.

— Côte das Tetas — disse Harry. — Côte dos Marmelos.

— Se eu soubesse que ias ficar assim — disse Brenda — não tinha vindo para cá.

Durante anos, todos os Verões, Harry e Brenda tinham feito férias familiares em Guernsey, onde viviam os pais dela. Mas agora que as crianças já estavam suficientemente crescidas para terem os seus próprios planos, tinham decidido mudar. Brenda sempre quisera ver o sul de França e ambos acharam que pelo menos desta vez tinham direito a umas férias a sós. A sua situação económica era agora bastante confortável, pois Brenda formara-se recentemente pela Universidade Aberta e tinha um emprego a tempo inteiro como professora. Harry causara uma agradável excitação na cantina da Administração da *Barnard Castings* quando acidentalmente referiu o nome do seu local de férias por entre as menções a Benidorme, Palma de Maiorca e às Costas daqui e dali, cujos méritos estavam a ser discutidos pelos seus colegas.

— A Riviera francesa, Harry?

— Sim, um hotelzito perto de St. Raphael. A Brenda viu o nome num livro.

— A vida corre-vos bem, não?

— Bom, é carote. Mas por que não ser extravagante enquanto ainda somos suficientemente jovens para o aproveitar?

— Aproveitar para ver aqueles borrachos todos em

140 *topless*, queres tu dizer.

— Isso é verdade? — disse Harry com uma inocência que não era totalmente fingida. Claro que ele sabia que em certos locais do Mediterrâneo as mulheres apanhavam sol na praia em *topless* e tinha visto fotografias do fenómeno no jornal diário que colocavam na sua secretária e que ele surripiava regularmente por causa de tais ilustrações. Mas a realidade tinha sido um choque. Não tanto o promíscuo e anónimo desnudamento de seios na praia, mas sim a mais íntima e socialmente complexa nudez em torno da piscina do hotel. O que tornava a piscina diferente, e mais perturbadora, era o facto de as mulheres que durante todo o dia ficavam deitadas seminuas nas suas imediações serem as mesmas que à noite surgiam imaculadamente vestidas para jantar, e a quem se acenava e sorria educadamente na recepção, ou com quem se trocava algumas palavras sobre o tempo no bar. E visto que Brenda tinha achado a piscina, com a sombra das árvores em redor e algumas milhas afastada da costa, infinitamente preferível ao calor e ao brilho intenso da praia cheia de gente (para já não falar da provável poluição do mar), esse tornou-se o principal teatro da iniciação de Harry no novo código de conduta mamária.

Harry — e o próprio admitia-o — sempre tivera um fraco por seios femininos. Para alguns homens eram as pernas, ou os rabos, mas Harry fora sempre aquilo que os rapazes na Barnard chamavam um maluquinho das tetas. «Foste desmamado cedo demais», costumava dizer Brenda, um diagnóstico que Harry aceitava com um largo sorriso complacente. Ele relanceava sempre o olhar — mera acção reflexa — pelo busto de qualquer fêmea sexualmente interessante que entrasse no seu campo de visão; aliás, passara muitos momentos de ócio a especular sobre as formas ocultas debaixo das camisolas, blusas e *soutiens*. Era desconcertante, no mínimo, ver este passatempo inofensivo tornar-se totalmente redundante sob o sol da Provença. Mal começara a avaliar as figuras das mulheres no Hôtel des Pins e já estas tinham satisfeito a sua curiosidade até ao

mais ínfimo pormenor. Com efeito, na maioria dos casos vias-as primeiro seminuas, antes de as conhecer socialmente. A senhora inglesa toda empertigada, por exemplo, mãe de gémeos e mulher do atarracado corrector de bolsa sempre com o *Financial Times* do dia anterior na mão e um sorriso presunçoso na cara. Ou a metade feminina do casal alemão que adorava o sol com um zelo religioso, virando-se e untando-se ambos segundo um rigoroso horário e com a ajuda de um despertador de quartzo. Ou a senhora de certa idade, de cabelos castanhos e profundamente bronzeada, a quem Harry secretamente pusera o nome de Carmen Miranda porque ela falava um espanhol ardente e rápido — ou talvez fosse português — para o telefone sem fio que o empregado Antoine lhe trazia várias vezes ao dia.

A Sr^a Empertigada quase não tinha seios quando estava deitada, apenas umas almofadinhas pueris que pareciam ser músculo, guamecidas com uns pequenos e engraçados mamilos voltados para cima, que tremiam como os focinhos de dois pequenos roedores quando se levantava e se mexia. Os seios da senhora alemã eram cones perfeitos, lisos e firmes como se tivessem sido executados num torno, e pareciam nunca mudar de forma fosse qual fosse a postura que ela adoptasse; já os da Carmen Miranda eram como duas bolsas de cetim castanho cheias de um fluido viscoso que fluía e refluía pela sua caixa torácica em movimento contínuo, à medida que ela se virava e revirava no colchão à espera do próximo telefonema do seu amor ausente. E nesta manhã junto à piscina havia um par de adolescentes que Harry ainda não tinha visto, reclinadas lado a lado, uma com a parte de baixo de um biquini verde e amarelo e a outra, observando os seus seios recém-crescidos, hemisférios lisos e sem qualquer defeito como gelatina desenformada, com a tranquila satisfação de donas de casa vendo os seus *scones* crescer.

— Há duas novas hóspedes hoje — disse Harry. —

142 Ou melhor: quatro.

— Vens para baixo? — disse Brenda à porta. — Ou vais passar toda a manhã a espreitar pelos estores?

— Já vou. Onde está o meu livro? — Percorreu o quarto com o olhar à procura do livro de Jack Higgins.

— Não estás a avançar muito na leitura, pois não? — disse Brenda sarcasticamente. — Acho que é melhor mudares a marca de leitura todos os dias, para manter as aparências.

Um livro era seguramente o equipamento básico para uma discreta sessão de observação de mamas na piscina: algo para se espreitar por cima, ou pelo lado, permitindo levantar o olhar no momento oportuno, como se fôssemos distraídos por um barulho ou movimento súbito, quando o borracho a alguns metros tirava o fato de banho pelos ombros ou o enrolava nas costas. Outro artigo essencial era um par de óculos de sol, o mais escuros possível, para ocultarem a direcção exacta do olhar. Isto porque havia um protocolo — Harry apercebera-se disso — sobre a prática de *topless*. Não era correcto um homem olhar para um seio desnudado, ou sequer demorar o olhar durante um período de tempo passível de contagem, pois isso violaria o princípio fundamental em que toda a prática se baseava, nomeadamente o de que não havia nela nada de especial pois era a coisa mais natural e neutral do mundo. (Antoine era especialmente perito em servir bebidas frescas às clientes femininas, recebendo as suas encomendas para o almoço e inclinando-se sobre as suas figuras deitadas de bruços sem parecer notar a sua nudez.) Todavia, este princípio era desmentido por um outro, que confinava a prática de *topless* à piscina e às suas bordas. Logo que entravam no terraço, ou no próprio hotel, as mulheres tapavam as partes de cima. Será que os seios nus ganhavam ou perdiam valor erótico segundo zonas territoriais arbitrárias? Será que os seios que o marido ou amante avidamente contemplavam, acariciavam e nos quais fossavam na privacidade dos seus quartos se tornavam, na orla de cimento da piscina, num objecto indiferente, numa mera protuberância anatómica sem mais interesse do que um cotovelo ou uma

rótula? É claro que não. A ideia era absurda. Harry tinha quase a certeza de que, tal como ele, todos os homens presentes, incluindo Antoine, experimentavam um prazer e estimulação consideráveis pela prática de *topless*, e era pouco provável que as próprias mulheres não tivessem consciência disso. Talvez considerassem excitante — especulava Harry — exporem-se daquela forma, sabendo que os homens não podiam denunciar qualquer sinal de excitação; e que os seus próprios maridos podiam partilhar daquele mesmo excitação, por delegação de propriedade. Especialmente se a sua própria mulher fosse mais bem dotada do que outras. Interceptar o olhar admirador e invejoso de outro homem dirigido às mamas da sua mulher e pensar silenciosamente para si próprio: «*Sim, tudo bem, amigo. Podes olhar desde que não seja muito óbvio, mas só eu é que lhes posso tocar, percebes?*» Isso devia ser muito excitante.

Harry estava deitado ao lado de Brenda na borda da piscina, entontecido pelo calor e pela ponderação de todos estes quebra-cabeças e paradoxos. De súbito sente-se trespassado por uma flecha de desejo perverso: ver a sua mulher nua e desejá-la através dos olhos dos outros homens. Rolou por cima do seu estômago e colocou a boca junto ao ouvido de Brenda.

— Se tirares o teu *top* — sussurrou — compro-te aquele vestido que vimos em St. Raphael. O de duzentos francos.

Tinha o autor chegado a este ponto da história, que estava a escrever sentado a uma mesa com guarda-sol no terraço que dava para a piscina do hotel, usando uma caneta de tinta permanente e papel pautado, como era seu costume, tendo já acumulado muitas páginas inutilizadas e reescritas, como era também seu costume, quando, sem prévio aviso, se levantou um forte vendaval que fez tremer e assobiar os pinheiros do hotel, provocando uma leve ondu-

lação na superfície da piscina, derrubando vários guarda-sóis e içando no ar, em rodopio, as folhas do manuscrito do autor. Algumas voltaram a flutuar para o terraço, ou para as bordas da piscina, ou para dentro da própria piscina, mas muitas foram sugadas com incrível rapidez pelo sopro quente do vento bem para o alto, por cima das árvores. O autor levantou-se cambaleante e ficou de boca aberta, incrédulo, olhando para as folhas elevando-se cada vez mais alto, como papagaios de papel, virando-se e revirando-se ao sol, brancas contra o céu azul. Era como a visitação de um qualquer deus ou demónio, um Pentecostes ao contrário, levando para longe as palavras em vez de as pregar. O autor sentiu-se violado. As banhistas femininas em torno da piscina, como que igualmente conscientes, taparam os seios nus ao levantarem-se e ao observarem as folhas que se afastavam ao longe, rodopiando. Várias caras se voltaram para o autor, sorrisos de compreensão misturados com *Schadenfreude*². Comandados pela voz aguda da sua mãe, os gémeos ingleses correram em torno da borda da piscina apanhando folhas soltas e devolveram-nas ao seu dono com uma ansiedade canina. O alemão, que estava dentro da piscina quando o vento se levantou, apareceu com duas páginas ensopadas entre o indicador e o polegar, cobertas de uma escrita corrida a pingar, e pousou-as cuidadosamente na mesa do escritor para secarem. Pierre, o criado, trouxe outra folha na sua bandeja. «*C'est le petit mistral*», disse ele, com uma *moue* de comiseração. «*Quel dommage!*»³ O autor agradeceu-lhes mecanicamente, com os olhos ainda postos nas páginas levadas pelo ar, agora meros pontos ao longe que se afundavam devagar nos pinhais. No hotel o ar estava calmo outra vez. Os hóspedes voltavam lentamente às suas cadeiras e colchões. As mulheres destapavam discretamente os seios, aplicavam nova camada de *Ambre Solaire* e reatavam a busca do bronzado perfeito.

— Simon! Jasper! — disse a mulher inglesa.

— Porque é que não vão dar uma volta ao pinhal a **145**

ver se conseguem encontrar mais alguns papéis deste senhor?

— Oh, não — disse o autor insistentemente. — Não se mace, por favor. De certeza que já estão a quilómetros de distância. E na verdade não têm importância nenhuma.

— Não se preocupe — disse a inglesa. — Eles vão gostar de ir.

— Como uma caça ao tesouro — disse o marido. — Ou melhor, caça ao papel. — Riu-se da sua própria piada. Os rapazes lá foram a correr obedientemente em direcção ao pinhal. O autor retirou-se para o quarto enquanto aguardava a mulher, que tinha ido a St. Raphael e perdera toda a excitação.

— Trouxe um vestidinho amoroso — anunciou ela ao entrar no quarto. — Não me perguntes quanto custou.

— Mil e duzentos francos?

— Céus, não! Não tanto como isso. Foram setecentos e cinquenta. O que é que tens? Estás esquisito.

— Temos de ir embora do hotel.

Contou-lhe o que tinha acontecido.

— Se fosse a ti não me preocupava — disse-lhe a mulher. — Provavelmente aqueles fedelhos não vão encontrar mais nenhuma folha.

— Ai isso é que vão. Vão levar a coisa como um desafio, como o Prémio do Duque de Edimburgo⁴. Vão passar os pinhais a pente fino por vários quilómetros em redor. E se encontrarem alguma coisa, é certo e sabido que a vão ler.

— Não iam perceber nada.

— Os pais perceberiam. Imagina a Sra. Empertigada a ver os seus mamilos comparados com os focinhos de pequenos roedores.

A mulher do autor deu uma gargalhada que a fez soltar uma chuva de perdigotos.

— És doido — disse ela.

— Não tive culpa — protestou ele. — O vento levantou-se de repente.

— Exactamente.

— Bom, não creio que Ele aprovasse essa história. Também não posso dizer que eu própria me importasse muito com ela. Como é que ela ia acabar?

A mulher do autor conhecia muito bem a história até ao ponto em que tinha ficado, porque ele próprio lha tinha lido na cama na noite anterior.

— Brenda aceita o suborno para fazer *topless*.

— Não creio que ela aceitasse.

— Bom, mas aceita. E Harry fica todo satisfeito. Acha que ele e Brenda finalmente se libertaram e se juntaram ao grupo das pessoas refinadas. Imagina-se a contar tudo aos rapazes da *Barnard Castings*, fazendo-lhes uma inveja obscena. Fica com um tal tesão que tem de ficar de barriga para baixo todo o dia.

— Tchh, tchh! — disse a mulher. — Que grosseiro.

— Nessa noite está mortinho por ir para a cama. Mas precisamente quando estão a ir para o quarto separam-se por qualquer razão em que ainda não pensei e Harry sobe primeiro. Ela não vem logo e por isso Harry prepara-se para se deitar, estende-se na cama e adormece. Acorda duas horas depois e descobre que Brenda ainda não veio. Fica alarmado, veste o roupão e calça os chinelos para a ir procurar. Nesse preciso momento entra ela. *Que raio andaste tu a fazer?*, diz ele. A sua cara tem um aspecto peculiar; ela vai ao frigorífico do quarto e bebe uma garrafa de água *Perrier* antes de lhe contar a sua história. Diz-lhe que Antoine a interceptou nas escadas para lhe oferecer um ramo de flores. Parece que todas as semanas o pessoal masculino do hotel elege a hóspede com os seios mais perfeitos e Brenda ganhara a eleição. O ramo de flores era uma prova da sua admiração e respeito. Ela está aflita porque o deixou no quarto de Antoine.

— No quarto de Antoine?

— Sim, ele aliciou-a a ir ver o quarto, um pequeno *chalet* no pinhal, e deu-lhe uma bebida; **147**

uma coisa levou à outra e ela acabou por consentir em fazer amor com ele.

— Que coisa tão pouco provável.

— Não necessariamente. Ter tirado o *top* em público pode ter despertado em Brenda um filão de devassidão que Harry desconhecia. De qualquer forma, ela está bastante bêbada e atrevida. Desata a provocá-lo com um relato vivo da perícia de Antoine como amante e afirma que ele é muito mais avantajado do que Harry.

— Cada vez pior — disse a mulher do autor.

— Então Harry prega-lhe uma bofetada.

— Ah, lindo. Muito lindo.

— Brenda despe-se parcialmente e arrasta-se para a cama. Algumas horas depois acorda. Harry está junto à janela, olhando para a piscina vazia em baixo, de um azul fantasmagórico à luz do luar. Brenda sai da cama, aproxima-se dele e toca-lhe no braço. *Vem para a cama*, diz ela. *O que eu te contei não era verdade*. Ele volta-se lentamente e encara-a. *Não era verdade?*, diz ele. *Não, inventei tudo*, diz ela. *Estive sentada no carro durante duas horas com uma garrafa de vinho e inventei a história. Porquê?*, diz ele. *Não sei*, diz ela. *Para te dar uma lição, acho eu. Estava farta de ti. Mas foi uma estupidez. Vem para a cama*. Mas Harry limita-se a abanar a cabeça e olha de novo pela janela. *Tu sempre disseste que o tamanho não importava*, disse ele. *E não importa, pelo menos para mim*, disse ela. *Já te disse, foi tudo inventado*. Harry limita-se a abanar a cabeça sem acreditar, contemplando em baixo as bordas da piscina, azuis e sem seios. Era assim que a história ia acabar: «ele contemplou em baixo as bordas da piscina, azuis e sem seios».

Enquanto assim falava, o próprio autor estava de pé à janela, olhando em baixo a piscina do hotel vazia, pois todos os hóspedes estavam a preparar-se para o jantar.

Apenas a figura solitária de Pierre se movia por entre

148 tre os guarda-sóis e as mesas, recolhendo toalhas de

banho abandonadas e tabuleiros de chá sujos.

— Hmm — disse a mulher do autor.

— Vês? A fixação de Harry pelos seios das mulheres — disse o autor — foi substituída por uma ansiedade relativa ao seu próprio corpo da qual nunca se libertará.

— Sim, estou a ver. Não sou totalmente destituída de espírito crítico, sabes? A mulher do autor veio à janela e olhou para baixo.

— Pobre Pierre — disse ela. — Nunca lhe passaria pela cabeça atirar-se a nenhuma mulher. Vê-se bem que é homossexual.

— Felizmente — disse o autor — a minha história ainda não ia muito adiantada quando o vento espalhou as folhas. Mas é melhor pegares No *Guia Michelin* e escolheres um novo hotel. Não suporto ficar aqui sempre em palpos de aranha para o caso de um hóspede regressar de um passeio pelo pinhal com um pedaço de ficção comprometedor nas garras. Que coisa mais extraordinária me havia de acontecer.

— Sabes? — disse a mulher do autor. — É uma história bem melhor.

— Sim — disse o autor. — Acho que a vou escrever. Vou-lhe chamar «Olho por olho, teta por teta».

— Não. Chama-lhe «Hotel das Mamas» — disse a mulher do autor. — As delas e os teus⁵.

— Então e as tuas?

— Não as metas ao barulho, por favor.

Nessa noite, muito mais tarde, quando estavam na cama e quase a cair no sono, disse a mulher do autor:

— Tu não queres mesmo que eu faça *topless*, pois não?

— Não, claro que não — disse o autor. Mas não pareceu totalmente convencido ou convincente.

¹Dada intraduzibilidade do trocadilho utilizado pelo autor no título original («Hotel des Boobs») – que aliás o próprio pressentiu, tendo-se-lhe referido expressamente na introdução ao livro de onde este conto foi retirado –, optámos, por defeito, pela presente tradução, que intencionalmente privilegia o sentido que nos parece ao mesmo tempo mais sugestivo para o leitor de língua portuguesa e mais consentâneo com a temática explícita do presente conto. (N.do T.)

²«Malícia»; em alemão no original. (N.do T.)

³Em francês no original: «C'est le petit mistral» (É o mistral); «moue» (careta, expressão); «Quel dommage!» (Que pena!) . (N.do T.)

⁴O Duke of Edinburgh's Award é um programa de ocupação dos tempos livres para jovens entre os 14 e os 25 anos, que goza de grande popularidade no Reino Unido e nos 59 outros países onde, desde 1956, se encontra implantado, tendo nele já participado mais de dois milhões e meio de jovens, entre os quais um número crescente de deficientes físicos e mentais (N.do T.).

⁵Reiterando a nossa nota a propósito da tradução adoptada para o título deste conto, aqui se espelha, inelutavelmente, a intraduzibilidade do trocadilho aí utilizado pelo autor no original, e neste ponto retomado, circunstância que nos obriga a explicitar sucintamente o sentido desta frase. Assim, tendo o autor designado o hotel por Hôtel des Boobs e sendo boob, em inglês, simultaneamente um «disparate», uma «asneira» e, no plural, em calão «mamas», aquilo que subjaz à frase em apreço é: «As [mamas] delas e os teus [disparates]». (N.do T.)

FICÇÕES nº 1 (1º semestre 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekhov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia.

FICÇÕES nº 2 (2º semestre 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímír Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente.

FICÇÕES nº 3 (1º semestre 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzati | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto.

FICÇÕES fora-de-série (Julho 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladimír Nabokov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge.

FICÇÕES nº 4 (2º semestre 2001)

Henry James | Ambrose Bierce | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Dois portugueses inéditos a seleccionar.

Os autores que pretendam enviar contos para a revista FICÇÕES podem fazê-lo através de correio electrónico para o seguinte e-mail:

tintapermanente@mail.pt

Ou através dos CTT para o seguinte endereço:

TINTA PERMANENTE
Revista “Ficções”
Av. Igreja, 9-3º Esq.
1700-230 Lisboa

Este é o primeiro número fora-de-série da FICÇÕES, uma edição temática que antologia dez contos sobre o Verão e as férias. São textos que falam de viagens sem destino, de viagens que por vezes acabam mal, de amores de Verão com desenlaces inesperados, de piscinas órfãs, de insanos nadadores. Nina e Filipe Guerra traduziram *A senhora do cãozinho*, de Tchekov e *Nuvem, castelo, lago*, de Nabókov. Traduziu-se este último do original russo (embora a tradução/reescrita do conto em inglês, orientada pelo autor, seja considerada entre nabokovianos, como o texto definitivo). *Agosto azul*, de Teixeira Gomes, é o texto obrigatório do Verão algarvio: aberto, espreado, glorioso, a relembrar um autor extraordinário. Segue-se *Montes como elefantes brancos*, um conto clássico de Hemingway, talvez o seu conto mais antologado, um diálogo de subtilezas, numa pequena estação de comboio em Espanha. De Flannery O'Connor, em tradução de Clara Pinto Correia, incluímos o arrepiante *Os homens bons não são fáceis de encontrar*. De John Cheever, *O nadador*, em tradução de José Lima. *A ilha ao meio-dia*, traduzido por Carlos Barata, é uma história cujo desenlace é bem próprio de Julio Cortázar. *O grande passeio*, de Clarice Lispector e *A piscina órfã*, de John Updike, cada um em seu universo, são contos de separação e despedida. A concluir, o conto de David Lodge, *Hotel das mamãs*, traduzido por Vítor Silva Mota, um texto burlesco que especula sobre o intrigante código de conduta do *topless*.

